

1. INTRODUÇÃO

Na presente tese assumimos a ideia de que a estrutura sintáctica dos enunciados linguísticos codifica propriedades relativas ao discurso ou à função informacional e, conseqüentemente, à tipologia frásica subjacente àqueles enunciados.

A questão da relação entre a estrutura sintáctica e o discurso (ou entre a sintaxe e a pragmática) tem sido largamente debatida na literatura. Nas secções seguintes apresentaremos, sucintamente, algumas perspectivas.

1.1. Delimitação do objecto de estudo

Pretendemos, com esta tese, estudar construções-Wh pragmaticamente marcadas, como por exemplo, interrogativas-Wh que não apresentam o valor típico das construções interrogativas mas diferentes valores discursivos.

As interrogativas-Wh são estruturas que tipicamente contêm uma variável por identificar. Numa frase como:

(1) Quem comeu o bolo?

o falante pede informação sobre o valor dessa variável representada em Wh-. As interrogativas que aqui trataremos desviam-se deste padrão ou apresentando já uma identificação da variável, ou estratégias que a pressupõem. São exemplos dessas construções frases como:

- (2) a. Quem gosta de pagar impostos?
b. O que diabo estás tu a fazer?

Em (2), contrariamente ao que acontece em (1), o falante não pede informação sobre o valor da variável. Pelo contrário, conhece o valor dessa variável. Em (1) sabe que 'ninguém' gosta de pagar impostos; em (2) revela estranheza sobre o que o seu interlocutor está a fazer, conhecendo, portanto, pelo menos em parte, o valor da variável.

Coloca-se então uma primeira questão: a de saber se, de um ponto de vista sintáctico, estamos ou não perante estruturas interrogativas.

Ambar (2000, 2001) e Obenauer (2004, 2006) dividem as construções interrogativas em *standard* (com um valor de pergunta¹) e *não-standard* (sem um verdadeiro valor de pergunta). Neste último grupo, tendo em consideração diferenças sintáticas e pragmáticas, Obenauer propõe que se distingam três subtipos de estruturas interrogativas: (i) *Can't-find-the-value questions* (CfvQs), (ii) *rethorical questions* (RQs), (iii) *surprise-disapproval questions* (SDQs)².

Uma segunda questão é a de percebermos se esta divisão/classificação tem equivalente em português europeu. Também em português existem diferenças na estrutura sintática destas construções, correspondentes a *nuances* interpretativas, que motivam a resposta afirmativa a esta questão.

Uma terceira questão consiste em saber como são codificadas estas diferenças. Segundo Ambar (1996, 2001), Obenauer (2004), Poletto (2000), Rizzi (1997), e.o., é o mapeamento hierárquico (cartografia) da estrutura que codifica as propriedades relevantes para as diferentes interpretações discursivas:

“The cartography of syntactic structures is the line of research which addresses this topic: it is the attempt to draw maps as precise and detailed as possible of syntactic configurations.” (Cinque & Rizzi, 2008:42)

O trecho da estrutura da frase em que tal codificação se faz tem sido designado de Periferia Esquerda (doravante LP do inglês Left Periphery), correspondendo este ao desdobramento de CP (*Split-CP*), que já em anteriores versões da gramática generativa (e.g. Teoria da Regência e da Ligação (Government and Binding Theory, doravante LGB, de Chomsky 1981) fazia a ligação entre o “conteúdo proposicional” da frase (codificado em IP) e o discurso (Rizzi 1997; Ambar 1996). Desse modo, a interpretação e as diferenças de ordem de palavras estariam intimamente relacionadas:

“Much work on the fine structure of the left periphery investigates the syntax of dedicated scope-discourse positions in various languages.” (Cinque & Rizzi, 2008:50)

A teoria de derivação por fases (Chomsky 1999, 2005, 2007) também relaciona o nível da estrutura sintática com o nível da interpretação:

¹ Na literatura encontra-se por vezes uma distinção entre *interrogative* e *question*. Usaremos o termo *interrogativa* referindo ambos os sentidos.

² As denominações de Obenauer são mnemónicas. O autor procurou atribuir nomenclaturas transparentes que mostrassem claramente o intuito informacional impresso em cada construção.

“If at various stages of computation there are *Transfer* operations: one hands the SO already constructed to the phonological component [...]; the other hands SO to the semantic component [...]. Call these SOs *phases*.” (Chomsky, 2005:9)

Haverá alguma relação entre os domínios de fase, a estrutura cartográfica e os diferentes subtipos de interrogativas? Serão as diferenças pragmáticas o resultado, não só da derivação composicional pela estrutura cartográfica, mas também da projecção de fases distintas?

Como veremos, as diferenças de gramaticalidade parecem favorecer uma análise que vai ao encontro desta ideia.

Esta tese visa dar os primeiros passos na sistematização dos subtipos de interrogativas-Wh *não-standard* existentes em português europeu. Tendo em conta as propriedades sintácticas distintivas, compará-las-emos com as exclamativas-Wh, visando estabelecer fronteiras entre os diferentes subtipos.

Para esta descrição basear-nos-emos em trabalhos sobre estes fenómenos em outras línguas, desenvolvidos no âmbito do Programa Minimalista (doravante PM), nomeadamente Obenauer (2004, 2006), procurando testar as hipóteses aí avançadas na nossa língua objecto (PE), com algumas incursões em outras línguas quando nos fornecerem dados confrontáveis relevantes.

O presente trabalho insere-se, assim, no quadro da gramática generativa desenvolvido por Chomsky, nas suas diferentes fases, nomeadamente no Programa Minimalista, assumindo particular importância neste trabalho os estudos reunidos pela designação ‘cartográfica’ ou de ‘Periferia Esquerda’.

Esta tese pretende, assim, contribuir modestamente, por um lado para o conhecimento da língua portuguesa, através da descrição de estruturas até agora pouco conhecidas; e, por outro, para a discussão do quadro teórico em que se insere.

Espera-se que, simultaneamente, as teorias adoptadas permitem explicar as diferenças de gramaticalidade em várias estruturas e predizer correctamente novos fenómenos.

Este trabalho apresenta a seguinte estrutura: primeiramente, levantaremos algumas questões relacionadas com a problemática da tipologia frásica (secção 1); seguidamente iremos proceder a uma descrição intuitiva das construções-Wh em estudo, de uma forma ordenada, classificando as diversas estruturas e agrupando-as em subtipos de acordo com parâmetros sintácticos e valores discursivos (secção 2);

depois exporemos os aspectos mais relevantes do quadro teórico em que nos apoiaremos (secção 3), para de seguida apresentarmos algumas reflexões (secções 4-5) e a análise dos dados segundo os critérios adoptados (secções 6-7); e, por fim, tentaremos esboçar a relação que a sintaxe e o discurso apresentam, e a importância dessa interface para a produção dos enunciados (secção 8).

1.2. Primeiras questões

1.2.1. Forma vs. Função

Estruturalistas norte-americanos, como Bloomfield (1933) e Harris (1951, 1968) excluíram dos seus trabalhos a questão do significado e da pragmática, fazendo incidir o estudo sobretudo sobre a forma das construções, uma vez que a semântica/pragmática abarcaria um domínio com variáveis externas à linguagem. O objectivo do linguista é, então, desde essa altura, encontrar formas explícitas e inequívocas de descoberta da estrutura das línguas, independentes de factores extralinguísticos.

Saussure (1915), estruturalista europeu, distinguiu *Língua* de *Fala*, descrevendo *Língua* como um sistema de valores instaurado na mente de todos os falantes e *Fala* um acto individual sujeito a factores não-linguísticos externos ao falante. Desse modo, apenas a primeira reunia condições para ser objecto de estudo da linguística.

Também Chomsky (1965) apresenta a dicotomia *competência-performance*, em que *competência* é uma capacidade idealizada e *performance* é a produção real dos enunciados linguísticos³:

“Linguistic theory is concerned primarily with an ideal speaker-listener, in a completely homogeneous speech-communication, who know its (the speech community's) language perfectly and is unaffected by such grammatically irrelevant conditions as memory limitations, distractions, shifts of attention and interest, and errors (random or characteristic) in applying his knowledge of this language in actual performance.” (Chomsky 1965:3)

³ Posteriormente, Chomsky (1986b) faz uma distinção entre Língua Externa e Língua Interna. Embora semelhante, esta dicotomia é distinta da de Competência-performance: a língua-I(nterna) é o conhecimento linguístico que o falante contém (na sua mente), sendo, por isso, o objecto de estudo da linguística; a língua-E(xterna) refere-se a todos os restantes aspectos relacionados com a língua, como sociolinguísticos (a comunidade social em que o falante se insere). Segundo o autor, o domínio da pragmática pertence à Língua Externa e o da sintaxe à Interna.

Por outro lado, funcionalistas, como Searle (1969, 1974, 1979) e Austin (1962, 1979), consideraram que a forma não podia ser isolada da função de comunicação, consequentemente da semântica/pragmática:

“In general an understanding of syntactical facts requires an understanding of their function in communication since communication is what language is all about” (Searle, 1974:16).

A tradição generativa iniciada por Chomsky cingiu-se inicialmente ao estudo das regras formais/sistema computacional (cf. Chomsky 1957, 1965). Chomsky (1980) nota a diferente natureza das várias componentes envolvidas na computação e na performance da linguagem humana⁴:

“‘Knowing a language’ is not a unitary phenomenon, but must be resolved into several interacting but distinct components.” (Chomsky, 1980:54)

Para o autor, esta possibilidade poderá significar que as diferentes componentes pertencem a níveis distintos de computação:

“The conceptual aspect of language and the conceptual system are quite different represented in the mind and brain, and perhaps [...] the latter should not strictly speaking be assigned to the language faculty at all but rather considered as part of some other faculty that provides “common sense understanding” of the world in which we live.” (Chomsky, 1980:55)

Em consequência, neste estágio, o estudo da linguagem humana não se debruçava sobre o significado que as frases iriam codificar:

“What speakers do is in accordance with rules, or is described by rules. [...] Judgment and performance are guided by mental computation involving these internally-represented rules and principles, which are surely not accessible to consciousness.” (Chomsky, 1980:129-130)

Essa abstracção do significado é importante na medida em que permite procurar algoritmos sem a interferência de variáveis extra-linguísticas (pragmáticas,

⁴ Tendo esse aspecto da linguagem presente, Chomsky nota que esta distinção não é concludente: “These remarks are, obviously, not intended to be in any sense definitive, but they do illustrate how empirical considerations can bear on fairly subtle questions concerning representations and rules.” (Chomsky, 1980:167)

sociolinguísticas, etc.).

Partindo de estruturas que denotam foco discursivo através de propriedades estruturais específicas, Chomsky coloca também a questão da relação que as regras formais e o intuito discursivo mantêm entre si:

“I discussed whether rules of grammar are involved in giving representations that provide the information relevant to the appropriateness of certain discourses involving such sentences as “It was DICKENS who wrote *Moby Dick*”, so called “cleft sentences”.” (Chomsky, 1980:166)

Segundo o autor, para atingir a interpretação desejada de, neste caso, Foco, esta propriedade discursiva torna-se relevante e indispensável para a computação da construção numa estrutura clivada:

“The rule of FOCUS may be involved in determining the LF-representation of cleft sentences [...], then since the rule of FOCUS does appear to be part of the mapping from S-structure to LF [...] LF will include an indication of focus and presupposition in the sense relevant to determining the status of cleft sentences and the discourse in which they are appropriate. Suppose it were that the presupposition in question is “pragmatic” rather than “logical” [...] We would then conclude that LF provides representations relevant to pragmatic presupposition.” (Chomsky, 1980:167)

Olhando para construções com foco, em PE, nas respostas a interrogativas-Wh em que a variável tem a função de sujeito frásico (substituído na resposta por informação nova), temos obrigatoriamente inversão sujeito-verbo (doravante ISV) (Ambar 1988, 1996), o que nos mostra que a relação sintaxe-pragmática influencia de forma visível a realização dos enunciados:

- (3) Quem comeu a tarte?
- a. Comeu a Joana.
 - b. A tarte comeu a Joana.
 - c. *A Joana comeu.
 - d. *A Joana comeu a tarte.
 - e. *Comeu a Joana a tarte. (ex. (7) Ambar, 1996:27)

Esta interacção entre estrutura e função de comunicação mostra que as duas perspectivas anteriormente apresentadas não são antagónicas como parecem e deverão

ser relacionadas. Respondendo à questão de Searle referida na página anterior, Chomsky afirma:

“Surely there are significant connections between structure and function; this is not and has never been in doubt. ... Searle argues that ‘it is reasonable to suppose that the needs of communication influenced [language] structure’. I agree.” (Chomsky, 1975:56).

Considerando o tipo frásico interrogativo, apercebemo-nos de que a sintaxe destas construções (cf. alteração da ordem de palavras em (3) acima) implica um contexto discursivo entre um falante e um ouvinte e o seu conhecimento partilhado sobre o mundo. Neste sentido, alguma ‘pragmática’, que não foi tida em conta nos trabalhos em gramática generativa, estará necessariamente envolvida.

Aspectos da relação sintaxe-discurso têm sido tratados de forma detalhada em trabalhos recentes que se inserem na chamada perspectiva cartográfica (cf. Ambar 1996, 2001; Cinque 1990; Obenauer 2004, 2006; Pollock 2001; Poletto 2000; Rizzi 1997, e.o.). O domínio do Split-CP é, então, visto como:

“the interface between a propositional content (expressed by the IP) and the superordinate structure (a higher clause or, plausibly, the articulation of discourse, if we consider a root clause)” (Rizzi, 1997:283).

Esse domínio “express the fact that a sentence is a question, a declarative, an exclamative, a relative, a comparative, an adverbial of certain kind, etc. [(...)]. This information is sometimes called the Clausal Type (Cheng 1991), or the specification of Force (Chomsky 1995).” (Rizzi, 1997:283)

Com a ideia de computação por fases (Chomsky 1999, 2005, 2007), a interface sintaxe-semântica foi teorizada. Chomsky (2005) não desconsidera a hipótese de um domínio estrutural periférico ao domínio estrutural interno da frase, onde as relações entre a sintaxe e o discurso possam ocorrer repercutindo-se na forma da frase:

“If we adopt Rizzi’s approach to the left periphery [(...)] suppose that the moved phrase is labeled by an interpretable interrogative *wh*-feature. Then it will have to reach the right position in the left periphery for interpretation, or be associated with such a position by some other operation. (Chomsky, 2005:18)

A questão da relação entre a estrutura e a função discursiva torna-se também

relevante para a caracterização dos enunciados numa tipologia frásica. Na próxima secção abordamos brevemente esta questão.

1.2.2. Tipologia frásica e Gramática Tradicional

Um sistema de classificação das frases ou dos enunciados por tipos depende dos aspectos tidos em consideração nessa classificação. Coloca-se então a questão de saber em que parâmetro deve o estudioso da língua basear-se para o estabelecimento de uma tipologia dos enunciados. Deverá a classificação ser guiada por parâmetros meramente sintácticos ou por parâmetros discursivos ou pela combinação dos dois?

Alguns gramáticos tradicionais como João de Barros (1540), Jerónimo Soares Barbosa (1830), Epifânio da Silva Dias (1933) e Cunha & Cintra (1984) não se referem explicitamente a esta questão. Deste modo, as suas gramáticas não oferecem uma tipologia frásica ou dos enunciados explícita. Observe-se, no entanto, que nestas gramáticas existem referências a tipos de frase tais como frase interrogativa e frase imperativa. Cunha & Cintra, por exemplo, referem construções interrogativas quando apresentam os pronomes interrogativos e inserem construções imperativas quando falam sobre o modo verbal imperativo.

Houve, porém, estudos de gramática tradicional do português que consideraram explicitamente uma tipologia frásica. Comummente esses estudos basearam-se nas propriedades discursivas dos enunciados. Ao fazer corresponder essa tipologia a determinadas propriedades discursivas, aproximaram-na da tipologia que foi considerada pelos funcionalistas. Vejamos algumas dessas classificações:

A) Bechara (2001) divide os enunciados tendo em conta “a intenção comunicativa do enunciado que o falante quer transmitir ao seu interlocutor” (Bechara, 2001:407):

“(1) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (Pedro estuda. Pedro não estuda.);

(2) ou para indagar sobre algo (Pedro estuda? Pedro não estuda? Quem chegou?);

(3) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo.);

(4) ou para chamar-lhe a atenção (Ó Pedro.);

(5) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (Que prazer! Como

está frio!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: declarativo ou enunciativo, interrogativo, imperativo-exortativo, vocativo e exclamativo, dos quais o primeiro corresponde à função representativa-informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva.” (Bechara, 2001:407)

B) Vilela (1999) define “tipos de frase” também de acordo com a intenção do falante, distinguindo dois grupos:

(1) se o falante se dirige a um destinatário:

a) frases com que se pretende provocar uma reacção no destinatário:

i) Interrogativas:

- “interrogações totais (ou interrogações frásicas) que ocorrem quando se está inseguro acerca da existência de um estado de coisas” (Vilela,1999:310);

- “interrogações parciais (ou interrogações de complementos ou interrogações de palavras) em que apenas um dos componentes do estado de coisas é desconhecido” (idem);

ii) Imperativas: “nas imperativas procura-se fazer com que o destinatário faça algo” (Vilela,1999:309);

b) frases em que apenas se comunica algo:

iii) Declarativas: “nas frases declarativas apenas se pretende comunicar algo” (idem);

(2) se o falante não se dirige a um destinatário:

iv) Optativas

v) Exclamativas

(Vilela, 1999:309-310)

C) Nunes et al. (1979) basearam-se nos mesmos mecanismos discursivos, para o estabelecimento dos seus “tipos de frase”:

“(1) Frase enunciativa (ou declarativa) - o emissor enuncia ou declara o seu pensamento ou exprime uma ideia. [...]

(2) Frase interrogativa - formula uma pergunta. [...]

(3) Frase imperativa - exprime:

- uma ordem

- um conselho

- um pedido
- uma hipótese
- uma chamada de atenção. [...]

(4) Frase exclamativa - põe em relevo um sentimento forte (indignação, surpresa, entusiasmo, admiração).” (Nunes et al., 1979:32-33)

D) Mateus et al. (2003), tal como outras gramáticas mais teóricas, descritivas e/ou explicativas, distingue os enunciados recorrendo também a noções discursivas:

“(1) Tipo declarativo: trata-se de frases com certas propriedades gramaticais, que podem exprimir qualquer tipo de acto ilocutório [...].

(2) Tipo imperativo: trata-se de frases com certas propriedades gramaticais, que exprimem actos directivos de ordem [...].

(3) Tipo interrogativo: trata-se de frases com certas propriedades gramaticais, que exprimem actos directivos de pedido (de acção ou de informação) [...].

(4) Tipo exclamativo: trata-se de frases com certas propriedades gramaticais, que exprimem actos expressivos de avaliação [...].

(5) Tipo optativo: trata-se de frases com certas propriedades gramaticais, que exprimem actos expressivos de desejo [...].” (Mateus et al., 2003:435-436).

Alguns gramáticos notaram que a distinção feita pela gramática tradicional se baseia unicamente em princípios comunicativos/discursivos e que não divide tipologicamente os enunciados em tipos sintácticos, não considerando assim a relação entre a componente discursiva e a sintáctica:

“Normalmente não se tem em consideração a forma da frase, mas apenas a sua função comunicativa.” (Bechara, 2001:309)

Contudo, os enunciados distinguem-se quer pela sua finalidade comunicativa quer pela sua forma, sendo que as frases apresentam uma determinada forma consoante o valor comunicativo que pretendem veicular. Foi esta relação que ficou por tratar quer pela gramática tradicional quer por trabalhos mais recentes.

Se os enunciados têm sido tipologicamente descritos consoante as propriedades discursivas que apresentam, então essa tipologia é uma tipologia de enunciados e não uma tipologia frásica. A distinção entre frase e enunciado torna-se pertinente. No *Dicionário de Termos Linguísticos* encontramos a seguinte definição de frase, atribuída a

Levinson (1983):

“Elemento teórico abstracto, no interior do qual funcionam outros elementos menores.”
(in *Dicionário de Termos Linguísticos*, letra F - pág.60 – definição 953)

Na mesma obra, Chomsky (1981, 1988) define frase assim:

“Domínio sintático de predicação em que existe informação de tempo (modo, aspecto) e acordo, ou seja, em que a relação entre o predicado (SV) e o sujeito (SN) é estabelecida através do núcleo funcional.” (in *Dicionário de Termos Linguísticos*, letra F - pág.60 – definição 1459)

Para enunciado, encontramos na mesma fonte a seguinte definição, também atribuída a Levinson (1983):

“O resultado da produção discursiva num contexto particular. [...] um enunciado corresponde, não apenas a uma frase mas a uma parte de discurso (uma frase, uma parte de frase, duas frases, etc.) associada ao contexto em que é enunciada.” (in *Dicionário de Termos Linguísticos*, letra E - pág.20 – definição 902)

Porém, embora as noções de frase e de enunciado refiram realidades distintas, têm sido comumente confundidas ao longo dos tempos nas gramáticas tradicionais, sendo muitas vezes utilizadas de modo equivalente. Por exemplo, Bechara utiliza o termo *enunciado* enquanto Vilela e Nunes et al. utilizam o termo *frase*, referindo-se a actos de fala:

“Sendo a frase a mais pequena unidade comunicativa, é normal que em cada frase o falante tenha uma intenção bem definida: qualquer frase incorpora necessariamente uma certa função comunicativa, um determinado objectivo. De acordo com a intenção do falante, há determinados tipos de frase.” (Vilela, 1999:308-309) (o sublinhado é nosso)

“São vários os tipos de frase, consoante a mensagem a transmitir numa comunicação emissor-receptor.” (Nunes et al., 1979:32) (o sublinhado é nosso)

A gramática de Mateus et al. faz uma ligação entre os termos “frase” e “acto ilocutório”, utilizando a designação “tipo de frase” com o intuito de classificar “actos ilocutórios”.

Assumirei a designação de frase/tipologia frásica para as estruturas dos enunciados assente em critérios estruturais, embora mantendo uma terminologia motivada em critérios discursivos.

1.2.3. A problemática das construções em estudo

Independentemente das denominações dadas pelas diversas gramáticas, a divisão das frases em tipos nem sempre é clara. Existem muitos casos em que as frases apresentam propriedades aparentemente dúbias ao nível do discurso.

Mateus et al. (2003) acrescenta, em nota de rodapé, que nem sempre uma interrogativa denota um pedido de informação verbal:

“Algumas interrogativas são pedidos indirectos de uma acção e por isso não requerem resposta verbal mas sim um acto futuro do alocutário; por exemplo: (i) Podes fechar a janela? (ii) Passas-me a pimenta? (iii) Importaste-te [importas-te] de pôr o rádio mais baixo?” (Mateus et al., 2003:460, n27).

Esta gramática refere ainda que certas construções apresentam propriedades pertencentes a mais do que um tipo frásico:

“Assim acontece com exclamativas como as chamadas interrogativas retóricas, que partilham propriedades de exclamativas totais e de frases interrogativas” (Mateus et al., 2003:481).

Mateus et al. notam mesmo que:

“Não existe isomorfismo entre tipo sintáctico a que pertence uma frase e acto ilocutório realizado através da sua produção” (Mateus et al., 2003:435)

Sendo verdade, espera-se que um determinado valor informacional possa idealmente ocorrer em tipos frásicos distintos, permitindo a enunciação de frases como as interrogativas retóricas, com uma estrutura semelhante às interrogativas e uma função discursiva mais próxima das exclamativas. Estas possibilidades mostram que as tipologias frásicas apresentadas anteriormente não são taxativas.

A fronteira entre os tipos de frase é de facto muito ténue. Isso conduz-nos a um

dos problemas centrais da presente tese:

- Que valores discursivos entram em cada tipo frásico? Onde se encontra a fronteira e como a definir?

É meu objectivo descrever e explicar os diferentes valores que uma estrutura interrogativa pode adquirir em diferentes contextos que não se limitem a interrogação ou pedido de identificação de uma variável, tentando estabelecer o limite de transição entre essas construções e as restantes (exclamativas e imperativas). O conjunto de todos os tipos frásicos parece esgotar as possibilidades de enunciação linguística, pelo que uma análise detalhada de todos eles representa um domínio de trabalho demasiado ambicioso que se tornaria imperativamente inexecutável. Em consequência, delimitarei ainda o meu objecto de estudo a estruturas-Wh, i.e. a estruturas que contenham um elemento caracterizado como [+Wh] ([+Qu]).

Nas línguas naturais existe uma ampla variedade de construções com um elemento-Wh (interrogativas, exclamativas, relativas e clivadas) tradicionalmente analisadas como construções independentes. Uma tipologia de frase em interrogativas, exclamativas e imperativas assenta apenas em critérios de comunicação, excluindo as relativas e as clivadas visto as definições de relativa e clivada assentarem mais em critérios estruturais. Note-se, no entanto, que, embora a classificação tradicional de relativas e clivadas não pareça assentar em critérios discursivos, também estas estruturas são por hipótese motivadas por propriedades do discurso.

Para além da distinção em tipos frásicos, a gramática tradicional distinguiu formas em que as frases podem ocorrer. Este é o caso das construções passivas, das clivadas e das de negação e de afirmação.

Se, por um lado é verdade que as formas são independentes do tipo frásico dos enunciados em que se inserem permitindo-nos ter construções afirmativas vs. negativas e/ou activas vs. passivas em qualquer dos tipos anteriormente referidos (talvez com restrições sobre as passivas nas imperativas), também é verdade que, considerando como principal parâmetro o objectivo de comunicação, não podemos deixar de notar a diferença informacional nas construções passivas e/ou negativas, com um peso específico sobre determinados elementos comumente neutros nas construções activas e/ou afirmativas.

Observe-se o seguinte paradigma:

- (4) A Sofia dançou a valsa. (activa)
- (5) A valsa foi dançada pela Sofia. (passiva)
- (6) Quem dançou a valsa? (interrogativa activa)
- (7) A valsa foi dançada por quem? (interrogativa passiva)

Se o que diferencia (4) e (5) de (6) e (7) é o objectivo informacional de declaração vs. de interrogação, por outro lado, o que diferencia (4) de (5) e (6) de (7) é também o objectivo informacional que distingue a maior vs. menor proeminência que o falante pretende dar a cada um dos argumentos verbais da frase (o mesmo acontecendo em construções clivadas (ex. (8)) e relativas (ex. (9))).

- (8) Foi a Sofia que dançou a valsa.
- (9) A valsa que a Sofia dançou era linda.

Quando nos debruçamos sobre a tipologia dada pela gramática tradicional, que divide intuitivamente entre tipos e modos frásicos, vimos que já nessas formulações existia uma clara distinção entre duas formas de classificar os enunciados linguísticos: estrutural e discursiva.

Nem sempre a distinção discursiva corresponde visivelmente a uma estrutural. Em (10)-(11), apenas a diferença prosódica distingue os enunciados:

- (10) O João é lindo.
- (11) O João é lindo!

Em (10)-(11), a distinção prosódica é clara na oposição declarativa vs. exclamativa. O mesmo não podemos dizer do contraste em (12)-(13), em que a oposição prosódica é menos clara⁵:

- (12) Quem convidaste tu para a festa?!

⁵ Só um trabalho sobre a prosódia destas construções com medições acústicas sistemáticas poderá oferecer uma resposta.

(13) Quem tu convidaste para a festa!

Uma tipologia assente em critérios meramente discursivos pode não ser clara em frases como (12)-(13). Serão (12)-(13) frases interrogativas ou exclamativas? Tendo em conta apenas o conteúdo informacional, torna-se difícil delinear uma distinção entre as duas que insira a primeira no grupo das frases interrogativas e a segunda no das exclamativas. Como demonstrado por vários linguistas (ver Ambar 1988, 2000; Obenauer 1994, 2004; e.o.) são aspectos sintácticos que respondem de uma forma inequívoca a esta questão (como a presença vs. ausência de inversão sujeito-verbo nos exemplos (12)-(13), respectivamente). Com efeito, o facto de o objectivo de comunicação ser diferente é relevante para a distinção dos enunciados, mas as propriedades estruturais que os distinguem (como a ordem de palavras) são cruciais para a identificação do tipo frásico. Mateus et. al nota que:

“O conceito de tipo sintáctico é definido com base na presença de elementos gramaticais que apresentam relações sistemáticas de co-ocorrência” (Mateus et al., 2003:435)

Consequentemente, esperamos encontrar tipos de frase, sintacticamente determinados independentemente do seu valor informacional como por exemplo, a diferença entre interrogativas (ex. (14)) e exclamativas (ex. (15)):

(14) a. O que disse o João?
b. O que o João disse?

(15) O que o João disse!

Por outro lado, uma vez que a estrutura informacional é também relevante na distinção entre os tipos frásicos, como expresso na tradição gramatical portuguesa, esperamos encontrar tipos de frase discursivamente definidos independentemente da sua forma sintáctica (como por exemplo, a diferença entre interrogativas com um valor neutro e interrogativas com um valor marcado como as interrogativas retóricas. Com efeito, proliferam exemplos como (16)-(17), em que a estrutura de superfície é semelhante mas o valor pragmático é distinto:

- (16) a. Quem gosta de passear?
b. Eu, o Luís e o Pedro.
- (17) a. Quem gosta de cair?
b. #Eu, o Luís e o Pedro.
c. Ninguém.

Note-se que (16a) é, do ponto de vista sintáctico, bem formada, introduzindo uma nova questão – a da gramaticalidade vs. aceitabilidade⁶. Esta diferença é importante na procura de propriedades que permitam subdividir tipologicamente os enunciados. Para uma distinção puramente sintáctica, apenas se torna relevante o contraste gramatical vs. agramatical. Porém, se admitirmos que, tanto a componente sintáctica como a componente discursiva são relevantes nessa subdivisão, o contraste aceitável vs. não-aceitável pode criar pares mínimos relevantes que ajudem na distinção tipológica de enunciados ambíguos.

Em suma, parece que é da simbiose entre estrutura e significado que resulta o tipo frásico dos enunciados. Porém, estes dois aspectos nem sempre se combinam harmoniosamente, não sendo fácil fazer corresponder um tipo de frase estrutural a um tipo de frase discursivo. São algumas questões relacionadas com este aspecto dúbio da tipologia das frases que pretendemos explorar e analisar neste trabalho, fazendo-o incidir particularmente em construções-Wh.

2. DESCRIÇÃO/CARACTERIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES-WH

Nesta secção trataremos da caracterização das construções-Wh que constituem

⁶ Gramaticalidade:

“Característica das construções conformes às regras de uma determinada gramática. (Dicionário de Termos Linguísticos, letra G - pág.26 - definição 3369)

Agramaticalidade:

“Característica das construções não conformes às regras de uma determinada gramática. Fonte: CHOMSKY (1965)”. (in *Dicionário de Termos Linguísticos, letra A - pág.68 - definição 2393*)

Aceitabilidade:

“Diz-se que um enunciado é aceitável quando o seu uso é considerado normal ou possível pelos falantes nativos da língua em que é produzido. Este juízo depende, no entanto, de variáveis como o contexto de produção do enunciado ou a variedade linguística - regional ou social - dos falantes. Embora este conceito surja por vezes relacionado com o de gramaticalidade, eles não se pressupõem reciprocamente. Do ponto de vista da gramática generativa, a aceitabilidade é analisada em termos de performance enquanto a gramaticalidade o é em termos de competência.” Fonte: CHOMSKY (1965)” (in *Dicionário de Termos Linguísticos, letra A - pág.8 - definição 3368*)

o nosso objecto de estudo: interrogativas-Wh e exclamativas-Wh, e seus subtipos.

As interrogativas-Wh e as exclamativas-Wh exibem características formais que, por um lado, as distinguem de outros tipos de frase e que, por outro, as distinguem entre si.

2.1. Interrogativas-Wh vs. Exclamativas-Wh

2.1.1. Valor interrogativo vs. avaliativo

As interrogativas-Wh representam proposições abertas, i.e., proposições com uma variável não identificada.

(18) Quem comeu o bolo?
'Que x, x é [+ humano], x comeu o bolo.'

(19) Que bolo o João comeu?
'Que x, x é um bolo, o João comeu x.'

Essas proposições cobrem o conjunto de todas as respostas possíveis, sendo este restrito e estando condicionado pela forma do constituinte interrogativo e pelo conhecimento do mundo real. O conjunto das respostas possíveis pode ser restringido através de métodos inequívocos para os falantes e que podem variar através das línguas.

As exclamativas-Wh, pelo contrário, são proposições com a variável identificada. O falante conhece o valor da variável expressando-se sobre ela (o valor é avaliativo). O propósito destas construções parece ser o de indicar o valor do sintagma-Wh fazendo uma apreciação:

(20) Que dia está hoje!

(21) Que livro que a Aurora leu!

Em (20) entenda-se que 'hoje está ou um dia lindo ou chuvoso ou ventoso, etc.' e o falante sabe-o, daí que esse atributo se possa acrescentar à frase de uma forma visível (Ambar 2000):

(22) Que (lindo/péssimo) dia está hoje!

Também em (21), o falante sabe bem qual é o livro que a Aurora leu e considera-o um livro ótimo/péssimo, sendo igualmente compatível com a inserção de um adjectivo:

(23) a. Que belo livro que ele está a ler!
b. Que livro fantástico que ele está a ler!

(24) a. Que livro horrível que ele está a ler!
b. Que péssimo livro que ele está a ler!

Esta possibilidade distingue as exclamativas-Wh das interrogativas-Wh. Ao contrário das primeiras, as segundas não aceitam um modificador, mantendo a interpretação de proposição aberta com variável por identificar. Com efeito, quando um modificador é foneticamente realizado numa interrogativa-Wh, esta passa a ter um certo valor eco:

Exclamativas-Wh:

(25) a. Que livro fantástico ele está a ler!
b. ?Que livro fantástico está ele a ler!

Interrogativas-Wh:

(26) a. ??Que livro fantástico ele está a ler?
b. ??Que livro fantástico está ele a ler?

Interrogativas-Wh-eco:

(27) a. ?Que livro fantástico ele está a ler?
b. Que livro fantástico está ele a ler?

Numa primeira abordagem o que parece restringir a ocorrência de adjectivos em interrogativas, mas não em exclamativas, é o seu carácter avaliativo. Com efeito, como exemplificado em (28), adjectivos ou sintagmas preposicionais não avaliativos não conduzem obrigatoriamente ao valor 'eco' referido:

Interrogativas-Wh:

- (28) a. Que ilhas atlânticas já visitaste?
b. Que livro de matemática compraste?
- (29) a. */?Que/Quantos livros valiosos já te passaram pelas mãos?
b. */?Que saias bonitas compraste?

Exclamativas-Wh:

(30) Que livro de matemática que tu compraste!

(31) Que saias bonitas que tu compraste!

Deixo para futura investigação este tópico.

2.1.2. Posição do sintagma-Wh

Como é conhecido, em PE, em estruturas interrogativas, os sintagmas-Wh podem ocorrer quer em posição inicial quer *in-situ*. Existe, no entanto, nas diferentes línguas naturais alguma variação paramétrica quanto à posição que o sintagma-Wh ocupa. Algumas línguas exigem para os seus sintagmas-Wh a posição *in-situ* (Chinês), outras a inicial (Húngaro, Búlgaro) e outras permitem as duas opções (Francês e Português), podendo mostrar preferências (Português do Brasil por *in-situ*, Português Europeu por inicial) (Ambar & Veloso 1999; Ambar 2000, 2001; Duarte 2000).

A oposição entre línguas que exibem movimento-Wh visível (e.g. PE) e línguas que não o permitem (e.g. Chinês) é explicada na LGB (Chomsky 1981) por um parâmetro que remete esse movimento para a Sintaxe ou Forma Lógica (doravante FL), respectivamente. Em qualquer dos casos a relação operador-variável, exigida pela interpretação, estaria assegurada - em línguas do tipo PE, em sintaxe, em línguas do tipo chinês, em FL (Huang 1982). Por outras palavras, as línguas que fixam o valor positivo para o movimento-Wh em sintaxe terão movimento visível, ocorrendo os sintagmas-Wh em posição inicial, as línguas que fixam o valor negativo, fazendo o movimento em FL para interpretação, terão movimento-Wh não visível, ocorrendo os seus sintagmas-Wh *in-situ*⁷. Este parâmetro de variação ficou conhecido pelo

⁷ Ver Bayer (2004) para uma análise de Wh-*in-situ* no quadro do PM que se baseia nos princípios da LGB. O autor analisa o Wh-*in-situ* como o resultado de um mecanismo - "unselective binding" -, que não requer movimento.

parâmetro-Wh.

Segundo Cheng (1991) e Culicover (1992), Simpson (1999, 2000) reformulou o parâmetro sobre o movimento-Wh, tendo em conta os traços que constituiriam a projecção C (Parâmetro C). Se o domínio-C fosse [+int, +Wh], então a frase seria identificada como interrogativa e não seria necessário movimento visível; o sintagma-Wh-*in-situ* permaneceria na posição argumental quer em sintaxe quer em LF, sendo licenciado à distância. Se o domínio-C fosse, pelo contrário [+/-int, +/-Wh], o movimento-Wh visível seria necessariamente activado para desambiguar C. Esta é a perspectiva seguida por Duarte (2000) para o PE. Segundo a autora, em PE, o valor do parâmetro-C é ambíguo, desencadeando movimento-Wh visível. As frases com Wh-*in-situ* conteriam um sintagma-Wh necessariamente ligado ao discurso (*d-linked*⁸). Nestes casos, o sintagma-Wh estaria associado a um complementador nulo com os traços [+int, + Wh] que verificaria C.

Segundo Obenauer (1994), o movimento-Wh visível para Spec,CP é obrigatório em francês apenas quando o falante não tem um conjunto de elementos em mente que possam funcionar como valores apropriados para a variável, i.e., quando, na terminologia de Pesetsky (1987), o sintagma-Wh não é *d-linked*. Sempre que um sintagma-Wh permanece *in-situ* (ainda que a língua em questão permita movimento-Wh para Spec,CP, como o francês e o PE), tem de estar associado à variável um valor apropriado:

“A un syntagme *wh in situ* doit être associée une valeur appropriée de la variable.”
(Obenauer, 1994:314).

Porém, se nas exclamativas-Wh, o falante conhece o valor da variável, avaliando-o, esperar-se-ia que as exclamativas-Wh apresentassem o Wh-*in-situ*. Obenauer depara-se assim com um “problema lógico”: se alguns sintagmas-Wh não podem permanecer *in-situ* em estrutura-S e têm de ser movidos, o carácter obrigatório desse movimento não assenta nos princípios expostos na análise de Pesetsky (em que apenas os sintagmas-Wh não relacionados com o discurso (*non-d-linked*) são movidos

⁸Desde Pesetsky (1987) que se considera que os sintagmas-Wh podem ou não ser ligados discursivamente (*d-linked*). As interrogativas-Wh apresentam diferenças tendo em conta esta propriedade do sintagma-Wh: por exemplo, os *non-d-linked* têm de obedecer ao efeito de superioridade, os *d-linked* não. Segundo Enç (2003), sintagmas-Wh-*d-linked* são específicos (não introduzem novas entidades no discurso). Segundo Munaro et. al. (2001), os sintagmas-Wh que têm alguma informação pressuposta são *d-linked*. Estes podem ter um traço [ground] e verificam GP. Também Duarte (2000) considera que, do ponto de vista informacional, os sintagmas-Wh presentes nas interrogativas-Wh-eco *d-linked*. Estas ideias vão ao encontro da ideia de Ambar (1985) da diferente referência dos sintagmas-Wh.

em FL).

Outra perspectiva surge com os trabalhos de Kayne (1998) em que os movimentos deverão ser todos visíveis em sintaxe. Vários autores (Ambar et. al. 1998, 2001; Ambar & Pollock 1998; Obenauer 2004; Kayne 1998, Kayne & Pollock 1999; Pollock 2001; e.o.) mostraram que a posição em que o sintagma-*Wh-in-situ* ocorre em estrutura de superfície não é, necessariamente, a posição de base.

Segundo Ambar (2000), a impossibilidade de *in-situ* nas exclamativas-*Wh* decorre do sistema: o sintagma-*Wh* e o restante TP concorrem para a mesma posição (AssP- cf. secção 4).

Obenauer (1994) estudou sistematicamente os *Wh-in-situ* em Francês, evidenciando comportamentos que permitem distinguir dois subtipos maiores:

- (i) interrogativas-puras (em que o falante procura um valor para a variável)
e
- (ii) interrogativas-eco (em que o falante já teve algum conhecimento sobre esse valor).

Os contextos em que um e outro tipo de interpretação são produzidos evidenciam as suas diferenças. Observando os exemplos de Obenauer (1994:291-293) repetidos aqui como (32)-(33):

- (32) Vous êtes qui, pour parler ainsi?
Vós sois quem, para falar assim
(ex. (29a) Obenauer, 1994:291)

- (33) a. En fait, elle s'appelle comment?
Na verdade ela chama-se como
b. Bon, et ton fils a trouvé ça où?
Bem e o teu filho encontrou isso onde
c. Dis donc, Mozart est né en quelle année?
diz-me então Mozart nasceu em que ano
(ex. (23) Obenauer, 1994:293)

concluímos que, com efeito, não tendo sido introduzido o valor da variável no contexto, ou em contextos anteriores, não podemos estar perante uma interrogativa-

eco. Somos assim levados a assumir que os *Wh-in-situ* podem servir as verdadeiras interrogativas, i.e., que os *Wh-in-situ* não se limitam a interrogativas-eco.

Aplicando os testes de Obenauer ao PE, vemos que esta língua tem, deste ponto de vista, um comportamento semelhante ao Francês. Observem-se os seguintes exemplos:

- (34) a. Ela chama-se como?
b. O teu filho encontrou isso onde?
c. Mozart nasceu em que ano?

- (35) A: A Aurora é professora de Yoga.
B: E ela dá aulas onde?

- (36) Quando foi aos saldos, a Sofia comprou o quê?

O PE permite assim *Wh-in-situ* com uma verdadeira interpretação interrogativa.

A par da verdadeira interpretação interrogativa, os *Wh-in-situ* podem também receber, em PE, como longamente descrito na literatura (Ambar 1988, 2001; Duarte 2000; Obenauer 1994), uma interpretação eco dependendo do contexto (exs. (37)-(38)). Note-se que o *Wh-in-situ* é, ainda assim, o modo das interrogativas-eco por excelência:

- (37) Olha, o tio do Pedro morreu.
a. Morreu quem? (ok eco sujeito)
b. #Quem morreu? (#eco sujeito, ok pura sujeito)

- (38) O Pedro escreveu um conto.
a. O Pedro escreveu o quê? (ok eco objecto)
b. #O que escreveu o Pedro? (#eco objecto, ok pura objecto)

Em (37)-(38), em que o falante detém alguma informação sobre a identificação da variável, mas pede que lha confirmem, a posição inicial é preterida à *in-situ*, embora possa ser licenciada por uma entoação marcada.

Nos exemplos dados anteriormente, não existe motivação para o movimento-Wh. Porém, em exemplos como (39), o sintagma-*Wh-in-situ*, com função de objecto directo do verbo, não se encontra na posição de base que este elemento normalmente

ocuparia:

(39) O Pedro ofereceu à Ana o quê?

A questão torna-se ainda mais complexa quando observamos que as interrogativas-Wh de sujeito podem apresentar o sintagma-Wh em posição final (Ambar 1988, 2000, 2001):

(40) A: A Ana já tem o livro.

B: E encontrou-o quem?

(41) A: A Mariana tem uma loja.

B: Compra nessa loja quem?

(42) A: A Beatriz tem uma rosa.

B: E ofereceu a rosa à Beatriz quem?

Em (40)-(42) claramente 'quem' (sujeito) não está na sua posição de base, sendo o PE uma língua SVO. Contudo, continuamos a não ter evidência para o movimento-Wh. Em (42) 'quem' pode estar na sua posição *in-situ* tendo sido a restante frase a mover-se para uma posição superior por razões de foco (Ambar 1988), como podem ter sofrido movimento-Wh para uma posição mais baixa do que aquela.

Por outro lado, como observado na literatura (Obenauer 1994, 2004 para o francês e Ambar 2000 para o PE), as exclamativas-Wh, contrariamente às interrogativas-Wh, apresentam o sintagma-Wh em posição inicial e não permitem o sintagma-Wh-*in-situ* (43)-(44):

(43) a. *Quelles jolies jambes elle a!* (ex. (1a) Obenauer, 1994:336)

b. *Que belas pernas (que) ela tem!* (ex. (3b) Obenauer, 1994:338)

(44) a. **Elle a quelles jolies jambes!* (ex. (2a) Obenauer, 1994:336)

b. **Ela tem que belas pernas!* (ex. (4b) Obenauer, 1994:336)

A posição que o sintagma-Wh ocupa em superfície serve assim como pista distintiva entre as interrogativas-Wh e as exclamativas-Wh. Enquanto nas primeiras o sintagma-Wh pode ocorrer quer em posição inicial quer final exceptuando 'que' na sua

forma tónica (ex. (45)) (Ambar 1988)), nas segundas apenas a posição inicial é permitida.

Note-se no entanto um ténue contraste entre *in-situ* de *Wh-bare* e *não-bare*:

- (45) a. *A Ana comprou o quê!
b. ?A Ana comprou que livro!

A ser possível, a frase (45b) parece, no entanto, que exige um acento de intensidade sobre 'que':

- (46) A Ana comprou QUE livro!

Por outro lado, ao nível discursivo, é tentador estabelecer uma relação entre identificação da variável e movimento-Wh: uma vez que, nas exclamativas-Wh, a variável está claramente identificada, seria necessariamente a variável-Wh a ser avaliada e não toda a proposição (desencadeando movimento-Wh para uma posição estrutural mais alta que codifique esse valor, cf. secções 6, 9. Assim, em (47), a referência ao dia e a sua avaliação positiva obrigá-lo-iam a verificar os traços relacionados com a avaliação dessa variável, motivando movimento-Wh:

- (47) a. Que lindo dia que está hoje!
b. *Hoje está que lindo dia!

2.1.3. Restrições na forma do sintagma-Wh

Como vimos anteriormente, nas interrogativas-Wh, quer em Francês quer em PE, o sintagma-Wh pode ocorrer *in-situ*. Munaro & Pollock (2005) notaram, para o francês, que a posição *in-situ* era pior quando o sintagma-Wh é *não-bare* (não-nú, i.e., constituído pelo elemento-Wh e um nome foneticamente realizado) e melhor quando é *bare* (nú), o que também se verifica em PE:

- (48) a. (Quando foi aos saldos,) a Maria comprou o quê?
b. ?(Quando foi aos saldos,) a Maria comprou que vestido?

Por outro lado, Ambar (1988) e Pollock (2001) observam que nas interrogativas-

Wh, o sintagma-Wh ‘que’ (o sintagma-Wh mais nú (*barest*) do paradigma-Wh) não pode ficar *in-situ*:

(49) a. Que dizes?

b. *Dizes que/quê?

(50) *Jean a acheté que? (ex. (1) Pollock, 2001:252)

Jean tem comprado que

“O que comprou o João?”

Relativamente a este fenómeno, há no entanto línguas com um comportamento oposto como o Bellunese ou o Pagotto⁹ em que é exactamente o sintagma-Wh-*barest* (com variável menos identificada) o que obrigatoriamente fica *in-situ* (cf. Poletto 2000; Obenauer 2004):

(51) a. A-tu magnà che?

Aux-Pres-tu comido que

“O que tens comido?”

b. *Che a-tu magna?

que Aux-Pres-tu comido

“O que tens comido?”

(ex. (2) Pollock, 2001:252)

Em PE, para além da impossibilidade de Wh-*in-situ* com o sintagma-Wh-*barest* e das restrições ao Wh-*in-situ* com sintagmas-Wh-*non-bare* nas interrogativas-Wh, nas exclamativas-Wh nunca ocorre Wh-*in-situ* independentemente do tipo de sintagma-Wh.

Também o constituinte interrogativo ‘que’ permite distinguir interrogativas-Wh de exclamativas-Wh: ‘que’ em posição inicial não ocorre em exclamativas-Wh, contrariamente ao que acontece nas interrogativas-Wh (Ambar 1985, 2000), como exemplificado em (52):

Exclamativas-Wh:

⁹ Dialectos do Nordeste de Itália, estudado por Munaro et. al (2001), Poletto (2000), Pollock (2001), Obenauer (2004, 2006), e.o.(cf. secção 2.2.).

- (52) a. *Que tu compraste!
b. O que tu compraste!

Interrogativas-Wh:

- (53) a. Que compraste tu?
b. O que compraste tu?

Ambar (1985, 1988), Munaro (1998) e Ambar & Veloso (1999) exploraram a estrutura interna do sintagma-Wh mostrando que o *bare* 'que' é sintacticamente defectivo. Segundo Ambar, existe uma escala de restrição do domínio de referência do sintagma-Wh ($[e]-r < [e]N+r < N_{\text{lexical}}$) em que r representa um traço do conjunto R, que restringe o domínio de referência da categoria; quanto menos conteúdo esse elemento tiver, mais forte será a necessidade de ser identificado. 'Que' comporta-se como um elemento determinante tipo quantificador perante a variável que o segue (Chomsky 1986a¹⁰; Ambar & Veloso 1999). Em Ambar (1988), 'que' move-se para uma posição onde a relação *spec-head* (especificador-cabeça, cf. Chomsky 1981) com o complexo $\text{verb}^0 + \text{infl}^0$ permite a identificação desse restritor sem realização fonética. Como veremos na secção 4, tem-se considerado que a morfologia e a estrutura interna dos elementos-Wh são, pois, responsáveis pelos traços que podem verificar na LP.

Também outros autores se aperceberam de que a constituição interna dos sintagmas-Wh é responsável pelos traços que podem verificar na LP: Obenauer (2006) considera que 'que' não pode conter traços como [+surpresa] e Pollock (2001) considera que os sintagmas-Wh-não-*d-linked* não conseguem verificar o traço em ForceP (uma projecção introduzida por Rizzi 1997, como veremos na secção 3.2.). Em consequência, o sintagma-Wh-*barest* nunca poderia ocorrer nas exclamativas-Wh uma vez que nestas o falante detém o valor da variável, e 'que' não tem traços que permitam a identificação dessa variável.

2.1.4. Ordem SV/VS e estratégia 'é que'

Tal como acontece com o movimento-Wh referido na secção anterior, também no que diz respeito à Inversão Sujeito-Verbo (ISV) parece existir um "efeito de espelho" que opõe as interrogativas-Wh e as exclamativas-Wh (Ambar 2000). Quando o

¹⁰ "We might take Wh- to be a determiner in the same category of some, any, every." (Chomsky, 1986a:206,n14)

sintagma-Wh se encontra em posição inicial e é um sintagma-Wh-*bare* (Wh-e [+/-r], Ambar 1985, 1988), a ISV é obrigatória nas interrogativas-Wh, contrariamente às exclamativas -Wh:

Interrogativas-Wh:

- (54) a. Onde vai o João?
b. *Onde o João vai?
- (55) a. (O) que disse o Pedro?
b. *(*O) que o Pedro disse?

Exclamativas-Wh:

- (56) a. Onde o João vai!
b. ?/#Onde vai o João!
- (57) a. O que o Pedro disse!
b. ?/#O que disse o Pedro!

No entanto, nas interrogativas-Wh, a ISV é sensível à estrutura interna do sintagma-Wh (cf. (54)-(55) com (58)-(59)). Na presença de um Wh-não-*bare*, não é exigida ISV por não existir nenhum elemento vazio que precisa de ser identificado (Ambar 1985, 1988):

- (58) a. *Que o Pedro comprou?
b. Que livro o Pedro comprou? (ex. (2) Ambar, 2003:6)
- (59) a. Que vestido comprou a Sofia?
b. Que vestido a Sofia comprou?

Segundo Ambar (1985, 1988), a escala de gramaticalidade quanto à ausência de ISV reflecte a escala de restrição do domínio de referência do sintagma-Wh: quanto mais restrito for esse domínio mais gramatical serão as interrogativas-Wh sem ISV. Note-se, no entanto, que frases como (58b)-(59b) têm um sabor a interrogativa-eco.

Nos casos em que a ISV é obrigatória, o sujeito pós-verbal pode não seguir obrigatoriamente a flexão, quer com sintagma-Wh-*bare* (ex. (60)) quer com sintagma-

Wh-não-*bare* (ex. (61)):

- (60) a. Onde tem a Maria ido aos domingos?
b. Onde tem ido a Maria aos domingos?
- (61) a. Que livros tem/tinha a Maria comprado?
b. Que livros tem comprado a Maria?

Como longamente descrito na literatura (Ambar 1988, 2001, Duarte 2000) a ordem SV pode ser mantida em interrogativas do tipo (54)-(55) se se recorrer à estratégia 'é que':

- (62) a. Onde é que o João vai?
b. *Onde o João vai?
- (63) a. O que é que o Pedro disse?
b. *O que o Pedro disse?

Esta é uma outra propriedade que claramente opõe interrogativas e exclamativas independentemente da forma do constituinte-Wh. Como observado por Ambar (2000, 2008) 'é que' é excluído das exclamativas-Wh constituindo assim, também um diagnóstico para distinguir estas duas estruturas-Wh:

- (64) a. *Onde é que a Leonor foi!
b. Onde a Leonor foi!
- (65) a. *Que vestido é que a Leonor está a experimentar!
b. Que vestido a Leonor está a experimentar!

2.1.5. Complementador e adjacência Wh-V

Outra propriedade específica das exclamativas-Wh, ausente nas interrogativas-Wh, apontada por Ambar (1988, 2000) e Duarte (2000) para o PE e por Obenauer (2004)

para alguns Dialectos do Nordeste de Itália (doravante DNI) é a possibilidade de ocorrência de um complementador foneticamente realizado:

(66) Que vestido que a Sofia comprou!

(67) Chi che te à invidà! (ex. (19) Obenauer, 2004:9)
quem que te Aux(Passado) convidado

Embora, em línguas como os DNI, o complementador possa co-ocorrer com *Wh-bare*, do tipo [+r] de Ambar (1985), em PE não pode. Observe-se o paradigma em (68)-(69) abaixo:

(68) a. Que vestido (lindo) a Maria comprou!
b. Que vestido (lindo) que a Maria comprou!

(69) a. O que a Maria comprou!
b. *O que que a Maria comprou!

Em (68), verificamos que as exclamativas com a forma *Wh+N* são gramaticais quer contenham ou não um complementador. Por outro lado, em (69), verificamos que as exclamativas com a forma *Wh+[e]* apenas são gramaticais na ausência de complementador.

Note-se que a presença do complementador em interrogativas-*Wh* é excluída:

(70) a. *Quem que comeu o bolo?
b. *O que que compraste?
c. *Onde que foi a Luísa?
d. *Que vestido que comprou a Mariana?

As frases em (70) são no entanto possíveis em Português do Brasil (ver Ambar 2001, 2003 e Duarte 2000).

A distribuição do complementador mostra a descontinuidade da sequência *Wh-V*: contrariamente às interrogativas-*Wh*, nas exclamativas-*Wh*, o sintagma-*Wh* e o verbo não se encontram necessariamente adjacentes¹¹.

¹¹ Contrariamente ao PE, que apenas permite a não-adjacência em interrogativas-*Wh* sem uma

2.2. Interrogativas-Wh especiais: construções-Wh aparentemente híbridas

Ao longo da última década, vários linguistas (Munaro 1998; Poletto 2000, 2006; Ambar 2000, 2001; Obenauer 2004; e.o.) constataram que, para além da variação existente entre construções-Wh (como interrogativas-Wh vs. exclamativas-Wh), também existia diversidade e variação intralinguística dentro de cada um desses domínios.

Também alguns gramáticos haviam notado essa diferença no PE. Vilela (1999) identificou um grupo de interrogativas que denominou de interrogativas especiais:

“Há ainda formas especiais de interrogação - perguntas de confirmação/certificação ou desconfirmação - em que o grau de incerteza é mínimo, esperando-se apenas a confirmação:

- Vocês vêm todos, portanto, connosco ao cinema?

e - perguntas retóricas - em que o grau de incerteza é ainda menor, pois a pergunta contém já em si a resposta:

- Eu não te tinha dito isso mesmo?

[(...)] Temos ainda as perguntas alternativas:

- Tu vens ou não?

o que equivale a:

- Não vens?

e, além das [(...)] chamadas contra-perguntas, também ligadas às interrogativas de confirmação:

- Já não vou ao Brasil este ano. - Já não vais ao Brasil este ano?

- Eles pensam que anda tudo bem. - Ah, pensam?/ É mesmo?/ Sim?

há também as interrogativas focalizadas:

- O Francisco foi ao cinema ontem?

- Foi a Joana quem escreveu a carta?¹² (Vilela, 1999:310-313)

Ambar (2000, 2001) e Obenauer (2004, 2006) propõem uma subdivisão para as

verdadeira interpretação interrogativa (cf. secção 2.2.), esta ocorre em interrogativas-Wh com um verdadeiro valor interrogativo em outras línguas como, por exemplo, francês, como em interrogativas-Wh com inversão complexa (Complex inversion (cf. secção 8)):

(i) Quel livre lui a t-il publié? (ex. (51) Pollock, 2001:270)

que livro ele tem-ele publicado

“Que livro publicou ele?”

(ii) a. Quand Jean est-il venu? (ex. (6) Poletto, 1993:99)

quando João tem-ele vindo

b. *Quand est Jean venu? (ex. (13) Poletto, 1993:102)

¹² Sobre estas construções ver Duarte (2000), Costa e Duarte (2001) e Ambar (2005).

interrogativas-Wh em dois grandes grupos:

- a) Ambar - “interrogativas-Wh-puras” vs. “interrogativas-Wh-não-puras” (“echo-flavor”)
- b) Obenauer - “interrogativas-Wh-*standard*” vs. “interrogativas-Wh-*non-standard*” (“special questions”)

Para ambos os autores a distinção entre interrogativas-Wh com um verdadeiro carácter interrogativo (interrogativas-Wh-puras ou interrogativas-Wh-*standard*) e as restantes é clara e semelhante: as interrogativas-Wh-puras/*standard* são verdadeiros pedidos para identificar a variável enquanto as interrogativas-Wh-não-puras/*non-standard* não o são.

Porém, também o segundo grupo parece poder ser subdividido, visto englobar construções-Wh distintas quer sintáctica - e.g. a posição estrutural do sintagma-Wh pode diferir - quer pragmaticamente - e.g. o grau de identificação da variável é diferente. Relativamente a este segundo aspecto, as interrogativas-Wh-eco, caracterizadas em Ambar (2001) como “questions lacking a full-blown interrogative reading” (2001:229), não deixam de ser um pedido para identificar a variável cujo valor o falante não detém (por isso nestas o falante não faz nenhuma avaliação sobre esse valor). Outras interrogativas-não-puras, no entanto, nunca surgem como pedidos de identificação do valor da variável, que é já do conhecimento do falante. Sugerimos a inserção das interrogativas-Wh-eco num grupo próprio, visto estas não se inserirem em nenhum dos grupos propostos: não são puras uma vez que o valor da variável já foi dado e não são não-puras visto que esse valor continua a ser procurado.

Baseando-se em dados dos DNI (Bellunese, Paduano, Pagotto, Mendrisioto, e.o.), que apresentam o sintagma-Wh em posições de superfície distintas, Obenauer subdivide as interrogativas-Wh que denomina *non-standard* em três grupos: *surprise/disapproval* (SDQs)¹³, *rethorical* (RQs)¹⁴ e *can't-find-the-value-for-x* (CfvQs). Quanto à identificação da variável, nas CfvQs o falante não encontra um valor para a variável, nas RQs não pede nenhuma informação sobre a variável e, nas SDQs, expressa a sua atitude perante o conteúdo proposicional^{15,16}.

¹³ Em 1998, Munaro caracteriza um tipo de interrogativas-Wh que “expresses a sort of reaproachful dismay” e que corresponde às SDQs.

¹⁴ Ver Obenauer e Poletto (2000) para uma análise das construções retóricas com dados do francês e do italiano.

¹⁵ “[In CfvQs] the speaker expresses that, though he has tried to do so, he is not able to find the

Nos DNI (Bellunese, Paduano, Pagotto e Mendrisioto), os diferentes subtipos de interrogativas *não-standard* propostos por Obenauer mostram comportamentos sintáticos semelhantes entre si, com exceção do contraste RQs vs. restantes quanto à posição do sujeito em alguns casos (exs. (72)-(73)):

(i) o sintagma-Wh ocorre em posição inicial, em contraste com as interrogativas-Wh-puras (ex. (76)) exceptuando o caso da duplicação do sintagma-Wh em Paduano nas SDQs (exs. (74)-(75));

(ii) exibem ISV com adjacência entre o verbo e o sintagma-Wh (cf. exs. (71), (72)-(73) e (74)-(75)) e

(iii) 'che' não ocorre em posição inicial, sendo substituído por 'cossa' (ex. (74)).

(71)-(80) ilustram estes comportamentos nos diferentes subtipos:

CfvQs:

(71) a. Andé l' à-tu catà? (ex. (19a) de Obenauer, 2006:7)

onde o-Aux(Pres)-tu encontrado

"Onde (diabo) o encontraste tu?"

b. *L' à-tu catà andé, ti? (ex. (75) Obenauer, 2004:29)

RQs:

(72) a. Cossa à-lo fat par ti? (ex. (39) Obenauer, 2004:20)

que Aux(Pres)-cl feito por ti

"O que tem ele feito por ti?"

b. *A' -lo fat che par ti? (ex. (40a) Obenauer, 2004:20)

c. *Che à-lo fat par ti? (ex. (40b) Obenauer, 2004:20)

value(s) of the variable bound by the *wh*-operator." (Obenauer, 2006:7)

"[CfvQs] can be interpreted as requests for the variable [...], but a different use is also possible, that is, as a way of "thinking aloud" and putting the question to oneself rather to an interlocutor." (Obenauer, 2004:27)

"[Rhetorical question] interpretation is taken to convey, rather than a request for the value(s) of a variable, the assertion that no corresponding value exists." (Obenauer, 2006:6)

"[SDQs] can be characterized intuitively as (obligatorily) expressing an attitude of the speaker towards the propositional content, an attitude of surprise with a negative orientation i.e., combined with disapproval." (Obenauer, 2006:3)

¹⁶ Partindo de Obenauer, Garzonio (2004) caracteriza as diferentes interrogativas-Wh, diferenciando-as consoante o valor do sintagma-Wh e do conteúdo proposicional: nas CfvQs, o valor do sintagma-Wh não pode ser encontrado; nas RQs, o valor do sintagma-Wh e do conteúdo proposicional é 'evidente'; e nas SDQs, o valor do sintagma-Wh e do conteúdo proposicional é 'não-plausível'.

- (73) Quando Mario à-lo magnà patate? (ex. (56) Obenauer, 2004:24)
quando Mario Aux(Pres)-cl comido batatas
“Quando tem o Mario comido batatas?”

SDQ:

- (74) a. Chi à-tu invidà?! (ex. (15) Obenauer, 2004:8)
quem Aux(Pres)-cl convidado
“Quem convidaste tu?”
b. Cossa inviti-to chi?! (ex. (7) Obenauer, 2008:3)
COSSA convidaste-tu quem
“Quem (diabo) estás tu a convidar?! = “Não deves convidar essa
pessoa.”
- (75) a. *Che varde-tu?! (ex. (25) Obenauer, 2008:5)
que vês tu
d. Cossa varde-tu (che)?! (ex. (24) Obenauer, 2008:5)
COSSA vês-tu (a-que)
“Para que (diabo) estás a olhar?”

Interrogativa-Wh-pura:

- (76) a. À-tu incontrà chi? (ex. (2) Obenauer, 2006:2)
Aux(Pres)-tu encontrado quem
“Quem encontraste tu?”
b. L’-à-tu catà andé? (ex. (59) Obenauer, 2004:26)

Munaro (1998) considera construções do tipo SDQ como sendo um subtipo de exclamativas-Wh. Com efeito, em ambas as construções (SDQs e exclamativas-Wh) o valor da variável está identificado, i.e., o falante sabe precisamente do que está a falar, conhecendo bem a situação que está a avaliar: em (77) e (78) o falante sabe que se trata de um texto cuja leitura, por exemplo, não considera aconselhável:

SDQs:

- (77) O que está ele (para ali) a ler?

vs.

Exclamativas-Wh:

(78) O que ele está a ler!

Apesar de nem as exclamativas-Wh nem as interrogativas-Wh-não-puras exigirem uma resposta, as exclamativas-Wh não aceitam uma resposta com o intuito de especificar o valor da variável (são apenas permitidos comentários com o objectivo de concordar/discordar e/ou acrescentar informações sobre a variável, como em (79c)-(80c)), enquanto as interrogativas-Wh permitem uma resposta contendo o valor da variável (mesmo quando óbvio) como em (81):

Exclamativas-Wh:

(79) a. Que vestido que compraste!

b. #O azul celeste de veludo.

c. É lindo, não é? Comprei-o ontem.

(80) a. (O) quanto chove! Como chove! O que chove!

b. #Chove muito! #Chove bem! #/*Chove água!

c. É verdade! Pelo menos é bom para as colheitas.

vs.

Interrogativas-Wh-não-puras:

(81) a. Quem gosta de pagar impostos?

b. Ninguém! (resposta implícita)

Aparentemente, as interrogativas-Wh-não puras não se enquadram nem no grupo das interrogativas-Wh nem no grupo das exclamativas-Wh, tenhamos em conta quer aspectos discursivos quer aspectos sintácticos. Nas subsecções seguintes, procuraremos comparar o equivalente a estas construções aparentemente híbridas no PE com as construções-Wh anteriormente descritas, relativamente às propriedades sintácticas também apresentadas e que servem como testes na distinção entre interrogativas-Wh e exclamativas-Wh, com o objectivo de as inserir num dos grupos supracitados. Simultaneamente, pretendemos também descrever algumas estratégias

de legitimação da interpretação não-pura e de aspectos sintáticos como a ordem de palavras e a inserção de elementos que propiciam uma leitura interrogativa-não-pura.

2.2.1. Estratégias de licenciamento da leitura interrogativa-não-pura

A leitura interrogativa-não-pura pode ser facilitada e/ou reforçada através do recurso a estratégias sintáticas como a alteração da ordem canónica ou como a inserção de determinados elementos cuja presença nas interrogativas-Wh é suficiente para provocar uma alteração na interpretação das interrogativas-Wh (Amaral 2008).

2.2.1.1. Posição do sintagma-Wh

Em alguns dialectos do Nordeste de Itália (DNI), estudados por Poletto (2000), Obenauer (2004, 2006), e.o., a oposição entre interrogativas-Wh-puras e não-puras, como a ilustrada no paradigma (82)-(83), exhibe um comportamento sintático distintivo visível:

Interrogativa-Wh-pura:

(82) a. À-lo invidá chi? (Obenauer (2006:9)

Aux(Pres)-ele convidado quem

“Quem convidou ele?”

b. *Chi à-lo invidá?

SDQs:

(83) a. Chi à-lo invidá? (ex. (22) Obenauer (2006:9)

Quem Aux(Pres)-ele convidado

“Quem (diabo) convidou ele?”

b. *À-lo invidá chi?

Como ilustrado nos exemplos (82)-(83), nas interrogativas-Wh-puras, o sintagma-Wh-*bare* ocorre obrigatoriamente *in-situ*. No entanto, quando a esta interrogativa está associado um valor de surpresa/desaprovação, não sendo portanto a interrogativa-Wh uma interrogativa-pura, o mesmo constituinte ocorre em posição inicial.

Partindo do trabalho de Obenauer, será que podemos reconhecer estes casos em PE? Apesar de ser possível encontrar paralelo destas construções no PE do ponto de vista da interpretação, não é a posição inicial do sintagma-Wh que origina uma diferença visível relativamente às interrogativas-Wh-puras, pois todas as construções aceitam o Wh-inicial.

Existem, no entanto, oposições sintáticas visíveis. Uma primeira diz respeito à ocorrência de *Wh-in-situ*: nas interrogativas-Wh-não-puras o *Wh-in-situ* é menos natural do que nas puras. A aceitabilidade piora, por ordem descendente, se o constituinte *in-situ* for Wh+diabo/raio ((84a)-(85a)) ou se desempenhar a função de sujeito ((86a)) ou for da forma Wh+N realizado foneticamente (84b)-(85b):

CfvQs:

- (84) a. *Pus as chaves onde diabo/raio?
b. ??Pus as chaves em que prateleira?
c. Pus as chaves onde?
d. Onde (diabo/raio) pus eu as chaves?

SDQs:

- (85) a. *Estás a fazer o que diabo?
b. ??Estás a fazer que disparate?
c. ?Estás a fazer o quê?
d. O que (diabo/raio) estás tu a fazer?

RQs:

- (86) a. *Gosta de cair quem?
b. Quem gosta de cair?

Observando, concluímos que o Wh-diabo nunca ocorre *in-situ* (cf. (84)-(85)), fazendo-nos pensar nas estruturas exclamativas-Wh (87), onde a ocorrência *in-situ* é generalizadamente agramatical (Obenauer 1994; Ambar 2000, Pollock & Poletto 2008), contrariamente ao que acontece com as interrogativas-Wh-puras (88):

Exclamativas-Wh:

- (87) a. *Ela tem que belas pernas!
b. *Vem aí que beldade!

- c. *Ele leu o quê!
- d. *Vem aí quem!

vs.

Interrogativas-Wh-puras:

- (88) a. ?Comprou o livro que aluno?
- b. (?)Comprou o livro quem?
- c. O Miguel comprou que livro?¹⁷
- d. O Miguel comprou o quê?

Relativamente ao segundo comportamento, os *Wh-in-situ* com a função de sujeito são possíveis nas interrogativas-Wh-puras e nas interrogativas-Wh-eco, embora talvez mais marcados do que os *Wh-in-situ* com a função de objecto (88). Em interrogativas-Wh-não-puras, como as RQs (86), os *in-situ* sujeito não parecem ser possíveis.

Embora não pretendamos discutir aqui a questão da assimetria sujeito/objecto em interrogativas-Wh-*in-situ*, observe-se que numa frase como:

- (89) (A Ana disse isso). Quem disse isso?

podemos considerar que 'quem' está *in-situ*. Trata-se do fenómeno *vacuous movement* (Chomsky 1986a). Em estruturas em que o constituinte-Wh ocorre em posição final ou pós-verbal, outros movimentos terão de ocorrer¹⁸ (exs. (90)-(91)):

Interrogativas-Wh-puras:

- (90) (A Maria tem uma loja.)
 - a. Compra nessa loja quem? (sujeito)
 - b. Compra quem nessa loja? (sujeito)

Eco:

- (91) (A minha irmã casou-se.) Casou-se quem? (sujeito)

Interrogativa-Wh-Pura:

¹⁷ Note-se que o ex. (iii)b. é gramatical quer num contexto eco quer como interrogativa-Wh-pura:
 (iii) A: O Miguel foi a uma livraria.
 B: E comprou que livro?

¹⁸ Para uma discussão deste fenómeno ver, e.o., Ambar (1988).

(92) (Quando foi aos saldos,) a Maria comprou o quê? (objecto)

Eco:

(93) (O João foi à cozinha.) O João foi onde? (objecto)

Contudo, observando os seguintes exemplos de interrogativas-Wh-não-puras, verificamos uma clara assimetria entre *Wh-in-situ* com função de sujeito e com função de objecto, inexistente nas interrogativas-Wh-puras e nas exclamativas-Wh (100)-(101):

CfvQs:

(94) *Irá ganhar a lotaria que sortudo? (sujeito)

(95) Vim aqui fazer o quê? (objecto)

RQs:

(96) *Gosta de ir ao dentista quem? (sujeito)

(97) Os sapateiros fazem o quê? (objecto)

SDQs:

(98) a. *Deitou a jarra abaixo quem?

b. *Fez isso quem? (sujeito)

(99) Estás (para aí) a dizer o quê? (objecto)

vs.

Exclamativas-Wh:

(100) *Vem aí que morenaça! (sujeito)

(101) *O João comprou que livro! (objecto)

Relativamente ao terceiro comportamento – Wh+N foneticamente realizado – como já foi referido na literatura (Munaro & Pollock 2005) as estruturas resultantes são piores do que as que fazem uso de sintagmas-Wh-bare ([+/-r], na terminologia de Ambar 1985):

- (102) a. Chegou quem?
b. Encontre quem?

- (103) a. ?Chegou que aluno?
b. ?Encontre que aluno?

Concluimos que a ocorrência de *Wh-in-situ* distingue as interrogativas-*Wh*-puras, que o permitem, das não-puras, que permitem com restrições dependendo de três factores: presença de 'diabo', tipo de sintagma-*Wh*, função sujeito, e das exclamativas, que não o permitem.

2.2.1.2. Restrições na forma do sintagma-*Wh*

Nas interrogativas-*Wh*-inicial-não-puras, espera-se que exista uma assimetria quanto à gramaticalidade entre construções com o sintagma-*Wh-barest* e construções com os sintagmas-*Wh-bare* e não-*bare*. O *barest-Wh* 'que' não deverá poder ocorrer nas interrogativas-*Wh*-não-puras pois nestas o falante detém algum conhecimento sobre a variável. De facto, como se vê em (104), essa assimetria verifica-se: sintagmas-*Wh-bare* e não-*bare* são aceites e o sintagma-*Wh-barest* é menos aceitável¹⁹:

Interrogativas-*Wh*-não-puras (SDQs):

- (104) a. ??Que está o Luís para ali a fazer?
b. O que está o Luís para ali a fazer?
c. Que diabo está o Luís para ali a fazer?
d. Que macacadas está o Luís para ali a fazer?

Verifica-se, contudo, uma distinção entre *CfvQs* e *SDQs/RQs* quanto à possibilidade de ocorrência do sintagma-*Wh-barest*. As primeiras comportam-se como as interrogativas-*Wh*-puras, permitindo a forma *barest*, mas as segundas (não revelando no entanto a agramaticalidade das exclamativas-*Wh* com esta forma) parecem não a aceitar, a não ser que seja introduzido 'é que' (105d)-(106d):

¹⁹ Embora este comportamento se verifique de uma forma generalizada, esta restrição nem sempre se verifica:

- (iv) a. Que (diabo) vem a ser isto?
b. O que (diabo) vem a ser isto?

CfvQs:

- (105) a. Que fiz eu às minhas chaves?
b. O que fiz eu às minhas chaves?
c. Em que lugar pus eu as minhas chaves?
d. Que é que eu fiz às minhas chaves?

SDQs:

- (106) a. ??Que está o João para ali a ler?
b. O que está o João para ali a ler?
c. Que livro está o João para ali a ler?
d. Que é que o João está para ali a ler?

2.2.1.3. Ordem SV/VS e estratégia 'é que'

Quanto à ISV, as interrogativas-Wh-não-puras mostram um comportamento similar ao das interrogativas-Wh-puras, ocorrendo ISV de forma generalizada:

CfvQs:

- (107) a. Que posso eu dizer sobre isso?
b. *Que eu posso dizer sobre isso?
c. Que é que eu posso dizer sobre isso?

RQs:

- (108) a. O que fazem os sapateiros?
b. *O que os sapateiros fazem?
c. O que é que os sapateiros fazem?

SDQs:

- (109) a. Onde (diabo) vais tu com esta chuva?!
b. ??Onde tu vais com esta chuva?!
c. Onde é que tu vais com esta chuva?!

A estratégia 'é que', que faz dispensar a ISV, é permitida nas interrogativas-Wh-não-puras, aproximando-as das interrogativas-Wh-puras:

CfvQs:

(110) Onde diabo é que eu pus as chaves?

RQs:

(111) Que palerma é que gosta de pagar impostos?

SDQs:

(112) Que quadro é que o Luís está para ali a pintar?

2.2.1.4. Complementador

As interrogativas-Wh-não-puras aproximam-se das interrogativas-Wh-puras, não permitindo, contrariamente às exclamativas-Wh, a presença de um complementador:

CfvQs:

(114) a. *Que vestido que eu ia experimentar?

b. Que vestido ia eu experimentar?

RQs:

(115) a. *Que palerma que gosta de pagar impostos?

b. Que palerma gosta de pagar impostos?

SDQs:

(116) a. *Que quadro que está o Luís (para ali) a pintar?

b. Que quadro está o Luís (para ali) a pintar?

Um complementador foneticamente realizado não pode, portanto, co-ocorrer com um constituinte que despoleta uma leitura SD como 'para aí', pois estar-se-iam a combinar características de duas construções-Wh distintas (exclamativas e interrogativas-não-puras):

- (117) a. */??Que livro que estás para aí a ler?!
b. Que livro estás para aí a ler? (SD)
c. Que livro que estás a ler! (exclamativa-Wh)

2.2.1.5. Adjacência Wh-V

Embora impossível nas interrogativas-Wh-puras, nas interrogativas-Wh-não-puras pode ocorrer um elemento interposto entre o sintagma-Wh e o verbo, como nas exclamativas-Wh. Geralmente, esse elemento consiste num advérbio, podendo também ser um aposto:

SDQs:

- (118) Quem inteligentemente deixou a luz acesa sem ninguém no quarto?

- (119) O que estupidamente está ele para ali a dizer?

RQs:

- (120) Quem, no seu perfeito juízo, vai para a praia quando chove?

CfvQs:

- (121) O que frequentemente tem a Maria comprado?

Este facto prediz que existirá uma posição estrutural intermédia entre o sintagma-Wh e o verbo, que permita a ocorrência de outros elementos.

2.2.1.6. Inserção de auxiliares

Uma outra estratégia que distingue interrogativas-Wh-puras de interrogativas-Wh-não-puras) consiste na inserção de auxiliares verbais:

Interrogativa-pura:

- (122) Quem convidaste tu para a festa?

SDQ:

- (123) Quem foste tu convidar para a festa?

O recurso à inserção do verbo ‘ir’ é no fundo uma estratégia do PE semelhante à inserção de COSSA em alguns DNI. Estes elementos funcionam como *Alternative Checkers*²⁰ (cf. secção 4.2).

2.2.1.7. Tempo, modo, aspecto

O Tempo das construções é relevante na derivação das interrogativas-Wh uma vez que, muitas vezes são as oposições temporais que, pragmaticamente, desambiguam subtipos distintos.

Nas CfvQs, o futuro (o modo *irrealis* no geral) torna-as mais aceitáveis:

“A -realis tense is strongly preferred to a +realis one.” (Obenauer, 2004:27)

(124) a. Onde estarão as minhas chaves?

b. Onde poderão estar os meus óculos?

(125) Cossa avará-lo fat, par meritare sto onor?

Que-Part Aux(Fut)-ele feito para merecer esta honra

‘Que terá ele feito para merecer esta honra?’

(interpretação *self-addressed*) (ex. (69) Obenauer, 2004:27)

Em Bellunese (ex. (125)) a diferença quanto à posição do sintagma-Wh (final nas interrogativas-Wh-*standard*, inicial nas interrogativas-Wh-não-*standard*) é suficiente para legitimar a interpretação de interrogativa-não-pura, mas com o tempo *irrealis*, a interpretação de Cfv fica mais forte (Obenauer, 2004) (ex. (122)).

Este uso do *irrealis* não se adequa às SDQs (exs. (131)-(132)), distinguindo-as das CfvQs (exs. (124), (126)) e das RQs (ex. (127)):

CfvQ:

(126) O que estará ele a fazer?

RQs:

(127) ?Quem gostará de pagar impostos?

²⁰ Os *Alternative Checkers* são elementos lexicais que podem verificar os traços existentes nas projecções funcionais em vez dos sintagmas argumentais, introduzidos por *External Merge*, como veremos na secção 3.

SDQs:

(128) a. ?/*O que estará ele para ali a fazer?

b. O que está ele para ali a fazer?

(129) a. ??/*O que estarás tu para aqui a fazer?

b. O que estás tu para aqui a fazer?

Nas RQs, o presente (um tempo zero, Kayne 1993), concedendo às construções um valor genérico e/ou universal, não especificado, facilita a leitura pretendida:

(130) Quem gosta de pagar impostos?

O que não acontece nem nas interrogativas-puras nem nas CfvQs:

Interrogativa-Wh-pura:

(131) #Que livro compra a Maria?

(aceitável apenas com o sentido: “Que livros compra usualmente a Maria?”)

CfvQ:

(132) #Onde ponho eu as minhas chaves?

(aceitável apenas com o sentido: “Onde ponho eu usualmente as minhas chaves?”)

Nas SDQs, o valor iterativo/de continuidade (valor aspectual durativo) facilita a interpretação:

(133) O que andas tu a fazer?

(134) O que estás/tens estado a fazer?

Obenauer nota também que a leitura não-*standard* é facilitada quando se junta um verbo modal:

“ The surprise reading can be facilitated by the insertion of modal-like predicates such as ‘need’ or ‘go’ ” (Obenauer, 2004:13)

SDQ:

(135) Va-lo a invidar chi?! (ex. (26) Obenauer, 2004:13)

Modal-cl convidar quem

“Quem (diabo) vai ele convidar?”

O mesmo acontece em PE:

RQ/CfvQ²¹:

(136) a. Quem (diabo) vai/quer ele convidar?

b. Que posso eu fazer?

c. Que posso eu dizer sobre isso?

2.2.1.8. Pessoa e número

A flexão em Pessoa e Número desempenha um papel crucial. Admitindo que informação de pessoa está em T⁰ sob a forma de traços (*features*) (Chomsky 1995) e que o verbo sobe para uma posição T⁰ e, posteriormente, para a esquerda no domínio-C (cf. Ambar 1996), coloca-se a hipótese de que as diferentes pessoas verbais verificariam traços diferentes resultando em interpretações distintas.

Efectivamente, existe uma diferença entre a 1^a, a 2^a e a 3^a pessoas verbais quanto à possibilidade de interpretar uma interrogativa-Wh como não-pura.

A primeira pessoa é a que mais facilmente permite a interpretação Cfv (“*self-addressed CfvQs*” Obenauer 2004). O uso da primeira pessoa é visto como:

“a way of “thinking aloud” and putting the question to oneself rather than to an interlocutor. In this use [(Cfv is)] obviously incompatible with a second person sentential subject (unless the addressee is only imagined).” (Obenauer, 2004:27)

Todos os exemplos seguintes, na 1^a pessoa, recebem preferencialmente uma leitura semi-pura (Cvf²²) como leitura não-marcada:

(137) a. Que faço eu agora?

²¹ Ambas as leituras são possíveis: o valor da variável ou é obvio (no caso de receber uma interpretação retórica) ou não-identificável (no caso de receber uma interpretação típica das CfvQs).

²² Este uso da primeira pessoa parece também compatível com uma interpretação retórica, caso em que (137) teria uma resposta óbvia.

b. O que é que eu faço?

Em Paduano, as CfvQs podem até ser marcadas com uma partícula *ti*, que endereça a CfvQ ao falante:

“Instead of via the use of a -realis form, self-addressed questions can alternatively be marked as such by the particle-like element *ti* (etymologically the second person singular tonic pronoun).” (Obenauer, 2004:28)

- (138) Ande l'a-lo cata, ti? (ex. (70) Obenauer, 2004:28)
Onde cl(3^asg)-Aux(Pres)-cl(3^asg) encontrado Part(Pronome2^asg)
“Onde (diabo) encontrou-o ele?” (*self-addressed*)

Por outro lado existe um contraste entre a 2^a e a 3^a pessoas:

SDQ:

- (139) a. O que estás tu a dizer?
b. O que está ele para ali a dizer?

vs.

Interrogativa-Wh-pura:

- (140) O que está ele a dizer?

Com a 2^a pessoa, com pronome foneticamente realizado, a leitura SD é a não-marcada, uma vez que o falante está numa situação de comunicação na qual tem acesso directo ao que o ouvinte disse ou, se não tem, possui esse o conhecimento ou prevê que o saiba.

Com a 3^a pessoa, a leitura pura é a não-marcada, uma vez que o falante está numa situação de comunicação na qual, em princípio, não tem acesso directo ao que o terceiro interveniente disse (caso tenha tido poderemos ter uma SDQ).

Estas interpretações resultam do princípio da economia, segundo o qual se escolhe a interpretação correspondente à operação mais económica sempre que possível, a menos que se pretenda cancelar a interpretação a ela associada.

2.2.1.9. Itens de polaridade negativa

A negação pode ser utilizada como estratégia com o intuito de facilitar determinadas interpretações, preterindo outras:

RQ:

- (141) A: a. Quem não gosta de se divertir?
b. #Quem gosta de se divertir?
B: 'Todas as pessoas gostam de se divertir'

vs.

Interrogativa-Wh-pura:

- (142) A: a. Quem gosta de se divertir?
b. Quem não gosta de se divertir?
B: 'O Francisco, o Filipe e o Alexandre.'

Em (141), a resposta pressupõe-se: 'toda a gente'. Sem a negação ((142)), a construção é interpretada como uma interrogativa-Wh-pura (leitura por defeito): 'quem (de entre o conjunto de ouvintes) gosta de se divertir'.

As SDQs e as interrogativas-Wh-puras apresentam um comportamento contrário quanto à codificação da interpretação através da negação: aceite nas primeiras, mas não nas segundas:

SDQ:

- (143) A: a. O que não fazes (tu) (para sair com os amigos)?
b. #O que fazes (tu) (para sair com os amigos)?
B: 'Não há nada que eu não faça.'

Interrogativa-Wh-pura:

- (144) A: a. O que fazes tu (para sair com os amigos)?
b. #O que não fazes tu (para sair com os amigos)?
B: 'Sou simpática, tenho sempre um sorriso, planeio festas, faço bolos e doces, ...'

Os exemplo em (143) apresentam características típicas das RQs reflectindo um universal: neste caso, o de que as pessoas fazem de tudo para sair com os amigos. Em (143a), o falante assume a resposta contrária e, em (143b), o falante acha que o ouvinte não faz nada mas dá a possibilidade de o interlocutor lhe dizer. Estes exemplos apresentam também características típicas das SDQs: o falante sabe que o ouvinte faz desde as coisas mais simples às mais mirabolantes para poder sair, avaliando esse facto positiva ou negativamente. Sem a negação, (143b) pode ser também interpretada como uma interrogativa-Wh-pura (equivalente a (144a)), se com a prosódia adequada, com a interpretação: 'O que (usualmente) fazes para sair com os amigos?'. Do mesmo modo, (144b) terá preferencialmente a interpretação SD (equivalente a (143a)).

Nas exclamativas-Wh, ambas as possibilidades são aceites:

Exclamativa-Wh:

- (145) a. O que tu fazes (para sair com os amigos)!
- b. O que tu não fazes (para sair com os amigos)!
- c. O que não fazes tu (para sair com os amigos)! (com foco contrastivo)

Em (145a) a interpretação é: 'Diz-me lá o que fazes tu para sair com os amigos.' e em (145b) é: 'Devias fazer x para sair com os amigos, mas não fazes.' Em (145), tal como em (143), a resposta pretendida engloba uma variável à qual o falante atribui um valor.

Para além de 'não', outros itens de polaridade negativa podem também despoletar/facilitar a leitura não-pura:

RQ:

- (146) Quem nunca fez nada de que se arrependesse?

vs.

Interrogativa-Wh-pura:

- (147) Quem fez algo de que se arrependeu?

SDQ:

- (148) Quando vais deixar de fazer isso?

vs.

Interrogativa-Wh-pura:

(149) Quando páras de fazer isso?

Em (146), nega-se a eventualidade de pelo menos uma entidade fazer *x*, i.e. afirma-se o universal. A resposta preferencial será 'Todas as pessoas já fizeram algo de que se arrependeram', resposta inadequada a (147). Como resposta a (147) espera-se uma enumeração de pessoas de que tenham conhecimento que efectivamente tenham feito algo de que se arrependeram.

O mesmo tipo de relação está presente no par (148)-(149): (148) pretende a cessação da acção em causa, enquanto (149) pretende saber a localização temporal em que a acção em causa terminará.

2.2.1.10. O marcador/licenciador 'diabo'

O marcador de interpretação Cfv 'diabo' (como o denomina Obenauer 1994, 2004) propicia a leitura não-pura, em várias línguas:

- (150) a. 'Diabo/Raio' (PE)
b. 'Diable' (Francês)
c. 'Ot chorte' (russo)
d. 'The hell' (inglês)

'Diabo' é mais frequente nas CfvQs²³ (Obenauer 2004), mas pode ocorrer nos outros subtipos de interrogativas-Wh (excepto puras). O exemplo (151) pode ser interpretado como uma SDQ na qual o falante sabe que o interlocutor vai brincar para o jardim:

(151) Onde diabo vais tu com esta chuva?! Estás parvo?! (Não deves ir.)

Como visto anteriormente, linearmente, estas expressões ocorrem sempre em posição inicial, não podendo ocorrer com um sintagma-Wh-*in-situ* em línguas como o PE, o francês e o russo, como exemplificado em (152), (153) e (154), respectivamente:

²³ Sobre a sintaxe de construções com 'diabo' ver Obenauer (1994, 2004), Huang & Ochi (2003) e Poletto & Pollock (2004).

- (152) a. Où diable as-tu trouvé cela/ça?
 onde diabo Aux(Pres)-tu encontrado isso
 b. *Tu as trouvé ça où diable? (ex. (33)-(34) Obenauer, 1994:300)
 c. *Où as-tu trouvé cela/ça diable?
- (153) a. Onde diabo/raio pus eu as chaves?
 b. *Eu pus as chaves onde diabo/raio?
 c. *Onde pus eu as chaves diabo/raio?
- (154) a. Ot chorte gde jé ja polojil kljutchi?
 Diabo onde Part eu pus chaves
 b. *Jé ja polojil kljutchi ot chorte gde?
 c. *Gde jé ja polojil kljutchi ot chorte?

Esta assimetria tem sido largamente debatida na literatura (Obenauer 1994, 2004; Portner & Zanuttini 2003; Huang & Ochi 2003; Poletto & Pollock 2004, 2008; Bayer 2005; e.o.).

Segundo Obenauer (1994), os sintagmas-Wh com ‘diabo’ são “agressivement non reliés au discours”, i.e., o discurso não contém uma resposta apropriada à interrogativa com uma variável com ‘diabo’. Obenauer mostra que, quando o falante incorpora ‘diabo’ no sintagma-Wh, exprime, em simultâneo, que não pretende uma resposta a essa variável. Mesmo se as respostas estiverem aparentemente presentes no discurso numa interrogativa-Wh com ‘diabo’, o falante não as considera como respostas possíveis:

“Bien qu’une telle interrogative puisse être utilisée comme question au sens d’une demande d’identification de la valeur de la variable (liée par l’opérateur *wh*), cela n’est pas la propriété interprétative centrale de *wh diable*. L’interrogative en *wh diable* signifie nécessairement que le locuteur ne voit pas de valeur vraisemblable: elle ne signifie pas nécessairement qu’il veuille identifier la valeur. [...] *Diable* signale que, dans le domaine défini par les traits restrictifs du quantifieur et parcouru par la variable, aucun élément ne constitue une valeur appropriée de celle-ci, les valeurs de la variable que le locuteur peut éventuellement imaginer sont rejetées par lui-même comme inadéquates”. (Obenauer, 1994:312)

O autor defende que o francês possui sintagmas-Wh relacionados como o

discurso que não precisam de ser movidos nem em estrutura-S nem em FL e outros que não estando relacionados com o discurso, como 'diabo', devem ser movidos em estrutura-S.

Mais recentemente (2004), o mesmo autor considerou que elementos como o item lexical 'diabo', devido às suas propriedades idiossincráticas, têm traços inerentes que, aparentemente, têm obrigatoriamente de verificar os traços das FPs mais altas, por serem as relacionadas com a interpretação pretendida, ocorrendo obrigatoriamente em posição inicial. Todavia, podemos ter construções que activam as FPs relacionadas com valores discursivos de avaliação (SDQs) apresentando o sintagma-Wh-*in-situ*, o que prevê que 'diabo' possa ocorrer *in-situ*. A impossibilidade de 'diabo' *in-situ* talvez possa ser explicada considerando que 'Wh+diabo' e o conteúdo proposicional (TP) concorrem para a mesma posição estrutural. Nesta perspectiva, se 'diabo' estiver na numeração será atraído para essa posição. Se 'diabo' não estiver na numeração o que se move para as FPs mais altas, codificando os valores discursivos requeridos, poderá ser todo o TP remanescente originando Wh-*in-situ* (sem 'diabo').

Outra propriedade das construções com 'diabo' que observamos ao compararmos o PE e o francês ((152)-(153)) com o russo (154) reside na relação que o sintagma-Wh e 'diabo' mantêm entre si. Embora a posição do sintagma-Wh+'diabo' seja obrigatoriamente inicial em PE, francês e russo, a relação entre o elemento-Wh e 'diabo' não é a mesma. Observamos que, em russo, 'diabo' ocorre em posição inicial dominando toda a proposição e precedendo o elemento-Wh, ao passo que em PE/francês o elemento-Wh domina 'diabo':

(155) a. Onde diabo/raio pus eu as chaves?

b. * Diabo onde pus eu as chaves

(156) a. Où diable as-tu trouvé cela/ça?

b. *Diable où as-tu trouvé cela/ça?

(157) a. * Gde ot chorte jé ja položil kljutchi?

onde diabo Part eu pus chaves

b. Ot chorte gde jé ja položil kljutchi?

Analisando dados do francês, Obenauer (1994) e Pollock & Poletto (2008),

mostraram que 'diabo' tem de estar no domínio sintáctico de um sintagma-Wh ou de outro tipo de sintagma interrogativo (ex. (155)-(156)), o que não se verifica em russo (ex. (157)). Se admitirmos que 'wh+diabo' não entra na derivação como um constituinte sendo 'diabo' inserido na estrutura directamente numa posição mais alta comportando-se como um AC, porque é que o sintagma-Wh sobe se o traço relevante já foi verificado? 'Diabo' parece comportar-se como um atractor lexical, i.e., sendo uma cabeça, atrairia o sintagma-Wh para o seu especificador.

Outra hipótese será considerar que todas as fases têm um traço EPP que requer que a posição de especificador mais alta seja preenchida, sendo este requisito o que originaria o movimento posterior do sintagma-Wh (cf. secções 7 e 9). A ordem deveria ser então Wh-diabo (contudo, também em Russo).

2.2.1.11. Expressão discursiva 'para aí'/'para ali'

Uma expressão produtiva nas SDQs é 'para aí' (Ambar 2008):

(158) O que estás para aí a dizer? (Ambar, 2008:11)

Na 3ª pessoa o seu equivalente é 'para ali', mostrando que o carácter locativo do deíctico permanece activo:

(159) Que livro está ele para ali a ler?!

Esta expressão é restrita a contextos interrogativos com um carácter avaliativo. Embora seja difícil distinguir a exclamativa-Wh em (160) da interrogativa-Wh-pura em (159) quando ocorre o complementador (161)-(162) (excluído das interrogativas) já o contraste é mais claro:

(160) ?Que livro ele está para ali a ler!

(161) ??Que livro que ele está para ali a ler!

(162) ??Que belo livro que ele está para ali a ler!

2.2.1.12. Expletivo

“*Ele* expletivo surge em posição periférica a elementos eles próprios periféricos na estrutura frásica” (Carrilho, 2009:16)

Segundo Carrilho (2005, 2009), esta afirmação decorre do facto de o expletivo poder co-ocorrer quer com um sujeito argumental realizado (ex. (163)) quer com um Comp foneticamente preenchido (conjunções de subordinação adverbial (164), diferentes tipos de tópicos marcados – constituintes deslocados por topicalização (ex. (165)) ou deslocamentos de tópicos pendentes (ex. (166)), constituintes de natureza afectiva (cf. Raposo 1995) deslocados à esquerda (ex. (167)), constituintes interrogativos (ex. (168), o constituinte inicial em construções de clivagem (ex. (169)):

(163) *Ele* (a) folha do pinheiro é em bico. (ex. (36) Carrilho, 2009:16)

(164) Ah, isso é o trigo, que *ele* quando se quer tirar a sêmea, que se quer o trigo melhor, peneira-se duas vezes e depois amassa-se a sêmea à parte. (ex. (45) idem)

(165) *Ele* isso aqui a gente chamava um (...) ... Não era gancho, era... Parece que era o pernil que a gente chamava a isto. (ex. (47) idem)

(166) Olhe que aquilo no livro! E *ele* eu, o homem leu aquilo diante de mim! (ex. (48) idem)

(167) Que *ele* até com um pau se malha. (ex. (49) idem)

(168) Não sendo no Natal, (*ele*) quem é que os come?! Ninguém. (ex. (50) idem)

(169) *Ele* quem se casa são eles! (ex. (51) idem)

Confrontando o exemplo (168) com (170)-(171) abaixo, notamos que, nas interrogativas-Wh, em PE, o expletivo ocorre obrigatoriamente numa posição periférica a toda a estrutura e não a TP:

(170) *Quem *ele* comprou o livro à Sofia?

(171) *O que ele comprou o Pedro à Sofia?

Contudo, nem sempre é permitido. Segundo Carrilho, as interrogativas-puras não permitem a presença do expletivo (172)), enquanto as interrogativas que expressam surpresa (ex. (173)) ou implicam uma resposta óbvia (as que temos vindo a designar de RQs) permitem (ver também Álvarez Blanco (2001) e Uriagereka (2004) sobre a distribuição do expletivo no galego):

(172) #*Ele* qual é a sua data de nascimento? (ex. (79) Carrilho, 2009:21)

(173) - Posso entrar? [cliente, à porta de taberna]

- Então *ele* não está a porta aberta? [resposta do dono da taberna] (ex. (78) idem)

Carrilho mostra ainda que, em interrogativas ambíguas (que permitem mais do que uma leitura, como (174a)), a presença do expletivo impossibilita a interpretação pura, originando uma interpretação marcada (de surpresa/desaprovação ou retórica (174b)):

(174) a. Quem é que quer comer os bolos? - Ninguém. / As crianças.

b. *Ele* quem é que quer comer os bolos? - Ninguém. / #As crianças.
(exs.(80)-(81) idem)

Segundo Carrilho (2005), o expletivo *ele* apresenta características que o conduzem para a FP que codifica a força ou avaliação da frase (cf. secção 4). Consequentemente, as interrogativas que possam ocorrer com o expletivo estarão associadas a um valor que é necessariamente codificado nas FPs mais altas.

2.2.1.13. Conjunção adversativa

A utilização de uma conjunção adversativa introduzindo a construção-Wh propicia a interpretação SD:

SDQs:

(175) Mas quem comprou esse livro?!

(176) Mas o que estás a comer?!

vs.

Interrogativas-Wh-puras:

(177) Quem comprou esse livro?

(178) O que estás a comer?

Na interpretação SD, o falante avalia o valor da variável, com o intuito de mostrar ao ouvinte o que pensa do que este comprou/está a comer.

Este parece ser um recurso disponível em outras línguas. Observe-se a seguinte frase para o russo:

SDQ (Russo):

(179) No chtô jé on iêst?!
 então/mas que Part²⁴ ele come(Presente)

vs.

Interrogativa-Wh-pura (Russo):

(180) Chtô on iêst?
 que ele come

Em (179) a inserção da partícula discursiva com valor adversativo ('no') em conjunto com a partícula discursiva de ênfase ('je'), inexistentes na interrogativa-Wh-pura em (180), confere à frase uma interpretação não-pura.

A razão poderá ser a mesma da apresentada na secção anterior: estes elementos conferem à estrutura um carácter avaliativo que implica a activação das FPs mais altas (comportando-se como um AC (cf. secção 4.2)).

²⁴ Partícula enfática que confere, à construção em causa, uma interpretação SD em parceria com 'no' (cf. secção 6.2.).

2.2.2. De novo a questão estrutura vs. discurso

Tendo em conta as diferenças entre as diversas construções em estudo, a questão da tipologia surge novamente: serão as CfvQs, as RQs e as SDQs verdadeiramente construções interrogativas? Ou aproximar-se-ão mais de outros tipos frásicos (e.g. exclamativas e/ou imperativas), visto abarcarem uma interpretação de avaliação e/ou ironia?

2.2.2.1. CfvQs e interrogativas-Wh

As CfvQs relacionam-se quer com as interrogativas-Wh-puras quer com as interrogativas-Wh-não-puras.

Obenauer (2004) notou existir, por um lado, uma maior proximidade discursiva entre as CfvQs e as interrogativas-Wh-puras, embora as CfvQs envolvam um pouco mais de informação discursiva que as puras, e, por outro, uma maior proximidade sintáctica entre as CfvQs e as interrogativas-Wh-não-*standard* quanto à posição do sintagma-Wh, nos DNI. De facto, também discursivamente, as CfvQs podem ser consideradas interrogativas-Wh-não-puras visto que o falante já deteve o conhecimento que procura. Requerem um contexto determinado e conhecido por ambos os intervenientes. Se ocorrerem fora de um contexto específico, receberão uma interpretação pura. Contudo, enquanto nas SDQs/RQs a resposta não é pretendida, nas CfvQs ela é desejada.

Em PE, pragmaticamente, as CfvQs aproximam-se mais das interrogativas-eco. O falante interroga-se sobre uma variável cujo valor deveria ser do seu conhecimento (em (181), o falante deveria saber onde estão as chaves que procura uma vez ter sido ele a guardá-las):

(181) Onde estarão as minhas chaves?!

Em PE, as CfvQ apresentam propriedades estruturais (sintácticas) que as distinguem das interrogativas-Wh-puras (impossibilidade de Wh-*in-situ* nas CfvQs de sujeito vs. possibilidade nas interrogativas-puras de sujeito), das interrogativas-Wh-eco (impossibilidade da ordem SV e da realização de um adjectivo nas CfvQs vs. possibilidade nas interrogativas-eco), e das interrogativas-Wh-não-puras (possibilidade

de ocorrência da forma *barest* nas CfvQs vs. impossibilidade nas interrogativas-Wh-não-puras sem recorrer à estratégia 'é que'). Consequentemente, embora as iremos considerar interrogativas, tal como tem sido feito na literatura, vamos inseri-las num subtipo próprio e denominá-las-emos interrogativas-Wh-semi-puras.

2.2.2.2. RQs vs. exclamativas

Mateus et al. (2003) apenas referem as RQs na secção sobre exclamativas-Wh ("exclamativas como as chamadas interrogativas retóricas" (Mateus et al., 2003:481)), inserindo-as neste tipo de construções e classificando-as como "actos ilocutórios expressivos". As autoras notam que estas "partilham propriedades de exclamativas totais e de frases interrogativas." (Mateus et al., 2003:481)

Serão as RQs interrogativas-Wh, visto assemelharem-se a estas estruturalmente, ou serão exclamativas, visto assemelharem-se a estas discursivamente?

Ainda que não contenham um carácter verdadeiramente interrogativo, estruturalmente as RQs aproximam-se mais das interrogativas do que das exclamativas-Wh.

2.2.2.3. SDQs vs. imperativas

Em muitos casos e dum ponto de vista puramente discursivo, as SDQs emparelhar-se-iam mais facilmente com as construções imperativas:

(182) Quem te mandou parar de estudar?!

Embora em (182) o falante expresse uma desaprovação, a construção-Wh em causa tem um intuito que nem as interrogativas-Wh-não-puras nem as exclamativas-Wh têm: a ordem/comando que o falante quer passar implicitamente. Pragmaticamente, (182) comporta-se como as construções imperativas, i.e., o falante "procura fazer com que o destinatário faça algo." (Vilela, 1999:309) ou, como Mateus et al. (2003:449) definem:

"Do ponto de vista pragmático, são consideradas imperativas todas as frases que expressam um acto ilocutório directivo, ou seja, aquelas com que, através do seu enunciado, o

locutor visa obter num futuro imediato a execução de uma determinada acção ou actividade por parte do ouvinte.” (Mateus et al., 2003:449)²⁵

Note-se ainda que as imperativas não ocorrem com uma só forma estrutural, o que tornaria possível o reconhecimento de (182) como imperativa, como também aqueles autores afirmam:

“Há, para exprimir uma ordem, vários meios linguísticos, evidentemente, com diferentes matizes e efeitos.” (Vilela, 1999:309)

“A distinção entre valor pragmático e características formais permite assim incluir nas imperativas, pela sua força ilocutória, frases formalmente tão diversas como as seguintes:

- (1) Cala-te!
- (2) Vamos a calar imediatamente!
- (3) Que ninguém faça barulho agora!
- (4) Calou!
- (5) A calar e depressa!
- (6) Não fumar!
- (7) Diz-lhe que se cale imediatamente!
- (8) Podias calar-te?!”

(Mateus et al, 2003:449)

Nas construções em causa, o foco de comunicação recai sobre toda a proposição e não sobre a variável²⁶:

(183) Quem te mandou parar de marchar?

(184) Quem disse que o menino podia ir brincar?

(185) a. Onde pensas tu que vais?

b. *Onde tu pensas que vais!

²⁵ Mateus et al. também notam que “algumas interrogativas (...) não requerem resposta verbal mas sim um acto futuro do alocutário.” (Mateus et al., 2003:460, n27). Isto leva-nos a concluir que tanto as interrogativas como as imperativas podem ser utilizadas com o mesmo propósito comunicativo.

²⁶ Segundo Garzonio (2004), nas imperativas-Wh, o que é relevante é o conteúdo proposicional e não o valor do sintagma-Wh, que deverá conter o elemento relevante que se pretende acrescentar à ‘to-do list’ do ouvinte. Segundo Potter & Zanuttini (2003), as imperativas devem codificar a necessidade de se actualizar a ‘to-do list’ do ouvinte e a propriedade que deverá ser acrescentada a essa lista.

- (186) a. O que estás tu a comer?
 b. *O que tu estás a comer!

O falante não está interessado no valor da variável (valor que conhece), mas na interrupção da acção expressa pela proposição. I.e., a ordem tem o sentido de obrigar o ouvinte a continuar a marchar (ex. (183)), ou de o proibir de ir brincar (ex. (184)), ou de o obrigar a ficar no local onde está, proibindo-o de sair (ex. (185)), ou de o proibir de comer o que pretende, obrigando-o a parar ou a nem começar a fazê-lo (ex. (186)). Estas estruturas são pragmaticamente marcadas e têm de estar contextualizadas.

Porém, de um ponto de vista sintáctico, os dados apresentados não favorecem a necessidade de considerarmos um subtipo de imperativas-Wh como uma classe tipológica distinta para este tipo de SDQs, uma vez que, com excepção do intuito discursivo de ordem, estas construções são estruturalmente semelhantes às SDQs (veja-se, por exemplo, a obrigatoriedade de ISV em (185)-(186)).

2.3. Sinopse da descrição dos dados

O quadro seguinte pretende sistematizar a descrição anteriormente apresentada, mostrando que, como temos vindo a descrever, existem diferenças estruturais (sintácticas) visíveis entre os diversos tipos de interrogativas-Wh e exclamativas-Wh. Podemos, por exemplo, admitir que as interrogativas-não-puras (SDQs/RQs) são interrogativas (e não exclamativas), uma vez que, na sua maioria, as propriedades sintácticas (ISV, possibilidade de *in-situs*, recurso à estratégia 'é que', impossibilidade de inserção de complementador, e.o.) se mantêm nas SDQs/RQs como nas interrogativas-Wh-puras.

Tipos frásicos	Interrogativas-Wh				Exclamativas-Wh
	Puras	Eco	CfvQs	RQs SDQs	
Propriedades					
Variável identificada	-	-	-	+ ²⁷	+

²⁷ Embora nas SDQs/RQs e nas exclamativas o valor da variável esteja identificado, nas primeiras o grau de identificação é mais reduzido que nas segundas.

Valor avaliativo	-	-	-	-	+	+				
Complementador	-	-	-	-	-	+				
Estratégia 'é que'	+	+	+	+	+	-				
Ordem VS - ISV	+	+	+	+	+	- ²⁸				
Wh- <i>in-situ</i>	Suj	Obj	Suj	Obj	Suj	Obj	Suj	Obj	Suj	Obj
	+	+	+	+	-	+	-	+	-	-
Marcador 'diabo'	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+
Expressão 'para aí/ ali'	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-
Expletivo	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+

2.4. Ainda outras construções-Wh: Sintagma-Wh-não-argumental

Existem ainda em PE outros dois tipos de construções-Wh com propriedades interrogativas e/ou exclamativas. Estas distanciam-se das construções-Wh anteriormente descritas na medida em que mostram uma propriedade específica que não partilham com nenhum outro tipo de construção-Wh: os sintagmas-Wh (com uma forma idêntica à dos sintagmas-Wh argumentais até aqui apresentados) não são efectivamente argumentos verbais, sendo que a variável incide sobre toda a proposição.

2.4.1. Sintagma-Wh com valor de 'Porquê'

Obenauer (2008) observou que existem interrogativas-Wh do tipo SD com um sintagma-Wh não argumental. Estas ocorrem preferencialmente com o sintagma-Wh-*barest* 'que' ou com o sintagma-Wh-*bare* 'o que':

- (187) Cosa ridi?!
que ris
“‘porque’ + SD” (ex. (3) Obenauer, 2008:12)

²⁸ Possível apenas com uma interpretação de foco contrastivo.

(188) Perché ridi?

porque ris

“Porque: razão” (ex. (4) Obenauer, 2008:12)

Obenauer apresenta-nos (187) com a interpretação de “‘why’ + surprise and disapproval”, contrapondo-o a (188) que apresenta uma leitura neutra em que se pergunta a razão porque se está a rir. Segundo o autor, este uso de ‘que’ com o sentido de ‘porquê’ parece existir em várias línguas - Italiano, Checo, Húngaro, Japonês, e.o.-mas é impossível em línguas como o Francês (Obenauer, 2008:12):

(189) *Que ris-tu?! (ex. (8) Obenauer, 2008:12)

Em PE, o equivalente a (189) também é agramatical:

(190) *Que ris?!

Um equivalente possível é dado em Ambar (2008):

(191) a. (O) que é que tu estás (para aí) a rir?!

b. (O) que estás tu (para aí) a rir?!

Em (191), a paráfrase é: ‘Estás a rir porquê?’. Para além da interpretação da variável como sendo ‘porquê’, a interpretação geral destas construções remete-nos sempre para uma avaliação (normalmente de carácter negativo) típica das exclamativas-Wh. Como o carácter permanece interrogativo e critérios estruturais como a ISV estão presentes, classificamos este tipo de construções como um subtipo de interrogativa-Wh-não-pura (como em Obenauer, 2008).

2.4.2. Sintagma-Wh com valor de Oposição

2.4.2.1. Valor discursivo

Embora o sintagma-Wh não possa ocorrer *in-situ* nas exclamativas-Wh se se pretender manter uma interpretação semelhante à das exclamativas-Wh com sintagma-

Wh-inicial, existe um tipo particular de exclamativas-Wh-*in-situ*. Nestas o sintagma-Wh é não-argumental. Uma vez que a variável não retoma um argumento do verbo mas toda a proposição, recorre necessariamente à forma *bare* ‘o quê’²⁹ (que não recebe nenhuma especificação):

- (192) a. O João vai o quê!
b. *O João vai onde!
c. *O João vai a que lugar!
“O João não vai!”

Discursivamente, o valor de assertividade do enunciado altera-se, originando a negação pragmática de toda a proposição. As exclamativas-Wh que permitem o sintagma-Wh-*in-situ* e que denotam necessariamente um valor negativo perante todo o conteúdo proposicional atribuem-lhe o valor de verdade {0}, i.e., em termos interpretativos, ‘o que’ anula o valor da proposição: se é afirmativo passa a negativo, se é negativo passa a afirmativo:

- (193) [¬ [conteúdo proposicional]]

- (194) O João vai a Paris o quê!
“(Claro que) o João não vai a Paris”

- (195) O João não vai a Paris o quê!
“(Claro que) o João vai a Paris”

Como se vê pela possibilidade de introduzir a paráfrase pelo marcador textual de ênfase ‘claro que’, o valor da proposição é “óbvio” (como nas RQs).

A ocorrência deste padrão interpretativo de negação está condicionada a contextos muito específicos. Vejam-se os exemplos:

- (196) Sabes o quê!

Contexto: A: ‘Eu sei contar até 50 em sânscrito’

B: ‘Sabes o quê! Não sabes nada!’

²⁹ A forma tónica deve-se à posição final.

(197) Queres o quê!

Contexto: A: 'Quando for grande, eu quero ser juíza!'

B: 'Queres o quê! Não queres nada ser juíza. Dizes sempre que vais ser bailarina!'

(198) O João disse o quê!

Contexto: A: 'Olha só, o João disse que a Sofia namora o Pedro!'

B: O João disse isso o quê!'

Parafraçando: 'Ah... o João não disse nada disso que eu sei muito bem, ele era incapaz' ou 'eu estava lá e ouvi bem o que ele disse'.

2.4.2.2. Restrições de co-ocorrência

Estas construções diferenciam-se sintacticamente das apresentadas anteriormente, visto:

a) poderem co-ocorrer com os argumentos verbais:

(199) O João vai a Paris o quê?!

(200) O João viu o Baryshnikov o quê?!

Em (199)-(200), 'o quê' representa uma variável que retoma toda a frase. Mesmo se este argumento não estiver presente (exs. (201)-(202)), o sintagma-Wh nunca o poderá retomar³⁰, e aquele será identificado pelo contexto discursivo (uma informação partilhada pelos interlocutores):

(201) O João vai o quê?!

(202) O João viu (isso) o quê?!

b) não poderem co-ocorrer com um argumento se este for um sintagma-Wh:

³⁰ Parece, porém, que a nova geração de falantes aceita estas construções também com um sintagma-Wh-referente:

(v) O João viu quem?! = O João não viu ninguém.

- (203) a. *O João fez quê o quê?
 b. *O João fez o quê o quê?
- (204) *O João vai onde o quê?!
- (205) *O João viu quem o quê?!
- (206) *O João comprou que livro o quê?

Este facto leva a crer que existirá apenas uma posição estrutural para os sintagmas-Wh, i.e., que permita a verificação dos traços [wh] interrogativos (cf. secção 4.1).

c) não poderem ocorrer com o sintagma-Wh-inicial;

- (207) a. O João vai a Paris o quê?!
 b. *O que vai ele a Paris?
 c. *O que ele vai a Paris?
 d. *O que é que ele vai a Paris?
- (208) a. O João viu o Baryshnikov o quê?!
 b. *O que viu o João o Baryshnikov?
 c. *O que o João viu o Baryshnikov?
 d. *O que é que o João viu o Baryshnikov?

Este facto, por sua vez, leva a crer que, uma vez que o valor do conteúdo proposicional se altera, deverá ser o TP a verificar os traços relacionados com assertividade, e não o sintagma-Wh (cf. secções 6 e 7).

d) não poderem ocorrer com indefinidos:

- (209) a. *Alguém vai passar o ano o quê!
 b. O João vai passar o ano o quê!

A agramaticalidade de (209a) poderá advir do carácter não específico e não referente de elementos indefinidos (cf. Ambar & Pollock 1998).

2.6. Conclusões

Estruturalmente, aspectos da ordem de palavras, como a ISV e a posição do sintagma-Wh, são imprescindíveis na classificação dos enunciados tendo em conta uma tipologia frásica como a apresentada. Associados estes ao conteúdo pragmático permitem uma divisão tipológica mais acurada.

Com efeito, apesar de conterem intuítos informacionais distintos, construções como as interrogativas-eco, as CfvQs, as RQs e as SDQs partilham determinadas características sintáticas que as distinguem de outros tipos frásicos (como as exclamativas-Wh). Assim sendo, inserimo-las no grupo das interrogativas-Wh.

Conjugando a divisão de Ambar e a de Obenauer, podemos chegar a uma quadripartição das interrogativas-Wh em:

- a) interrogativas-Wh-puras: aquelas em que o falante não conhece o valor da variável e pede que lho identifiquem;
- b) interrogativas-eco: aquelas em que foi dado o valor da variável ao falante que pede que lho identifiquem novamente (correspondendo às interrogativas-Wh-eco de Ambar);
- c) interrogativas-Wh-semi-puras: aquelas em que o falante já dispôs do valor da variável não o tendo presente no momento da enunciação (correspondendo às CfvQs de Obenauer);
- d) interrogativas-Wh-não-puras: aquelas em que o falante dispõe do valor da variável no momento da enunciação, não pedindo que lho identifiquem (correspondendo às RQs e às SDQs de Obenauer);

opondo-se a:

- e) exclamativas-Wh: aquelas em que o falante detém por completo o valor da variável, avaliando esse valor.

As diferenças pragmáticas e sintáticas apresentadas levam a que a escolha

entre os subtipos de interrogativas não seja livre.

É importante salientar que os valores de assertividade e os valores avaliativos não são específicos a uma determinada construção. As interrogativas-Wh-não-puras aproximam-se das exclamativas ao nível pragmático, mantendo, no entanto, uma maior proximidade sintáctica das interrogativas-Wh-puras. Iremos defender ao longo deste trabalho que isto acontece principalmente porque valores como a asserção e a avaliação são codificados estruturalmente (como em Ambar 2000, 2001), i.e., a projecção de trechos estruturais relacionados a valores específicos não depende do tipo de construção em causa mas dos valores pragmáticos que o falante pretende incutir ao seu discurso reflectindo-se na estrutura. Desse modo, depreende-se que qualquer construção-Wh, que por motivos discursivos projecte determinada parte da estrutura, possa conter esses valores, seja uma construção interrogativa ou exclamativa. Autores como Speas & Terry (2001) mostraram também que diferentes propriedades poderiam ser codificadas em projecções funcionais distintas, o que originou uma vasta gama de estruturas. A interpretação é assim composicional como defendido nos trabalhos de Ambar desde 1996.

Para além das diferenças estruturais descritas, estas construções-Wh deverão apresentar diferenças derivacionais, de forma a obterem-se os valores específicos de cada subtipo. Como codificar na gramática essas diferenças? De acordo com Obenauer (2004, 2006) são traços discursivos que motivam diferenças derivacionais que por sua vez originam diferenças estruturais. Vários outros autores têm defendido esta perspectiva (Ambar 2000, 2001; Poletto 2000; Pollock 2001; Rizzi 1997, 1999).

Esse é um dos propósitos deste trabalho: chegar a uma derivação teórica numa perspectiva de Split-CP, delineando a estrutura da Periferia Esquerda para cada um dos subtipos descritos. Após ser delineada uma estrutura adequada, subjacente às construções em causa, a presente tese pretende encontrar as derivações possíveis para essas estruturas, tendo em conta as teorias generativas desenvolvidas nos últimos anos: Checking Theory of Movement, *Probe-goal* System e Phase-System. Na próxima secção, apresentaremos uma breve panorâmica dessas perspectivas teóricas.

3. QUADRO TEÓRICO

3.1. 'Derivação por Fases'

3.1.1. Ciclicidade

A noção de ciclo tem sido largamente explorada na literatura. Nas décadas de 70, 80 e 90, a ideia da *subjacência* e a noção de *barreira* ao movimento (Chomsky 1986a) tornaram possível explicar determinados fenómenos como as agramaticalidades provenientes de extracções de domínios denominados de *ilha* (Ross 1967). Nos anos 90, o conceito de *minimalidade* (Chomsky 1995) motivou o aparecimento de noções como a *localidade* que se sobrepuseram à de *barreira*. A *Relativized Minimality* (RM) de Rizzi (1990) e os efeitos de intervenção (*intervention effects*³¹) passaram a ter um papel central nas derivações. Em 1999, Chomsky apresenta novos argumentos para a existência de ciclos com a noção de domínio que denominou de *phase* (*fase*), em que o acesso lexical e o *spell-out* são ambos cíclicos.

Fases são domínios sintácticos que uma vez pronunciados (*spelled-out*) se tornam invisíveis para computações sintácticas futuras. Contudo, existe um *escape hatch* – a cabeça e o especificador da projecção marcando a própria fase (a margem (*edge*)), permitindo o movimento cíclico.

Como a sintaxe e as interfaces interagem ciclicamente através das fases projectadas originando o *spell-out*, existe uma unificação dos ciclos fonológicos e sintácticos. Por sua vez a codificação semântica das FPs nesses ciclos, relaciona cada ciclo sintáctico com um ciclo semântico. Uma derivação só converge se as interfaces Conceptual-Intencional (CI), relacionada com o domínio semântico, e Sensorio-Motora (SM), relacionada com o domínio fonológico, tiverem as suas condições satisfeitas.

3.1.2. Fases

Vamos assumir a teoria delineada em Chomsky (1999, 2001, 2005, 2007). Consequentemente, o conceito de *Phase* e as implicações que trará à presente análise serão de extrema relevância.

As *fases* constituem domínios que serão transferidos para as interfaces

³¹ "Locality conditions yield an intervention effect if probe α matches inactive β which is closer to α than matching Γ , barring Agree (α, Γ).” (Chomsky, 1999:3)

semântica e fonológica, após os traços ininterpretáveis (das cabeças fásicas) serem verificados. Devido a esse *Transfer* (uma macro operação que envia a derivação para as interfaces, eliminando os traços que foram validados durante a *fase* que está a ser alvo desse *transfer*), a *fase* é interpretada (transferência dos traços semânticos para a interface Conceptual-Intencional - CI) e *Spelled-out* (pronunciada, transferência dos traços fonológicos para a interface Sensório-Motora - SM).

A formação de uma fase assenta na operação *Merge*. Uma vez que as informações contidas em cada fase serão transferidas, as operações terão de ocorrer internamente, ao nível da fase. Estas são desencadeadas unicamente pela cabeça de fase (Chomsky, 2007:12) e visam a verificação de traços

Após verificados, os traços que entram na derivação como ininterpretáveis são eliminados. Se os traços não forem eliminados a derivação falha. Operações posteriores não o poderão fazer visto a estrutura tornar-se opaca devido à *Phase Impenetrability Condition* (PIC)).

Quando uma fase é fechada, o seu interior (o complemento) torna-se opaco. Consequentemente, a extracção de elementos só ocorre da posição de *left edge* (especificador e cabeça)³²:

Phase-Impenetrability Condition (PIC):

“In phase α with the head H, the domain of H is not accessible to operations outside α , only H and its *edge* are accessible to such operations.” (Chomsky, 2000:108)

Como as fases fechadas permitem extracção apenas a partir da margem esquerda (*left edge*), a PIC origina a propriedade da ciclicidade do movimento: um sintagma deve mover-se para o especificador de cada fase de modo a tornar-se visível para movimentos adicionais, deixando uma cópia na margem (*edge*) de cada *fase* interveniente. A passagem pelas margens induz novas relações de escopo e possibilita a incorporação de informação discursiva por *External Merge* adicional na estrutura (com possíveis repercussões na curva melódica devido à relação que se estabelece com as interfaces nesses pontos)³³.

No sistema de Chomsky, os únicos X^0 capazes de funcionar como cabeças de *fase* são v^{*0} e C^0 . Cada um tem dois traços (traços de concordância (AF, do inglês *Agree-*

³² Com uma abordagem baseada em princípios semelhantes, Fox e Pesetsky (2004a,b) consideram as fases domínios onde a informação sobre a precedência linear é determinada.

³³ A deslocação de sintagmas para a margem não é assim tão taxativa. Pode haver *External Merge* de *Alternative Checkers* para veicular esses sentidos discursivamente marcados.

feature) e traços de margem (EF, do inglês *Edge-feature*). Um dos traços – EF – é verificado na projecção desse X^0 e o outro – AF – é transferido para o complemento que X^0 selecciona e herdado pela sua cabeça (“inheritance of the features of the phase-head by the category it selects.” (Chomsky, 2005:22)).

Consequentemente, mesmo os movimentos que ocorrem para outras FPs, como Spec,TP, são desencadeados pelos traços que as cabeças dessas projecções herdaram da cabeça de fase. Sendo CP e v^*P fases, C^0 e v^{*0} contêm EF e AF. T^0 e V^0 herdam AF onde são verificados, e os traços EF são verificados em C^0 e V^0 . Esses movimentos ocorrem simultaneamente, visto que os traços são activados ao mesmo tempo, i.e., a derivação pode envolver operações paralelas, sem nenhuma relação entre elas³⁴.

3.1.3. Sistema *Probe-goal*: Traços>*Merge*>*Agree*

A Gramática Universal (UG) disponibiliza um conjunto de traços e de operações com os quais as estruturas se formam. *Merge*, *Agree* e *Move* são as operações relevantes nas computações (Chomsky 2000). Segundo o princípio de economia (Chomsky 1995), esses mecanismos, se permitidos, são essenciais.

No sistema *probe-goal*, *Agree* (‘combinação, concordância’) relaciona dois elementos numa representação sintáctica. Nesta operação, um traço não-validado (o *probe*) procura uma outra instância desse traço (o *goal*), no domínio que c-comanda, com o qual estabelece uma relação de *Agree*, sendo condição necessária que ambos estejam activos (i.e., que ainda contenham traços por verificar). Na relação *probe-goal*, o *probe* possui traços ininterpretáveis (não validados, i.e., sem um valor determinado) e o *goal* interpretáveis (validados, i.e., com um valor determinado). *Agree* entre um *probe* e

³⁴ Veja-se a derivação dos seguintes exemplos:

- “(vi) a. $C^0 [T^0 \text{ Who } [v^{*0} [\text{see John}]]]$
 b. $\text{Who}_i [C [\text{who}_j [T \text{ who}_k v^*[\text{see John}]]]]]$
 c. Who saw John (ex. (10) Chomsky, 2005:16)
- (vii) a. $C^0 [T^0 [v [\text{arrive who}]]]$
 b. $\text{Who}_i [C [\text{who}_j [T [v \text{ arrive who}_k]]]]]$
 c. Who arrived (ex. (11) Chomsky, 2005:16)

In (10) [(vi)], in the v^* -phase v^* -John agreement values all uninterpretable features. Turning to the C-phase, both the edge- and the Agree-feature of C seek the goal who in SPEC- v^* . The Agree-feature, inherited by T from C, raises it to SPEC-T, while the edge-feature of C raises it to SPEC-C. The result is (10b [(vi)b.]). There is a direct relation between who_i and who_k , and between who_j and who_k , but none between who_i and who_j . There are two A-chains in (b): (who_j , who_k) and (who_i , who_k). Each A-chain is an argument, with who_i the operator ranging over the A-chains, interpreted as restricted bound variables. Similarly in (11) [(vii)], with no lower phase, parallel operation of the edge- and Agree-features of C derives (b) from (a), with the operator who in SPEC-C and the two A-chain arguments (SPEC-T, Complement-V) and (Complement-V).” (Chomsky, 2005:16)

um *goal* implica *matching* (correspondência, equivalência) entre eles. *Agree* resulta da combinação de traços (completos e activos) num *probe* e num *goal* (*Probe-goal matching*), com o objectivo de eliminar os traços ininterpretáveis antes de chegarem à interface semântica:

“(i) *Probe* and *goal* must both be active for *Agree* to apply;

(ii) α must have a complete set of φ -features (it must be φ -complete) to delete uninterpretable features of the paired matching element β .” (Chomsky, 1999:4)

Um *probe* entra numa relação com um *goal* se e só se o *probe* e o *goal* forem os constituintes mais próximos um do outro que possam entrar numa relação de *Agree*:

“Minimal search conditions limit the *goal* of the *probe* to its complement, the smallest searchable domain.” (Chomsky, 2007:6)

ou seja, se não existir um elemento interveniente que possa funcionar como *goal*, i.e. se se verificarem as condições de localidade definidas acima (cf. n32):

“The *probe* agrees with *goals* in its domain as far as a *goal* with no unvalued features, which blocks further search (intervention).” (Chomsky, 2005:9)

Segundo Chomsky (1999), os traços ininterpretáveis diferem dos interpretáveis na medida em que entram na derivação não validados (sem valor/interpretação). A operação *Agree* serve para validar esses traços.

Se um traço chegar às interfaces por validar levará ao fracasso da derivação, i.e. a derivação rebenta (*crash*).

Segundo o autor, os traços ininterpretáveis são:

- i) os traços- φ em T^0 , V^0 ;
- ii) os traços de CASO nos DPs.

e os traços interpretáveis:

- i) os traços- φ nos DPs e
- ii) os traços de tempo em T^0 .

A operação *Merge* junta dois objectos sintácticos para criar um novo, podendo

ocorrer em duas formas – *External Merge* (EM) e *Internal Merge* (IM) ou *Move* – originando duas relações: *irmandade* (*sisterhood*) e *conter- imediato* (*immediately-contain*) que, por sua vez, origina 3 relações: *conter* (*contain*), *identidade* (*identity*) e *c-comando*. A operação *Merge* pode ser de dois tipos: *simples* (*simétrico*), produzindo conjuntos binários, ou *assimétrico* (*adjunção*), adjungindo *a* a *b* com *b* mantendo as suas propriedades originais. Esta operação dissocia a estrutura argumental da estrutura informacional (papéis- θ vs. tópico, foco): a primeira requer EM e a segunda IM (excepto quando há introdução de ACs). O *Merge* puro ocorre sempre para uma posição- θ e é requerido e restrito a argumentos (*Theta-theoretic principle*, Chomsky, 2000:102), portanto um XP não é introduzido por *Merge* puro em v^* ou em C.

Move (*'mover'*) é a operação que resulta da combinação de *Merge* e *Agree*, originando a deslocação de um constituinte. Todo o movimento que não ocorra como consequência dessa relação é excluído, i.e., a deslocação é requerida pelo sistema (Chomsky 1999, 2005):

“IM is the operation *Move* under the “copy theory of movement,” [(...)] required by strict adherence to the NTC³⁵.” (Chomsky, 2005:7)

Move é uma operação necessária na derivação das construções-Wh em estudo, uma vez que a propriedade de movimento está relacionada com a interpretação dos enunciados:

“Displacement” [(...)] has external motivation in terms of distinct kinds of semantic interpretation and perhaps processing.” (Chomsky, 1999:3)

3.1.4. Relação-Wh: traços-movimento-estrutura

A teoria subjacente ao movimento-Wh tem vindo a sofrer reanálises.

Na LGB (Chomsky 1981), o movimento ocorria para estabelecer uma relação operador-variável. O movimento-Wh era visto como um movimento-A' que deixava um vestígio coindexado. O operador (morfema-Wh) tinha de c-comandar o vestígio (a

³⁵ “A natural requirement for efficient computation is a “no-tampering condition” NTC: Merge of X and Y leaves the two SOs unchanged. If so, then Merge of X and Y can be taken to yield the set {X, Y}, the simplest possibility worth considering. Merge cannot break up X or Y, or add new features to them. Therefore Merge is invariably “to the edge” and we also try to establish the “inclusiveness principle,” dispensing with bar-levels, traces, indices and similar descriptive technology introduced in the course of derivation of an expression.” (Chomsky, 2005:5-6)

variável), que era legitimado por uma relação de governo. Esta relação de operador-variável era relevante ao nível da representação semântica (*Logical Form*) por ser universalmente necessária à interpretação.

No Programa Minimalista (PM) (Chomsky 1995), há uma motivação morfo-sintáctica para o movimento. O carácter-Wh é um aspecto morfológico, pois o elemento-Wh tem traços que têm de ser verificados, i.e., o que motiva o movimento-Wh é a existência de um traço-Wh ininterpretável no elemento-Wh que expressa informação acerca do carácter [+Wh] da frase³⁶. Contudo, Chomsky (2005, 2007) propõe uma teoria minimalista de verificação/validação de traços em que apenas as cabeças de projecções que são fases derivacionais devem ser capazes de funcionar como *probes*, activando relações de *probe-goal*, visto que apenas as cabeças de *fase* são relevantes para o *transfer* para as interfaces (só estas contêm traços).

“If only phase heads trigger operations (as I will assume), then IM will satisfy EF only for phase heads; apparent exceptions, such as raising to SPEC,T are derivative, via inheritance” (Chomsky 2005:10).

Como já vimos, Chomsky propõe que cada *fase* tenha dois traços: *Edge feature* (EF) e *Agree feature* (AF), dividindo internamente a cabeça de fase em duas sub-cabeças. Como uma cabeça de fase tem dois *probes* (EF e AF), o primeiro será validado no seu especificador e o segundo no seu complemento. O primeiro está automaticamente disponível para receber um item lexical e, no caso das interrogativas-Wh, atrai o sintagma-Wh; o segundo terá de ser verificado no especificador da FP complemento dessa cabeça. Os traços AF não são inerentes mas derivados, i.e., podem pertencer a um domínio complemento de uma cabeça de *fase* (originando movimentos-A). Os AF são traços relacionados com tempo, modo, aspecto e evento e não vêm validados do léxico. São responsáveis, por exemplo, pela verificação de caso nominativo no sujeito frásico em Spec,TP, e pela verificação de caso acusativo validado por VP (Chomsky 2005). As cabeças não-fásicas (T^0 , V^0) recebem um AF da cabeça da fase (C^0 , v^{*0}) que o c-comanda, i.e., v^{*0} transmite AF a V^0 e C^0 a T^0 . Esta transmissão de traços de *Agree* é uma propriedade das fases em geral. Se V^0 e T^0 não têm traços de *Agree* próprios, têm

³⁶ Os traços são introduzidos na estrutura através dos itens lexicais que os contêm. Chomsky (1999) propõe que os itens lexicais são uma colecção (possivelmente estruturada) de traços fonológicos, semânticos e formais (*bundles of features*):

“UG must provide atomic elements, lexical items LI, each a structured array of properties (features) to which Merge and other operations apply to form expressions.” (Chomsky, 2007:4)

de os herdar. Se não forem seleccionados por v^{*0} e C^0 são defectivos, não recebendo esses traços.

Estruturalmente, é EF que é responsável pelo movimento-Wh. Segundo Chomsky “EF is undeletable, a property of UG”, explicando que, se EF fosse eliminado, “then all expressions will be of the form LI-complement; in intuitive terms, they branch unidirectionally” (Chomsky, 2007:6). Se EF nunca é eliminado, o movimento para a posição à esquerda é sempre permitido (desse modo há sempre a possibilidade de continuar a derivação - permite a recursividade). De outro modo não poderíamos continuar as derivações pois todos os traços da fase estariam verificados e, portanto, eliminados, não se podendo efectuar mais operações: já não existiriam *probes* disponíveis.

Quanto às propriedades destes traços, tem-se assumido que um elemento que se move para CP é atraído por um traço do mesmo tipo (*matching*): um sintagma-Wh move-se para spec,CP porque C^0 tem um traço [+wh] ininterpretável. Contudo, Chomsky nota que, se considerarmos um Split-CP, a posição onde o constituinte é IM é que o identifica:

“Suppose that the edge-feature of the phase head is indiscriminate: it can seek any *goal* in its domain, with restrictions (e.g., about remnant movement, proper binding, etc.) determined by other factors. Take, say, Topicalization of DP. EF of a phase head PH can seek any DP in the phase and raise it to SPEC-PH. There are no intervention effects, unless we assume that phrases that are to be topicalized have some special mark. That seems superfluous even if feasible, particularly if we adopt Rizzi’s approach to the left periphery: what is raised is identified as a topic by the final position it reaches, and any extra specification is redundant” (Chomsky, 2005:18).

Não haveria assim a necessidade de postularmos tipos diferentes de traços para cada FP³⁷, reduzindo-os, tal como nas restantes fases, a dois (*edge features* (EF) e *Agree features* (AF)).

Isto traz uma nova hipótese para a formação da Periferia Esquerda (LP) (cf. Secção 4): não seria necessário postularmos um traço ininterpretável específico para provocar movimentos para cada FP. Os itens lexicais teriam um traço ([wh], [foc] ou

³⁷ Consideramos que os itens lexicais podem conter, idiossincriticamente, traços como [Wh] que são responsáveis pela sua caracterização. Estes traços são interpretáveis, i.e., não têm de ser eliminados e ficam disponíveis para futuras operações (se não violarem a PIC e a *Locality*), permitindo a um sintagma que se mova recursivamente para posições mais altas que contenham EF por eliminar.

[top]) que determinaria a etiqueta do *landing site*. Por exemplo, o sintagma-Wh (*goal*) teria um traço [+wh] interpretável, i.e., com o valor atribuído e o *probe* um traço EF ininterpretável, i.e., sem um valor atribuído. Este poderia ser verificado quer por um [wh] quer por um [foc]. Ao receber um XP com um traço [+wh] essa FP adquiriria os traços da cabeça e tornar-se-ia WhP.

Contudo, esta hipótese vai contra o PM, onde o movimento só é permitido se houver *agreement*, i.e., se os traços forem os mesmos no *probe* e no *goal* e contra a ideia de que são as características das FPs e os seus traços que definem o tipo de *goal* que os poderá verificar, necessitando os seus valores de estarem anteriormente definidos:

“The values of these features are redundant, fixed by structural position in the course of derivation.” (Chomsky, 2005:21)

A hipótese que iremos considerar, assume que, havendo EFs no domínio do Split-CP, o que chega a TopP é tópico, o que chega a IntP é interrogativo, o que chega a EvalP é avaliativo, etc. Desse modo, não precisamos que os itens lexicais venham da numeração com outros traços, para além dos seus traços idiossincráticos, como traços relacionados com o discurso (por exemplo [+top]).

3.2. Perspectiva Cartográfica

A co-ocorrência de elementos num local periférico à frase (na posição de COMP, Bresnan 1972) terá contribuído para a aplicação da Teoria-X' às categorias funcionais, nomeadamente a CP Chomsky (1986a). Surgem, assim, as posições de Spec,CP e de C° (em vez de uma só posição - COMP). Embora esta estrutura fosse suficiente para acomodar os elementos em (214), com o sintagma-Wh na posição de especificador e o complementador na posição de cabeça, não seria capaz de acomodar os elementos do exemplo (215), com duas projecções máximas numa posição à esquerda (um tópico e um sintagma-Wh):

(210) [CP Que dia [C° que [TP está hoje]]]

(211) [CP À Maria [CP que livro [TP ofereceu o João]]]

Este facto levou vários linguistas a proporem uma estrutura para CP (sintagma

complementador) segundo a qual este estaria dividido em mais que uma projecção funcional (Ambar 1988, 1996; Cinque 1990; Rizzi 1997, 1999; Ambar & Veloso 1999; Kayne & Pollock 1999; Munaro et al. 1999; Poletto 2000; Bénincà 2001; Obenauer 2004; e.o.).

O desdobramento de CP, ou *Split-CP*, modo como este domínio foi denominado, corresponde à periferia esquerda (LP, *left periphery*), representando a relação entre o conteúdo proposicional (TP) e o discurso. Segundo Rizzi (1997), a principal função deste sistema é permitir a distinção entre os tipos de frase (interrogativa, declarativa, exclamativa, e.o.) e o tipo de flexão (finita ou infinita), sendo portanto relevante e estando necessariamente activo na derivação das construções-Wh em estudo.

O domínio CP consiste num conjunto de nós que codificam valores discursivos e que estão ordenados hierarquicamente. O sistema está subdividido em projecções máximas com valores discursivos específicos, cuja posição de especificador pode conter um constituinte como um sintagma-Wh, um tópico ou um foco (sintagmas deslocados à esquerda) e cuja cabeça pode conter elementos como complementadores ou partículas (muitas vezes sem conteúdo fonético).

Com a hipótese de *Split-CP*, muitos aspectos que haviam sido tradicionalmente considerados diferenças pragmáticas, são agora analisados como sendo dependentes dos traços codificados na sintaxe e da sua verificação. As vantagens desta proposta são visíveis na derivação das interrogativas-Wh:

i) embora os complementadores e os sintagmas interrogativos não possam co-ocorrer numa interrogativa-Wh em PE (*Quem que comprou o livro?³⁸), o que sugere que a posição estrutural à esquerda seja a mesma, podemos ter exclamativas-Wh como (211)-(212), mostrando que temos casos em que têm de existir duas posições disponíveis:

(212) [_{CP}Que livro [_{CP}que [_{TP}ele leu]]]

ii) segundo Pollock, o movimento de extracção de um elemento anterior a remnant-movement³⁹ tem necessariamente de ser para uma posição externa (e mais alta) que aquela em que esse elemento se encontrava, de modo a que o restante

³⁸ Contrariamente ao Português do Brasil (cf. Ambar 2003).

³⁹ Sobre estes conceito ver secção 8.

constituente, que o continha, se possa deslocar e atravessar o elemento extraído, como ilustrado por (213):

(213) [CP [A Maria comeu]; [CP [o quê]_i [TP t_j t_i]]]

Estes factos conduzem à postulação de mais FPs acima de TP para além de CP, dando pertinência ao Split-CP.

Seguindo essa ideia, vários autores propuseram FPs para esse domínio com o intuito de derivar ordens lineares e valores interpretativos diferentes:

Cinque:

(214) [CP(Top) [CP(Wh) [CP(Focus) [CP(Top) [CP(tensed) [IP]]]]]]] (1990)

Ambar:

(215) [CP [EvaluativeP [TopicP [TopicFocusP]]] (1996)

(216) [XP [EvaluativeP [AssertiveP [XP [WhP [FocusP [XP]]]]]]] (2000, 2001)

(217) [XP [EvaluativeP [AssertiveP [XP [WhP [FocusP [XP [FinP]]]]]]] (2008)

(XP= projecção de tipo tópico)⁴⁰

Rizzi:

(218) [ForceP [TopP [FocP [TopP [FinP]]]]] (1997)

(219) [ForceP [TopP [IntP [TopP [FocP [ModP [TopP [FinP]]]]]]]]] (1999, 2002)

Poletto & Pollock:

(220) [WhP1 [ForceP [GroundP [TopP [WhP2 [IP]]]]]]] (2000)

(221) [Op2P [ForceP [GroundP [TopP [OpP1 [IP]]]]]]] (2000)

(222) [DisjP [ForceP [GroundP [TopP [ExistP [IP]]]]]]] (2004)

Munaro, Poletto & Pollock:

(223) [ForceP [GroundP [NIP⁴¹ [TopP [IP]]]]] (2001)

⁴⁰ A autora explicitamente assume que estes XPs ocorrendo em diferentes posições plausivelmente terão diferentes propriedades, cuja descrição remete para trabalho futuro.

Bénincà:

(224) [DiscourseP [ForceP [TopicP [FocusP [FinitenessP]]]]] (2001)

Obenauer:

(225) [SurprP [IntForceP [GP [TP]]]] (2004)

(226) [RP [SDP [Cvfp [Wh1P [ForceP [GP [TopP [WhP2 [IP]]]]]]]]] (2006)

Estas propostas para a estrutura da LP existentes, entre outras, na literatura, que se basearam em dados de línguas distintas, são de certo modo semelhantes, tanto no número como nas características das FPs que contêm. Esse facto leva-nos a pressupor a universalidade das estruturas. Por exemplo, SurprP de Obenauer recebe o sintagma-Wh nas SDQs comportando-se como EvalP de Ambar, IntForceP comporta-se similarmente a WhP codificando a interpretação interrogativa, e ambos GroundP e AssP contêm a informação pressuposta. FocP (Rizzi, Bénincà, Ambar) apresenta um comportamento semelhante a NIP (Munaro et. al), comportando informação nova. TopP é uma FP proposta por todos os autores e adoptada em todas as estruturas. FinitudeP ocorre em várias propostas (Rizzi, Bénincà, Ambar), codificando o tipo de flexão ([+/- finita]). Também ForceP ocorre em várias propostas (Bénincà, Obenauer, Poletto & Pollock, Rizzi, e.o.), dominando várias projecções como IntP/WhP e FocP. Segundo Rizzi, Force determina o tipo de frase. Desse modo, torna-se indispensável na classificação tipológica dos enunciados. EvalP e AssP de Ambar são o desdobrar dessa FP em duas, permitindo assim mais possibilidades de composição derivacional, o que se revelará muito útil na distinção dos diversos tipos/subtipos de enunciados possíveis.

Autores como Ambar, Obenauer, Pollock, e.o., defendem que a variação entre diferentes línguas orientadas para o discurso (cf. Li & Thompson 1976) como o PE (Duarte 1997) depende do tipo de interacção que se estabelece, por um lado, entre estas diferentes projecções que estabelecem a relação entre o conteúdo proposicional da frase (TP) e o discurso e, por outro, entre essas mesmas projecções e as propriedades lexicais dos elementos que entram nas derivações. Um exemplo de resultados desta perspectiva é a possibilidade de se prever a derivação da ordem dos constituintes nomeadamente das ordens não canónicas, numa mesma língua. O mesmo mecanismo

⁴¹ "New Information Phrase".

aplica-se à variação interlinguística, i.e., também esta se deve, por um lado, às relações estruturais e, por outro, à relação delas e das propriedades lexicais dos elementos.

Certos autores apenas dividiram o domínio-CP em CP e AgrP, i.e., em duas projecções, a primeira relacionada com tempo e a segunda com concordância (Shlonsky 1992; Haegeman 1995). Nestas propostas, C^o funciona sempre como uma posição de tipo operador, ao passo que a posição seleccionada (AgrP) não (ideia que estará presente na teoria de fases).

Por outro lado, autores como Sells (1987), Zribi-Hertz (1989), Speas & Tenny (2001), Speas (2004), e.o. consideram que esses valores não são codificados na estrutura sintáctica, mas na interface pragmática, argumentando que os princípios de economia das derivações seriam violados. Note-se, porém, que o princípio de economia regula o número de operações disponíveis numa dada derivação e não a quantidade de estrutura (número de FPs) que possa ser projectada.

Segundo Abels (2003), a hierarquia em cartografia apresenta um problema: define modelos de dimensões limitadas. Para gerar estruturas não limitadas, o autor propõe a criação de modelos com uma estrutura e propriedades semelhantes que possam ser encaixados uns nos outros recursivamente, onde cada fragmento máximo constituirá um domínio cíclico.

3.3. Principais questões

Partindo apenas do que já foi apresentado, várias questões se colocam:

A) Apesar da semelhança que existe entre as propostas para a Periferia Esquerda (LP), estas, muitas vezes, contêm uma proliferação de FPs, plausivelmente agrupáveis. Como não é viável postularmos a existência de uma FP específica para cada nuance interpretativa que as línguas e os falantes possam gerar, pois isso obrigaria a um número demasiado extenso de FPs cuja articulação entre si seria impraticável (e mesmo que fosse possível registar todas essas nuances), como poderemos codificar essas diferenças numa estrutura cartográfica? Que tipo e quantas FPs precisamos de postular para derivarmos, por exemplo, todas as construções-Wh referidas neste trabalho? Haverá um limite de operações e projecções disponíveis? Que evidência temos para a sua existência?

B) Adoptando a LP proposta por Ambar (2008), como saber que domínios constituem fases? Esta é uma questão colocada por Speas & Tenny (2001) relativamente à análise de Ambar (2001) (cf. pág. 93).

É a estas questões que tentaremos responder na secção que se segue, tratando os dados formalmente. O objectivo será analisar a proposta de Obenauer (2004, 2006) tendo como base uma teoria minimalista baseada nos conceitos *Agree-Merge-Move*, no sistema *probe-goal* e na teoria de derivação por fases. Pretende-se chegar a uma explicação unificada para a diversidade de estruturas consideradas.

4. ESTRUTURA E SUA COMPOSIÇÃO

4.1. Periferia Esquerda nas construções-Wh

Considerando que os traços são codificados durante a derivação:

“Though motivated at the interface, interpretability of a feature is an inherent property that is accessible throughout the derivation” (Chomsky, 1999:3)

e que a estrutura da LP é constituída por um número limitado de FPs organizadas hierarquicamente consoante propriedades discursivas específicas, a natureza sintáctico-pragmática das FPs da LP a par da natureza sintáctico-pragmática das interrogativas-Wh deverá ser capaz de codificar de uma forma não ambígua todos os subtipos de interrogativas-Wh. Se temos diferentes interrogativas-Wh e diferentes *landing sites* disponíveis, então espera-se que, nas diferentes interrogativas-Wh, os sintagmas-Wh se possam mover para essas FPs diferentes, podendo recorrer a operações diferentes.

Centrando-se na ideia de Split-CP, Ambar (2000, 2001), e.o., propõe WhP como a projecção operacional na LP para onde os operadores-Wh se moveriam. Hamann (2006) propõe o nó IntP com o mesmo fim. Para Rizzi (1997), o sintagma-Wh subiria para FocP, marcando o foco típico das interrogativas parciais. Mais tarde, Rizzi (1999) incorpora IntP na cartografia que propõe, estando IntP reservado para receber complementadores interrogativos (e.g. ‘whether’/‘se’) e continuando FocP a receber os sintagmas-Wh.

Ambar notou que uma construção-Wh pode diferir de outras pela activação de mais FPs. Através dos seguintes exemplos, retirados de Ambar (2000), a autora exemplifica a gradação nas estruturas das interrogativas-Wh e o carácter composicional da interpretação:

Interrogativa-Wh-pura:

(227) [_{WhP} que_i [_{Wh'} comprou_v [_{FocusP} t_v [_{Focus'} [_{XP} [_{IP} o Pedro t_v t_i]]]]]]]] (ex. (26)

Ambar, 2000:27)

Interrogativa-Wh-eco:

(228) [_{AssertiveP} [O Pedro encontrou t_j]_k [_{Assertive'} [_{XP} [_{WhP} quem_i [_{Wh'} [_{FocusP} t_i [_{Focus'} [_{XP} [_{IP} t_k]]]]]]]]]] (ex. (8) Ambar, 2000:20)

Exclamativa-Wh:

(229) [_{EvaluativeP} que livro_i [_{Evaluative'} [_{AssertiveP} [_{Assertive'} que [_{TopP} o João_j [_{WhP} t_j

interrogativa, imperativa, etc). Se se considerar que ForceP é responsável pela atribuição da força interrogativa, deverá necessariamente ser projectada, pois, na perspectiva cartográfica, a interpretação de um constituinte depende da FP onde aterrar. Contudo, tendo em conta a estrutura que o autor propõe, como ForceP é a FP mais alta, teríamos de ter sempre toda a LP projectada e não existiriam diferenças de projecção na estrutura informacional/discursiva nas diferentes construções-Wh.

Assim, em vez de uma FP capaz de codificar todos os tipos de frase, propomos que cada valor base (i.e., valores capazes de codificar de uma forma inequívoca propriedades discursivas que remetam os enunciados para um tipo frásico específico) seja atribuído numa FP diferente: a interpretação interrogativa é codificada em IntP e a interpretação exclamativa em EvalP. Possivelmente, do mesmo modo, a interpretação declarativa é codificada em FinP e/ou AssP e a interpretação imperativa em AssP. Este facto não invalida a hipótese colocada por vários linguistas, nomeadamente Ambar, cuja proposta adoptamos, da interpretação composicional. De facto, é a activação de mais do que uma destas FPs na mesma derivação (pelo mesmo constituinte ou por constituintes diferentes) que originará construções híbridas, i.e., que pragmaticamente apresentam características de mais do que um tipo de construções-base (como as interrogativas-Wh-semi/não-puras com propriedades das interrogativas e das exclamativas), daí que não tenhamos uma FP para cada tipo frásico (como projecção exclamativa, projecção interrogativa, projecção imperativa, etc.), pois codificar todos os subtipos frásicos e as suas nuances interpretativas através de uma FP própria seria inexequível.

Tendo em consideração estes aspectos, consideramos que a derivação das interrogativas-Wh-puras termina em IntP⁴², onde a interpretação interrogativa é codificada. Assumimos que as interrogativas-Wh-puras não poderão activar AssP, contrariamente às restantes construções-Wh em estudo, uma vez que sempre que AssP

⁴² Embora seja aceite desde os trabalhos de Chomsky (1981, 1986a) que o sintagma-Wh-objecto se move na sintaxe para CP, note-se que o contraste entre interrogativas-Wh-sujeito e interrogativas-Wh-objecto originou várias hipóteses quanto à estrutura projectada nas primeiras:

a) as interrogativas-Wh-sujeito projectam CP/Wh, porém o sujeito-Wh permanece em TP e a sua extracção para WhP envolve TP pied-piping (Koopmann 1996);

b) as interrogativas-Wh-sujeito apenas projectam IP/TP, onde o sujeito permanece (Schater 1987), partindo da ideia de *vacuous movement* (Chomsky 1986a; Chung & McCloskey 1983);

c) as interrogativas-Wh-sujeito projectam CP/WhP e o sujeito move-se de TP para essa posição (Ambar 2000, 2001; Ambar & Pollock 1998; Ambar e Veloso 1999; Pollock 2001; Obenauer 2006).

Algumas das análises permitem uma maior uniformização entre a derivação das interrogativas-Wh de sujeito e de objecto (como a hipótese (c), que iremos adoptar), outras destacam as diferenças (como as hipóteses (a) e (b)).

é projectado é porque essas estruturas apresentam um valor de factividade⁴³ que codifica o conhecimento que o falante tem sobre o que predica, aspecto ausente das interrogativas-Wh-puras. Além disso, também Mateus et al. (2003) considera que:

“As interrogativas não constituem ainda uma proposição porque não têm valor de verdade (verdadeiro ou falso); a resposta é que lhes dá o estatuto de proposição.” (Mateus et al. 461: n29).

Retornando à tipologia de interrogativas-Wh-não-*standard* de Obenauer (2004, 2006) – CfvQs, RQs e SDQs – apresentada no corpo do texto na secção 2.3. e, combinando-a com a LP de Ambar, concluímos que:

i) as CfvQs não podem ocorrer fora de um contexto específico, ou serão interpretadas como puras; são, geralmente, construções endereçadas ao próprio em que a resposta não é esperada, projectando AssP e;

ii) as RQs e as SDQs projectam AssP uma vez que, por um lado, o falante sabe mais do que nas interrogativas e, por outro, expressa a sua atitude e projectam EvalP uma vez que também está subentendida uma avaliação da proposição.

Como podemos ver, nesta divisão, as RQs e as SDs não se distinguem estruturalmente (daí a sua inclusão no mesmo subtipo de interrogativas-Wh (não-puras), neste trabalho). De facto, embora discursivamente, nas SDQs, o falante saiba o valor da variável avaliando-o e, nas RQs, a variável retrate algo específico e do conhecimento geral (contendo uma espécie de avaliação genérica), em ambas a resposta é até certo ponto conhecida, evidente e/ou óbvia. A diferença discursiva entre os dois subtipos será, possivelmente, obtida posteriormente através de inferências pelo contexto e na relação que estabelece com o conhecimento dos falantes. Além disso, a descrição apresentada na secção 2 mostra que não existem evidências sintácticas para a sua distinção em PE (contrariamente ao que acontece em dialectos do nordeste de Itália como demonstrado por Obenauer (2004, 2006)).

Sumariando, as interrogativas-Wh puras projectam a estrutura até IntP, as interrogativas-Wh-semi-puras (CfvQs) projectam a estrutura até AssP e as

⁴³ Esta noção foi inicialmente utilizada por Kiparsky & Kiparsky (1971) e por Grimshaw (1977) e posteriormente adoptada por Obenauer (1994) e Ambar (1996).

interrogativas-Wh-não-puras (RQs/SDQs) projectam a estrutura até EvalP⁴⁴.

4.1.2. Exclamativas

Portner & Zanuttini (2003), ao observarem interrogativas-Wh e exclamativas-Wh em Paduano e a diferença de comportamento quanto à obrigatoriedade do movimento-Wh (o movimento é obrigatoriamente visível nas exclamativas-Wh mas não nas interrogativas-Wh (Ambar 2000; Benincà 1996; Gérard 1980; Obenauer 1994; Radford 1982)), consideram que as exclamativas-Wh projectam mais FPs que as interrogativas-Wh:

“We take the similarities we have examined to suggest that questions and exclamatives both involve movement of the WH constituent to a CP position. At the same time, we take the observed differences to suggest that the requirements that must be satisfied in the two cases are not identical. In particular, we hypothesize that exclamatives involve movement to a position which is structurally higher than the one involved in questions (Benincà 1995, 1996, 2001, Munaro 1998, Munaro & Obenauer to appear).” Portner & Zanuttini, 2003:20)

Segundo os autores, as interrogativas-Wh activariam um CP1 e as exclamativas-Wh activariam um CP2:

Interrogativas-Wh:

(231) [_{CP1} Wh [_{C'} V [_{IP}...]]]

Exclamativas-Wh:

(232) [_{CP2} Wh [_{C'} [_{CP1} (XP) [_{C'} che/V [_{IP}...]]]]]

Segundo a proposta de Ambar (2000, 2001), as exclamativas-Wh e as interrogativas-Wh partilham WhP (no caso das interrogativas-Wh-puras) e AssP (no caso das interrogativas-Wh-eco), mas diferem quanto à projecção de EvalP: as exclamativas projectam-no mas as interrogativas não. Todavia, segundo o que considerámos anteriormente, as interrogativas-Wh-não-puras contêm uma avaliação subentendida, que só poderá ser codificada projectando EvalP. Consequentemente, as

⁴⁴ Note-se que pode sempre ocorrer um elemento topicalizado antes de qualquer uma das FPs mencionadas.

exclamativas-Wh aproximam-se estruturalmente das interrogativas-Wh-não-puras activando AssP e EvalP: o falante sabe sobre o que predica, e o valor da variável é conhecido e avaliado. Por hipótese, a diferença entre estas construções estará na derivação, no número e no tipo de fases projectadas e não no tipo de FPs projectadas como a necessidade de as interrogativas-Wh de activarem IntP vs. a não activação desta FP pelas exclamativas-Wh, a nossa proposta (cf. secção 7).

4.2. *External Merge (Alternative Checkers) vs. Internal Merge*

Todas as línguas têm estratégias que permitem aos falantes produzir interrogativas-Wh com outros valores para além do de perguntar algo sobre um constituinte específico. Parece existir tipos de línguas quanto às estratégias que utilizam:

- i) línguas que marcam as interrogativas-Wh-não-puras com uma ordem linear diferente das interrogativas-Wh-puras com recurso a IM (PE);
- ii) línguas que marcam as interrogativas-Wh-não-puras com a inserção de material foneticamente realizado i.e., línguas que recorrem a *alternative checkers* (ACs) para codificarem a interpretação não-pura (Russo) com recurso a EM;
- iii) línguas que recorrem à informação prosódica (PE);
- iv) e/ou línguas que combinam duas ou mais destas estratégias, dependendo dos contextos.

Em todos os tipos de línguas, as operações de EM (caso do AC) e IM (caso do movimento-Wh) verificam os traços presentes nas FPs.

Chomsky tem considerado que IM é uma operação problemática. Neste sentido, *Move (Internal Merge/IM)* é menos económico e deveria ser preterido perante *Merge (External Merge/EM)*:

“IM has been regarded (by me, in particular) as a problematic operation, an “imperfection” of language that has to be postulated as an unexplained property of UG unless it

can be motivated in some principled way.” (Chomsky, 2005:7).

Isto é o que acontece em línguas como o Russo. As estruturas apenas seriam derivadas por IM quando a derivação por EM não estivesse disponível (i.e. quando não estivessem presentes na numeração elementos que pudessem funcionar como ACs).

Com efeito, há línguas que marcam as interrogativas-Wh-não-puras recorrendo à inserção de material foneticamente realizado (ACs) utilizando diferentes partículas e/ou itens lexicais com o intuito de obterem interpretações distintas como se verifica generalizadamente em Russo e em alguns casos dos DNI, respectivamente. Porém, segundo Chomsky:

“EM yields generalized argument structure (theta roles, the “cartographic” hierarchies and similar properties); and IM yields discourse-related properties such as old information and specificity, along with scopal effects.” (Chomsky 2005:7).

Esperaríamos então que IM fosse a operação activada na derivação das interrogativas-Wh-não-puras visto, por um lado, estas serem discursivamente marcadas e, por outro, IM ser relacionado com propriedades discursivas e questões de escopo, o que acontece sistematicamente nalguns dialectos do nordeste de Itália.

4.2.1. AC com Wh-inicial

Em Russo⁴⁵, as FPs mais altas são activadas por elementos orientados para o discurso, sem significação própria, possivelmente através de EM. Estes elementos (como ‘no’=‘mas’, ‘afinal’) foram considerados pela gramática tradicional russa como partículas de realce, partículas enfáticas, expressões populares para dar mais ênfase ou realce à frase, sendo obrigatórias nas estruturas que aqui temos designado de interrogativas-Wh-semi/não-puras. Ao dispensar estas “partículas de realce” - *no, jé* - como exemplificado em (233) abaixo, em que a interpretação é a que temos vindo a descrever para as SDQs, obtemos interrogativas-Wh com uma interpretação pura como ilustrado em (234):

SDQ:

(233) *No chtô jé on iêst?!*

⁴⁵ Dados fornecidos por Marina Isakova e Daniel Kislyuk.

Part que Part ele comer(Presente)

vs.

Interrogativa-Wh-pura:

(234) Chtô on iêst?

Em ambos os exemplos, o objecto-Wh não permanece na sua posição argumental, movendo-se (pelo menos) para IntP.

As partículas têm locais de ocorrência específicos⁴⁶, i.e. há uma ordem de precedência entre elas e a ordem dos constituintes não pode ser alterada (exs. (235b,c,d)-(236b,c,d)). Por exemplo, a partícula 'jé' segue sempre com adjacência o sintagma-Wh, o que parece mostrar que cada partícula contém propriedades específicas capazes de verificar as correspondentes propriedades em FPs específicas, e parece ser compatível com as interpretações de CfvQ e RQ:

CfvQ:

(235) a. Kuda jé iá polojil kliútchi?

Onde Part eu pôr(Passado) chaves

b. *Kuda ia polojil kljutchi jé?!

c. *Ia polojil kljutchi kuda jé?!

RQ:

(236) a. Kto jé liubít platit nalôgi?

Quem Part gostar(Presente) pagar(Infinitivo) impostos

b. *Kto ljubit platit nalogi jé?

c. *Ljubit platit nalogi kto jé?⁴⁷

A particular *no*, pelo contrário, precede o constituinte-Wh e parece favorecer a leitura SDQ:

SDQ:

(237) a. *No* chtô jé on iêst?!

⁴⁶ A correspondência/relação entre tipo de AC e de FP parece relevante e deverá ser estabelecida em trabalhos futuros.

⁴⁷ Este exemplo pode ser gramatical se se pretender marcar enfaticamente o sujeito frásico (estrutura de foco e de wh combinadas).

- Part que Part ele comer(Presente)
- b. *Chtô on iêst no jé?!
 - c. On iêst no chtô jé?!⁴⁸
 - d. *Jé chtô no on iêst?!

Omitindo as partículas presentes em (235), (236) e (237), obtemos interrogativas-Wh-puras ilustradas em a,b,c,d de (238), respectivamente:

Puras:

- (238) a. Kuda ia polojil kljutchi?
- b. Kto ljubit platit nalogi?
- c. Chtô on iêst?
- d. Knigu kupil Vania?

Concluindo, visto terem posições dedicadas e não se poderem mover (contrariamente aos advérbios, não podem ser extrapostas para o final da frase como ilustrado em (235b,c,d)-(237b,c,d)), estas partículas parecem ser cabeças funcionais, tal como proposto por Obenauer & Bayer (2008) para o Alemão, que nestas construções faz uso de partículas deste tipo.

4.2.2. AC com Wh-*in-situ*

Acabámos de ver uma língua que recorre a ACs mantendo o sintagma-Wh em posição inicial (Russo). Contudo, existem línguas que recorrem a ACs e em que os sintagmas-Wh podem permanecer numa posição mais baixa, licenciando o Wh-*in-situ* em interrogativas-não-puras, como se verifica em Pagotto:

SDQ:

- (239) a. Chi à-tu invidà?! (ex. (15) Obenauer, 2004:8)
quem Aux(Pres)-cl convidado
“Quem convidaste tu?!”
- b. Cossa inviti-to chi?! (ex. (7) Obenauer, 2008:3)

⁴⁸ A gramaticalidade de (241c) não seria esperável, pois o exemplo ocorre com uma partícula e ainda permite o Wh-*in-situ*. Na realidade, trata-se da combinação de duas frases: ‘Ele está a comer. Mas o quê?’, contendo uma interpretação eco.

que-COSSA convidas-tu quem
“ Quem (diabo) estás tu a convidar?”

Em (239), ‘cossa’ ocorre como um AC. Porém, em Bellunese, o recurso a ‘cossa’ só se verifica com sintagma-Wh-*barest* (ex. (240)). Com sintagmas-Wh-*bare/não-bare* ‘cossa’ não pode ocorrer uma vez que o sintagma-Wh tem força suficiente para verificar o traço na FP mais alta (ex. (241)):

SDQs:

(240) a. Cossa varde-tu (che)?! (ex. (24) Obenauer, 2008:5)

COSSA olhas-tu (quê)

b. *Che varde-tu?! (ex. (25) Obenauer, 2008:5)

que olhas tu

(241) a. Chi à-tu invidà?! (ex. (15) Obenauer, 2004:8)

quem Aux(Pres)-cl convidado

“Quem foste tu convidar?!”

b. *Cossa à-tu invidà chi?! (ex. (21) Obenauer, 2008:4)

COSSA Aux(Pres)-tu convidado quem

Regra geral, nos dialectos do nordeste de Itália, a possibilidade de inserção de um AC está intimamente relacionada com o tipo de sintagma-Wh. Assumindo que o sintagma-Wh-*barest* não tem traços suficientes para subir para as FPs mais altas, temos obrigatoriamente interrogativas-Wh-*in-situ* (ou resultantes de Remnant-TP-movement ou de introdução de ACs). Como Obenauer nota, quer em Bellunese quer em Pagotto, por um lado, o ‘che’ argumental, que nas interrogativas-Wh-puras ocorre *in-situ*, nas interrogativas-Wh-semi/não-puras é excluído e substituído por ‘cossa’, e por outro, ‘cossa’ move-se para a posição inicial:

Interrogativa-Wh-pura:

(242) a. À-lo fat che? (ex. (28) Obenauer, 2006:10)

Aux(Pres)-cl feito que

“O que está ele a fazer?”

b. *Che à-lo fat? (ex. (40b) Obenauer, 2004:20)

Interrogativa-Wh-semi-pura (CfvQ):

- (243) a. Cossa à-lo fat? (ex. (39) Obenauer, 2006:11)
que-COSSA Aux(Pres)-cl feito
“O que (diabo) tem ele feito?”
b. *À-lo fat cossa?

Nas SDQs/RQs cujo sintagma-Wh é ‘che’ apenas existe a possibilidade com ‘cossa’, dado o estatuto defectivo de ‘che’:

Interrogativa-Wh-não-pura (RQ):

- (244) a. Cossa à-lo fat par ti? (ex. (39) Obenauer, 2004:20)
que Aux(Pres)-cl feito por ti
“O que tem ele feito por ti?”
b. *Che à-lo fat par ti? (ex. (40a) Obenauer, 2004:20)
que Aux(Pres)-cl feito por ti
c. *À-lo fat che par ti? (ex. (40b) Obenauer, 2004:20)
Aux(Pres)-cl feito que por ti

Considerando que com ‘cossa’ a interrogativa-Wh, como nota Obenauer, é sempre não-pura, admito que:

a) ‘che’ não ocorre em posição inicial pelas razões observadas por Ambar (1985) para o seu equivalente em português ‘que’⁴⁹;

b) ‘cossa’ é EM verificando traços nas FP mais altas, não tendo acesso ao valor interrogativo codificado na FP mais baixa que não é recuperado.

⁴⁹ Segundo Benincà (1983), Poletto (2000) e Poletto & Pollock (2000), ‘que’ (em francês) apresenta propriedades típicas dos clíticos: não pode ser modificado, coordenado, isolado ou conter acento prosódico. São, portanto, itens-Wh clíticos (“the A’ counterpart of pronominal clitics” (Poletto e Pollock 2000)) e, conseqüentemente, têm de se mover para uma posição clítica interna a TP, de onde só poderão sair para uma posição mais alta se forem *pied-piped* para o domínio de CP por um remnant-movement, até uma posição estruturalmente adjacente ao seu alvo, como AssP (adjacente a IntP) permitindo uma interpretação semi/não-pura. Se considerarmos ‘que’ um elemento clítico, predizemos que este não deverá poder ocorrer *in-situ*, pois essa posição, em línguas como o PE, recebe foco prosódico, o que se verifica:

- (viii) a. *O João comprou quê?
b. O João comprou o quê?
(ix) a. ?Que comprou o João?
b. O que comprou o João?

Também os casos de *doubling*⁵⁰ (i.e., a co-ocorrência de um sintagma-Wh – na posição de base – e de um AC com uma forma-Wh – na posição mais alta), exemplificado em (245) para o Paduano, correspondem sempre a interrogativas-Wh-não-puras, sendo puras quando o *doubling* não ocorre):

(245) *Cossa vardi-to cossa?* (ex. (5) Obenauer, 2008:2)

COSSA olhas-tu que

“Para o que (diabo) estás tu a olhar?”

Em (245), o sintagma-Wh não se move, permanecendo numa posição mais baixa, sendo o segundo ‘*cossa*’ EM directamente numa posição mais alta para verificar o seu traço.

Obenauer nota que ‘*cossa*’ apenas pode aparecer numa construção de duplicação nas SDQs (como (245)), enquanto nas RQs (ex. (246)) e nas CfvQs (ex. (247)) nunca é permitido:

Interrogativa-Wh-pura:

(246) *Cossa ga-lo fato, par ti, in tuti sti ani?*

que Aux(Pres)-ele feito por ti em todos estes anos

(ex. (41) Obenauer, 2008:5)

RQ:

(247) **Cossa ga-lo fato cossa, par ti, in tuti sti ani?*

COSSA Aux(Pres)-ele feito que por ti em todos estes anos

“O que tem ele feito por ti durante todos este anos?” (“Nada”.)

(ex. (40) Obenauer, 2008:5)

CfvQ:

(248) a. **Cossa lo ga-lo cata dove?*

COSSA o Aux(Pres)-ele encontrado onde

b. *Dove lo ga-lo cata?*

⁵⁰ Segundo Poletto & Pollock (2000), em certas línguas e dialectos, o sintagma-Wh é um sintagma clítico complexo com a forma [não clítico [clítico]]. Os dois componentes são inseridos na derivação simultaneamente como um complexo lexical, em posição argumental. Os dois componentes movem-se de forma independente para a LP, verificando um traço específico numa FP distinta. A realização ou não de *doubling* nessas línguas resulta da parametrização desses elementos como [+/- realização fonética].

onde o Aux(Pres)-ele encontrado

“Onde (diabo) poderá ele ter encontrado isso?”

(ex. (72) Obenauer, 2008:8)

(249) a. *Cossa (cavolo) ghemoi incontrà chi, ieri sera?

COSSA (diabo) Aux(Pres)-nós encontrado quem ontem noite

b. Chi (cavolo) ghemoi incontrà?

quem (diabo) Aux(Pres)-nós encontrado

“Quem diabo encontrámos nós ontem à noite?” (“Não me lembro.”)

(ex. (71) Obenauer, 2008:8)

Consideramos (tal como Obenauer 2004, 2008; Poletto & Pollock 2004, 2008) que o *doubling* e o grau de referência do sintagma-Wh estão também intimamente ligados. Em línguas que recorrem a *doubling*, quando este não ocorre e apenas existe um elemento para verificar os traços relevantes, esse tem de reunir as condições necessárias para subir e verificar esses traços. Se não tiver traços suficientes suficiente para o conseguir, a derivação falha. O *doubling* como AC é uma operação de último recurso para salvar a estrutura.

5. FASES NAS CONSTRUÇÕES-WH

5.1. A proposta

A extensão do domínio CP e a sua capacidade de codificar tipos de informação distintos sugerem a aplicação da noção de 'fase' à sua estrutura interna. Esta hipótese tem sido levantada na literatura, embora pouco debatida.

Ao propor uma estrutura para a LP baseada nas noções de Common Ground e Universe of Discourse, Ambar nota esta possibilidade:

"The projections form structural domains, as those corresponding to Common Ground and Universe of Discourse, leads to a more articulated and restricted number of projections, probably forming syntactic 'phases'." (Ambar 2001:211)

Também Speas & Tenny (2001), referindo as análises de Ambar (2001) e Cinque (1999), sugerem que a estrutura de LP (que baseiam nas noções pragmáticas *speaker*, *utterance content* e *hearer*) possa ser analisada numa abordagem de fases notando:

"At the left-pheriphery, [(...)] Ambar suggests that there are two structural domains, corresponding to the Universe of Discourse and to Common Ground. An interesting hypothesis to pursue would be that the computational principles limit both the size of a projection and the number of projections that may be combined to form a syntactic "phase"." (Speas & Terry 2001:337)

Pretendendo testar a hipótese de abordagem da LP por fases sugerida acima, consideraremos que a LP das interrogativas-Wh se divide em três partes – a da informação relacionada com TP (domínio proposicional) (CP1), a da informação nova (CP2) e a da informação pressuposta (CP3), originando três fases.

A divisão do domínio de CP em fases vai ao encontro de duas ideias cruciais no Minimalismo:

- i) os domínios fásicos deverão ser o mais pequenos possível⁵¹

⁵¹ Todavia, o tamanho interno das fases é determinado pelos traços ininterpretáveis na construção (Chomsky 2001). Se a derivação contiver traços de tópico, certos elementos mover-se-ão para a LP aumentando o número de FPs nas fases:

- (x)
 - a. À Maria, quem ofereceu o bolo? (pura)
 - b. As chaves, onde diabo as pus? (CfvQ)
 - c. Chocolate, quem não gosta de comer? (RQ)
 - d. À Maria, que diabo de livro o Francisco ofereceu? (SDQ)
 - e. À Aurora, que rosa fabulosa que o Filipe ofereceu! (exclamativa-Wh)

Note-se que as LP propostas por Ambar (1996-2008) e Rizzi (1997) contêm várias posições do tipo tópico que poderão ser projectadas e conter esses constituintes se houver traços que as projectem.

“to minimize computation after *transfer* and to capture as fully as possible the cyclic/compositional character of mapping to the interface.” (Chomsky, 2005:21).

ii) Segundo Chomsky (1999, 2001), “phases are “propositional”: verbal phrases with full argument structure and CP with force indicators, but not TP alone or “weak” verbal configurations lacking external arguments.” (Chomsky, 1999:9)

As fases são determinadas por categorias funcionais que seleccionam categorias lexicais, substantivas (que podem desencadear EM). Assim, VP é seleccionado por vP, TP⁵² por CP (FinP (Rizzi 1997) na LP por nós adoptada) mas nunca TP selecciona v*P.

Nesta linha e assumindo a estrutura da LP de Ambar (2008), por hipótese, AssP é seleccionado por EvalP e FocP por IntP.

Como resultado, cada fase será constituída por uma cabeça (v*, Fin^o, Int^o e Eval^o) e os seus respectivos complementos (VP, TP, FocP e AssP):

- i) v*P [v*’ [VP [V’
- ii) CP1- ([TopP] [FinP [Fin’ [TP [T’
- iii) CP2- ([TopP] [IntP [Int’ [FocP [Foc’
- iv) CP3- ([TopP] [EvaluativeP [Eval’ [AssertiveP [Ass’

Essas fases representam domínios com um conjunto de nós que partilham algumas propriedades e que servem uma função específica, i.e., são domínios onde são verificados traços ininterpretáveis de um mesmo tipo:

- i) v*P- domínio argumental;
- ii) CP1- FinP- domínio de complementação / Tempo e Modo;
- iii) CP2- IntP- domínio discursivo1;
- iv) CP3- EvalP- domínio discursivo2.⁵³

Duas destas fases são responsáveis pela distinção (na derivação) dos subtipos de interrogativas-Wh e das exclamativas-Wh: CP2 e CP3.

⁵² Chomsky (1999) considera T um substantivo e não uma categoria funcional.

⁵³ Ambas as fases CP2 e CP3 retratam a relação que os enunciados linguísticos mantêm com os seus contextos extra-linguísticos. No entanto, distinguem-se visto o primeiro domínio discursivo estar mais relacionado com o *common ground*, com os falantes e com aquele discurso propriamente dito (com a dicotomia velho-novo), e o segundo domínio discursivo relacionar-se essencialmente com o *universo do discurso*, com a realidade meta-linguística que envolve a atitude do falante. Note-se a correspondência com a hipótese de Speas & Tenny (2001) em que a projecção *Speaker* é também a mais alta ao contrário da destinada ao *Hearer* que é mais baixa na hipótese de estrutura que os autores propõem.

CP2 é uma fase pois a estrutura pode terminar após a sua projecção e neste caso obteríamos uma interrogativa-Wh-pura. Na literatura (Raposo 1994, 1996a,b; Uriagereka 1995; Rizzi 1997), encontramos análises em que os sintagmas-Wh (que serão substituídos por informação nova) sobem para FocP:

“The question operator ends up in the Spec of Foc in main questions, where it competes with a focalized constituent.” Rizzi, 1997:299)^{54,55}

Esta união entre Foco e Wh reforça a hipótese de CP2 como sendo o domínio quer de FocP quer de IntP.

Quando esta (ou outra) fase é fechada, o seu interior torna-se opaco e passa-se para outro nível de representação, verificando, numa outra fase, os traços das interrogativas-Wh-não-puras que são independentes dos anteriores.

Quanto a CP3, EvalP e AssP não existem separadamente⁵⁶.

Segundo Rizzi (1997, 1999) algumas FPs só são activadas quando necessárias.

“The topic-focus system is present in a structure only if “needed”, i.e. when a constituent bears topic or focus features to be sanctioned by a Spec-head criterion.” (Rizzi, 1997:288)

Considero que o mesmo acontece com domínios maiores se constituírem domínios fechados (fases). Assim, para a derivação das interrogativas-Wh, a projecção de CP1 e CP2 é obrigatória, enquanto a de CP3 é facultativa/opcional dependendo do contexto. Por outro lado, nas exclamativas-Wh serão obrigatórias as fases CP1 e CP3, não se projectando CP2. Consequentemente, uma construção frásica pode conter na sua estrutura:

⁵⁴ A motivação é de que os sintagmas-Wh não co-ocorrem com focos:

(xi) *AO JOÃO que coisa disseram?

(xii) *Que coisa AO JOÃO disseram?

(xiii) Ao João, que coisa disseram? – Ok porque é um tópico.

Porém, em (xiv), AO JOÃO pode ser foco se contiver uma interpretação de foco contrastivo:

(xiv) ?/ok Que coisa disseram AO JOÃO? (não ao Pedro)

⁵⁵ Contudo, Rizzi (1997) observa que em encaixadas o sintagma-Wh é compatível e co-ocorre com um foco:

(xv) ?Mi domando A GIANNI che cosa abbiamo detto (, non a Piero).

⁵⁶ Note-se que podemos avaliar algo que está pressuposto não tendo nunca sido asserido. Isso é verdade mas não é problemático para esta análise visto ambas as propriedades activarem AssP. AssP relaciona-se com a factividade, uma propriedade semântica em que a verdade da proposição é pressuposta. A pressuposição retrata a informação assumida pelo falante como partilhada por si e pelo ouvinte (conhecimento mútuo) (ver Levinson 1983). A asserção retrata o valor modal pelo qual o falante assume validar ou não validar uma relação predicativa (ver Culioli 1971). O que pretendemos transmitir é que não podemos avaliar algo que não seja conhecido pelos falantes.

- i) duas fases:
-fase v*P (v*P<VP) > fase CP1 (FinP<TP) -nas declarativas finitas;
- ii) três fases:
-fase v*P (v*P<VP) > fase CP1 (FinP<TP) > fase CP2 (IntP<FocP) -nas interrogativas-(Wh-)puras
-fase v*P (v*P<VP) > fase CP1 (FinP<TP) > fase CP3 (EvalP<AssP) -nas exclamativas(-Wh)/imperativas;
- iii) ou quatro fases:
-fase v*P (v*P<VP) > fase CP1 (FinP<TP) > fase CP2 (IntP<FocP) > fase CP3 (EvalP<AssP) -nas interrogativas-(Wh-)semi/não-puras.

A informação vai crescendo em cada fase (carácter composicional das estruturas (cf. Ambar 2001; Obenauer 2004; e.o.). Assim, quando projecta CP3, o falante tem mais informação do que quando projecta CP2 (quanto mais o sintagma-Wh se afasta de IntP, subindo na estrutura, mais conhecimento o falante parece ter sobre a variável-Wh).

Com efeito, só temos um verdadeiro IntP numa interrogativa verdadeira (pura), em que a derivação termina em IntP. Se temos mais projecções à esquerda (se se projecta CP3) onde o sintagma-Wh possa ancorar numa interrogativa-Wh, estamos obrigatoriamente perante uma interrogativa-Wh-semi/não-pura. Segundo Chomsky:

“A Merge-based system will be compositional [...]: the interpretation of larger units at the interfaces will depend on the interpretation of their parts [...]. Once the interpretation of small units is determined it will not be modified by later operations (unless that requirement is imposed by interface conditions).” (Chomsky, 2007:4).

Desse modo, o carácter interrogativo de CP2 não se perderia com a projecção de CP3. Porém, a interpretação das interrogativas-Wh-não-puras é regulada pela interface conceptual-intencional (semântica/pragmática). Após verificados, os traços ininterpretáveis são eliminados e CP3 não recupera a interpretação interrogativa de CP2 pois, ainda que os traços semânticos se mantenham activos na interface semântica, são enfraquecidos após o *Transfer* da fase seguinte, que não teve acesso a esse valor. Perde-se o valor interrogativo, originando interrogativas-Wh-semi/não-puras.

Por outro lado, as exclamativas-Wh não projectam CP2, passando de CP1

directamente para CP3. Isto acontece uma vez que estas construções não necessitam de activar o domínio que codifica a interpretação interrogativa (ao contrário das interrogativas-Wh-semi/não-puras que perdem (em parte) este valor, as exclamativas-Wh nunca o recebem). Isto é possível dado a independência formal e estrutural de cada um dos domínios fásicos.

5.2. Fases fracas vs. fortes

Segundo Chomsky, as fases podem ser fortes ou fracas, i.e., com ou sem EPP⁵⁷. Como consequência, podemos ter:

- i) um CP1 fraco com TP realizado foneticamente mas sem FinP (como nas frases declarativas raiz) ou um CP1 forte com TP e FinP realizados (como nas frases introduzidas por complementadores);
- ii) um CP2 fraco com FocP mas sem IntP (como as construções de focalização anteposta) ou um CP2 forte com FocP e IntP realizados (como o ex. (261) abaixo) e
- iii) um CP3 fraco com AssP mas sem EvalP (como nas interrogativas-Wh-semi-puras) ou um CP3 forte com AssP e EvalP realizados (como nas interrogativas-Wh-não-puras).

O comportamento de CP2 nas interrogativas-Wh na sua relação com a subida de v^0 -I⁰ para WhP leva a crer que WhP<FocP é um domínio fásico que apresenta algumas características próprias que obrigam à ISV nessas construções assim como nas construções de focalização anteposta.

Temos ainda evidência de línguas que utilizam partículas para marcar o foco, de que estas podem co-ocorrer com sintagmas-Wh em interrogativas-Wh:

- (250) Bill tahu siapa yang Tom cintai?
Bill sabe quem FOC Tom ama

⁵⁷ Em Chomsky (1995, 1998), EPP é o princípio que requer que os especificadores de uma cabeça sejam preenchidos na sintaxe visível (*overt*). O traço EPP é um traço que é sempre verificado por Merge, seja EM ou IM.

'Quem o Bill sabe que o Tom ama? (Bahasa Indonésia, Saddy 1991; apud Demirdache, 2007:5)

Quanto à ordem (WhP < FocP vs. FocP < WhP), esta parece depender das línguas.

Para clarificar estes conceitos teríamos de especificar mais cuidadosamente os mecanismos de focalização e entrar noutras análises que fogem do âmbito deste trabalho. Como não serão levantadas questões directamente relacionadas com esses aspectos, pô-las-ei de lado e irei assumir a estrutura da LP organizada em fases apresentada anteriormente.

5.3. Argumentos para a divisão proposta

Nesta secção, tentaremos responder à questão (A) colocada na secção 5:

- Como saber quais os domínios que constituem fases?

Alguns testes, que apresentaremos nesta secção, podem ajudar a delinear a estrutura da LP, dividindo-a em fases. Legate (2003) recorre a testes: 'reconstrução de sintagma-Wh', 'subida de quantificador' e 'licenciamento de *parasitic gaps*' com o intuito de identificar domínios fásicos.

5.3.1. EM vs. IM

5.3.1.1. Posições-A vs. Posições-A'

Chomsky propôs uma distinção entre especificadores de cabeças de fase e especificadores de cabeças complementos de fase baseada na distinção entre posições-A e posições-A': o especificador da cabeça de fase corresponde a uma posição-A' enquanto o especificador da cabeça seleccionada pela cabeça de fase corresponde a uma posição-A. Segundo o autor, existe também uma relação entre o tipo de traços e o tipo de posições em que ocorrem: os AF (e.g. traços [φ], [EPP]) estão intimamente relacionados com posições-A enquanto os EF (e.g. traços [Wh]) com posições-A'. Em consequência, todas as fases têm traços A e A'. Os A' permanecem na cabeça de fase enquanto os A são transferidos para os seus complementos. Assim sendo, as posições-A/A' deixam de ser vistas distintamente pela sua posição estrutural mas pelo modo

como são derivadas: numa relação de movimento, o *probe* determina, tendo em conta os seus traços, se contém uma posição que pode receber um elemento movido e que tipo de categoria pode ser movida para essa posição (Chomsky 1999). Consequentemente, a distinção A vs. A' depende do tipo de traços que afectam os elementos e não das posições em si.

5.3.1.2. EM vs. IM na periferia esquerda

Como já foi referido, o que, em Chomsky (1981), distingue posição-A de posição-A' é o carácter argumental vs. não argumental dessas posições. Ao adoptarmos o domínio do Split-CP, observamos que, dado a sua natureza de interface, este não poderá conter posições argumentais. Todavia, poderá ser mantida uma distinção semelhante à proposta por Chomsky (2005), com a distinção A-A' enquanto distinção entre posições que permitem EM e IM e posições que apenas permitem IM: o especificador da cabeça de fase permite EM e IM, enquanto o especificador da cabeça seleccionada pela cabeça de fase apenas permite IM. A distinção entre os dois tipos de FPs reside na diferença de força de cada uma delas directamente relacionada com os traços que as FPs contêm. Assim, os especificadores de v*P, FinP e EvalP permitem EM (podendo ser verificados por AC) e IM, enquanto os especificadores de VP, TP e AssP apenas permitem IM (tem de ser sempre IM: o sujeito em Spec,TP, o elemento-foco em Spec,FocP e um elemento como o sintagma-Wh ou o remnant-TP em Spec,AssP). Relativamente à distinção por tipo de traços, o mesmo será dizer que os traços EF estão ligados a posições que permitem tanto IM como EM, enquanto os traços AF estão ligados a posições que apenas permitem IM. Os traços EF, que também contêm características como as dos AF que originam uma relação de *Agree*, permitem que esse *Agree* ocorra com um item lexical presente na numeração, introduzindo um novo material na margem (*edge*) da construção, respeitando a linearidade. Os traços AF induzem uma relação de *Agree* do mesmo modo que os EF mas, por não conterem a propriedade de *Edge*, apenas podem activar essa relação no seu domínio de c-comando.

Assim, em (251a) (sem um AC que active spec,Eval), a primeira leitura será pura mas em (251b) (com um AC em spec,eval) será não-pura (SDQ):

(251) a. Que está ele a fazer?

b. Que diabo está ele a fazer?

Contudo, tanto (252a) (sem 'diabo') como (252b) (com 'diabo') são CfvQs, sendo que, uma vez que AssP contém traços AF, não permitiria a sua verificação por AC (em línguas como o PE) e (252b) deveria ser excluído pelo sistema, o que não se verifica:

- (252) a. Onde pus eu as minhas chaves?
b. Onde diabo pus eu as minhas chaves?

Se as CfvQs apenas projectam a estrutura até AssP, como explicar a possível presença de um AC? Uma hipótese será considerar que existem construções cuja fase CP3 é defectiva⁵⁸: o 'traço de margem' (EF) de EvalP estaria ausente e o traço EPP da fase seria verificado juntamente com os 'traços de concordância' (AF) que são verificados em AssP, permitindo a ocorrência de um AC no especificador desta FP.

5.3.2. Alternative Checkers como ciclicidade na numeração

Segundo Chomsky, *Merge* ocorre livremente. Porém, *Merge* não é completamente livre na medida em que tem de ser desencadeado por traços. Se não há traços disponíveis não haverá mais operações sintácticas. Só podemos ter EM ou IM até esgotarmos todas as possibilidades que os traços presentes na estrutura nos propiciam, i.e., todos os movimentos devem ser motivados por *checking* (verificação de traços) (Chomsky 1999).

Chomsky (1999, 2000, 2001) considera que os itens lexicais estão numa numeração seleccionada de forma a serem utilizados na sintaxe restrita de onde são transferidos para as interfaces. A informação lexical (*lexical array*) de cada computação entra na derivação em partes. Cada uma dessas partes fica na memória activa (memória de trabalho). A derivação esgota os itens lexicais de cada uma dessas partes quando forma um domínio sintáctico. Assim, a memória activa contém apenas uma dessas partes disponível, tendo apenas acesso aos itens lexicais nela contidos, o que torna a computação menos complexa/pesada. Consequentemente, a numeração também terá de ser cíclica, separada por fases.

⁵⁸ O termo 'defectivo' não está a ser usado no sentido de Chomsky, segundo o qual o traço EPP estaria ausente.

Se podemos ter EM, então existe uma nova numeração para esse domínio e esse domínio corresponderá a uma nova fase. Deste modo, sempre que um AC pode ser inserido, é porque estamos perante uma nova numeração e, como cada numeração corresponde a uma fase, estamos perante uma nova fase. Os ACs, ao serem EM em domínios superiores da LP, estarão inseridos numa numeração apenas visível a fases mais elevadas:

- (253) a. Que estás tu a fazer?
b. Que diabo estás tu a fazer?

- (254) a. Que livro estás a ler?
b. Que diabo de livro estás tu para aí a ler?

Nos exemplos (253a)-(254a), temos a projecção da LP para derivar uma interrogativa-Wh-pura, passo intermédio para a derivação das interrogativas-Wh-semi/não-puras. Nos exemplos (253b)-(254b), 'diabo' é EM directamente em FPs mais altas, que codificam o valor das interrogativas-Wh-não-puras.

5.3.3. Fases e traços

Com a *Minimal Link Condition*⁵⁹ (Chomsky 1995) e com a PIC (cf. definição pág. 68), os traços das cabeças de fase têm de ser verificados antes de os domínios que seleccionam se tornarem impenetráveis e assim inacessíveis. Este facto ajuda-nos a delinear as fases.

No sentido de Chomsky (2007), v^{*0} , sendo uma cabeça de fase, tem traços que necessitam de ser verificados e, para tal, desencadeia operações de movimento. Para não se gerar agramaticalidade ao ficarem traços em v^{*0} por verificar após o *transfer* e após a PIC operar sobre VP, alguns traços de v^{*0} são transferidos para VP.

Se considerássemos TP uma fase, T^0 teria de passar os seus traços a v^*P , o que não seria possível uma vez que v^{*0} já tem traços próprios, não os podendo receber. Assim, se TP fosse uma fase a derivação falharia após a PIC operar sobre o complemento de TP, deixando os traços de T^0 por verificar. Se TP não tiver traços, FinP

⁵⁹ *Minimal Link Condition*: "K attracts α only if there is no β , β closer to K than α , such that K attracts β ." (Chomsky 1995: 311)

Closeness: " β is closer to the target K than α if β c-commands α ." (Chomsky 1995: 358)

(que os tem, pois desencadeia, por exemplo, as operações de inserção de complementador em frases encaixadas (ex. (266b)) pode transmiti-los a TP (não o poderia fazer se TP fosse uma fase com traços próprios, levando a que, para além dos traços de T^o, também os de Fin^o ficassem por verificar após a PIC). Ao receber traços de Fin^o, TP pode aparentemente desencadear operações (subida do sujeito (ex. (255a)), e os traços de Fin^o são todos verificados. O mesmo acontece com as relações de IntP (que desencadeia o movimento-Wh (ex. (255c)) com FocP (que desencadeia o movimento de constituintes focalizados devido aos traços que recebe de Int^o (ex. (255d)) e de AssP (que desencadeia, por exemplo, o movimento do TP remanescente (ex. (255e)) com EvalP (que desencadeia, por exemplo, operações de EM de AC (ex. (255f)).

- (255) a. O Luís assistiu ontem ao espectáculo.
b. O Luís pensa que o espectáculo vai ser interessante.
c. A que espectáculo assistiu o Luís?
d. Ao espectáculo, assistiu o Luís.
e. O Luís assistiu a que espectáculo?
f. A que diabo de espectáculo assistiu o Luís?

Se tivéssemos uma fase em AssP em vez de EvalP, o sintagma-Wh (em WhP) não poderia subir para EvalP devido à PIC. Consequentemente, interrogativas-Wh não-puras e exclamativas-Wh seriam agramaticais, só podendo ocorrer com Wh-*in-situ*: estando o sintagma-Wh em WhP, este não poderia activar EvalP e ser movido para essa posição para verificação de traços porque estaria no interior de uma fase fechada (AssP).

5.3.4. *Filtro do COMP duplamente preenchido*

O conhecido *Filtro do COMP duplamente preenchido* dita que se um sintagma-Wh ocupa Spec,CP, C^o não deve dominar um complementador foneticamente realizado, como ilustrado pela agramaticalidade de (256):

- (256) a. *Quem que comprou o livro?
b. *Que livro que leu ele?

Com o Split-CP, a agramaticalidade proveniente da co-ocorrência de dois itens-

Wh, sintagma-Wh e complementador, não resultará necessariamente da concorrência para uma mesma posição estrutural. Com efeito, existem estruturas em que a co-ocorrência desses itens poderá não mostrar qualquer agramaticalidade. É o caso de estruturas exclamativas como (257):

(257) Que livro que ele leu!

Se considerarmos que o complementador está em FinP⁶⁰ e que os sintagmas-Wh se situam na margem (*edge*) da fase seguinte (CP2 nas interrogativas-Wh e CP3 nas exclamativas-Wh), qual a razão da diferença de gramaticalidade?

A grande diferença entre (256) e (257) reside na quantidade de fases projectadas: em (257) existe mais uma fase projectada (CP3) do que em (256). (258) e (259) abaixo representam as fases de (256) e (257) respectivamente:

(258) [CP2 [_{IntP} *Que livro [CP1 [_{FinP} que leu ele]]]]

(259) [CP3 [_{EvalP} Que livro] [CP1 [_{FinP} que ele leu]]]]

Contudo, constatamos que existe uma diferença entre (258) e (259): enquanto em (259) os traços das fases EvalP e FinP foram totalmente verificados (EF/AF de EvalP pelo sintagma-Wh, EF de FinP pelo complementador e AF de FinP pelo verbo em TP), em (258) foi apenas verificado um traço de IntP (EF) pelo sintagma-Wh, ficando um traço por verificar (o traço AF herdado por FocP). Seria necessária a ISV para verificar esse traço e tornar a construção gramatical (ver Ambar 2000, 2001). Todavia, o movimento do verbo não resolveria o problema, como se pode constatar pela agramaticalidade de (260):

(260) [_{IntP} *Que livro [_{FocP} leu [_{FinP} que ele]]]]

Esta estrutura não seria possível porque:

- i) o complementador funciona como um interveniente (apresenta traços relacionados com tempo, como o *probe* em Foc⁰ e o *goal* em T⁰), bloqueando a subida do verbo sobre ele;

⁶⁰ Para Rizzi (1997), FinP é a projecção que se relaciona com a finitude das frases e que recebe os complementadores.

- ii) o movimento do verbo sobre o complementador violaria a *Head-Movement-Constraint*⁶¹.

Se, por outro lado, o complementador funcionasse como um *goal*, teríamos:

(261) *Que livro que ele leu?

Esta estrutura é apenas possível nas exclamativas-Wh, visto que nestas o traço AF é verificado em AssP, permitindo uma interpretação neutra do complementador, enquanto nas interrogativas-Wh-não-puras o traço AF de IntP é verificado em FocP, obrigando a que o constituinte que o verifique contenha um carácter de foco, o que o verbo, contrariamente ao complementador, pode apresentar.

5.3.5. Domínios de tempo

Chomsky correlaciona o Tempo a vários domínios estruturais:

“Basic tense and also tense-like properties (e.g. irrealis) are determined by C [(...)] or by the selecting V [(...)] or perhaps even broader context.” (Chomsky, 2005:11, o sublinhado é nosso)

Ao longo da derivação, os domínios de tempo podem alterar o sentido das construções. Cada domínio de tempo deverá corresponder a uma fase independente.

Será que todas as fases terão um domínio de tempo específico? Este parece ser sempre necessário:

i) v*P estipula o tempo argumental directamente relacionado com as propriedades inerentes aos verbos (a sua Aktionsart):

- (262) a. O João é português.
b. #O João foi português.
c. #O João será português.

⁶¹ Head-Movement Constraint: “Movement of a zero-level category β is restricted to the position of a head α that governs the maximal projection γ of β where α (theta)-governs or L-marks γ if $\alpha \neq C$.” (Chomsky, 1986a:71). Originalmente proposta por Travis: “An X^0 may only move into the Y^0 which properly governs it.” (Travis 1984, 131).

ii) FinP é responsável pela diferenciação e respectiva atribuição de tempo [+finito] vs. [-finito] ao seu complemento, com uma visível correlação entre a natureza categorial do complementador e o tempo de TP nas frases encaixadas (cf. Rizzi 1982; Ambar 1988):

(263) a. A ideia de a Sofia continuar a estudar no estrangeiro é ótima.

b. *A ideia de a Sofia continue a estudar no estrangeiro é ótima.

(264) a. A ideia de que a Sofia continue a estudar no estrangeiro é ótima.

b. *A ideia de que a Sofia continuar a estudar no estrangeiro é ótima.

iii) IntP contém traços relacionados com o tempo que originam a subida do verbo (cf. Rizzi 1982, 1997; Ambar 1988, 1996, 2001):

(265) a. Onde foi o João?

b. *Onde o João foi?

(266) a. O que ofereceu a Maria ao Manuel?

b. *O que a Maria ofereceu ao Manuel?

iv) EvalP é responsável pelas possíveis variações quanto ao tempo discursivamente modificado (como alteração dos valores básicos)⁶²:

Pura:

(267) a. Onde foi a Joana?

CfvQs:

(268) a. Onde terá a Joana ido?

b. Onde poderá ter a Joana ido?

O carácter de tempo em AssP não permite que haja um remnant-FinP-movement com um T [-finito] (ex. (269)-(271)) e pode originar alterações na modalidade motivadas pelo contexto no decurso da derivação (ex. (272)):

⁶² Possivelmente também nos casos como (xvi):

(xvi) a. Eu vou querer um café, se faz favor. (valor futuro, tempo futuro)

b. Eu queria um café, se faz favor. (valor futuro, tempo passado)

c. Eu gostaria de ter um café, se faz favor. (valor futuro, tempo condicional)

- (269) [TP É bom comer o quê]
- (270) a. O que é bom comer?
b. É bom comer o quê?
- (271) a. *Comer o quê é bom?
b. *Comer é bom o quê?
- (272) Onde estarão/poderão estar as minhas chaves?

5.3.6. Posição TopP

A estrutura informacional é o nível da gramática que organiza o discurso de modo a que este seja processado pelo ouvinte tendo em conta o conhecimento partilhado. Uma vez que o discurso pretende intencionalmente acrescentar ou alterar o conhecimento do ouvinte sobre o mundo que o rodeia, tem de existir uma parte que codifique a informação nova e uma parte que a relacione com a previamente adquirida, armazenada na memória do ouvinte. Esta assunção básica levou à divisão tradicional de tema/rema, velho/novo, tópico/comentário e ground/focus.

É comummente aceite que este tipo de informações está codificado em CP. Contudo, vários autores propuseram diferentes locais para a sua realização. Starke (1993) considerou uma camada veiculando informações do tipo das de CP, projectada numa zona estruturalmente mais baixa na frase. Belletti (2004) propôs uma estrutura informacional periférica a VP, baseando-se em dados do italiano. Analisando o Malayalam e línguas germânicas, Svenonius (2004) e Haegeman (2005) também propuseram a existência de uma estrutura informacional periférica a DP. McNay (2004) propôs um nível estrutural de informação recursivo (composto por LinkP, AgrP e NegP).

A localização das posições de tópico poderá ajudar-nos a delinear o limite das fases. Todos os subtipos de interrogativas-Wh, apesar de projectarem FPs (e fases) distintas, podem conter na sua LP uma estrutura de TopP opcional. Estas estruturas não pertencem ao interior de nenhuma fase específica, ocorrendo após domínios de fase fechados e transferidos. Consequentemente, os constituintes 'tópico' podem ocorrer em diferentes posições frásicas periféricas aos domínios de fase (fechados), o

que captura a natureza da ideia de Rizzi de que tópicos e focos podem ocorrer no início de qualquer tipo de frase.

Assim sendo, quando ocorrem num determinado local estrutural, a FP à sua direita será uma cabeça de fase:

Tópico:

(273) Ao João, [o Luís emprestou os apontamentos]. (em declarativa)

(274) Ao João, [quem emprestou os apontamentos]? (em interrogativa-Wh-pura)

(275) Ao João, [quem diabo emprestou os apontamentos]? (em interrogativa-Wh-não-pura)

(276) Ao João, que belos apontamentos que o Pedro emprestou! (em exclamativa-Wh)

Desse modo, os locais onde podem ocorrer, em PE, são (cf. com a LP de Ambar, na qual nos baseamos)⁶³:

(277) Top<EvalP<AssP<Top<IntP<FocP<Top<FinP<TP<Top<v*P<VP

A questão que se impõe é: constituirá TopP por si só uma fase ou juntar-se-á à fase anterior e com ela formará uma fase fechada, i.e., um domínio único desde a posição possível para um tópico anterior até ao local onde possa ocorrer outro tópico⁶⁴?

A FP que recebe constituintes topicalizados não pode ser adjunta a uma fase. Se fosse (ex. (278c)), levaria a violações da teoria da ligação e/ou à impossibilidade de reconstrução, o que não se verifica uma vez que (299a) é gramatical, correspondendo à derivação em (b), onde o elemento topicalizado c-comanda o seu vestígio:

(278) a. Ao João_i, quem lhe_i deu o convite para a festa?

b. [_{TopP} ao João_i [_{CP1} quem lhe_i deu o convite para a festa]]

⁶³ Note-se, porém, que Tópicos não podem preceder imediatamente uma interrogativa-Wh encaixada:

(xvii) a. *Pergunto-me que, ao Pedro, quando mais lhe convirá lá ir.

b. *Sabes ao Pedro quando mais lhe convirá lá ir? (ex. (160) Barbosa, 2001:47)

⁶⁴ Sobre esta questão ver Kratzer & Selkrik (2007) numa perspectiva em que TopP constitui uma fase própria.

c. *[CP₁ [TopP ao João_i [CP₁ quem lhe_i deu o convite para a festa]]

A posição do sintagma topicalizado parece ser também relevante para a localidade (RM, *attract closer*, PIC): os constituintes que se encontrem na margem (*left edge*) da fase anterior não se podem mover sobre um tópico para outras FPs noutros domínios fásicos mais altos sem gerar violações. Assim, em (279)-(280) ‘quem’ não pode transpor o constituinte topicalizado:

(279) *Quem, ao João, emprestou os apontamentos?

(280) *Quem, ao João, deu o convite para a festa?

Há uma divisão entre os domínios não opcionais (que ocorrem apenas uma vez) e os opcionais (que possivelmente pertencem a uma estrutura que ocorre em vários estádios da derivação (ou que, pelo menos, está disponível). Será o facto desta estrutura ser totalmente opcional razão para se considerar um domínio não-fásico? Para Rizzi, enquanto o sistema force-finiteness é sempre projectado, o sistema tópico-focus só o é quando necessário. Uma frase pode não ter um tópico ou um foco, mas isso não significa que as FPs que lhes correspondem não estejam sempre presentes, embora aparentemente opcionais, i.e., poderiam ser realizados foneticamente ou permanecer em silêncio.

Se esta estrutura pode ocorrer periférica a qualquer domínio de fase, surge outra questão: poderá ocorrer em dois domínios simultaneamente? Num domínio mais baixo e num domínio mais alto?

Que os tópicos são recursivos e que podem co-ocorrer mais de dois numa mesma construção é visível pelos exemplos em (303):

(281) a. A Sofia deu o livro ao João ontem.

b. Ontem, o livro, ao João, a Sofia deu.

Porém, isso não nos demonstra que podem ser activadas duas posições de tópico periféricas a duas fases distintas, mas apenas que as próprias posições de tópico são recursivas. Esta característica distingue-as também das restantes FPs, que não têm esta capacidade de multiplicidade.

Após a verificação e apagamento de todos os traços, que no fim da fase são

eliminados da representação sintáctica, estes não entram em outras relações de *Agree* e a derivação tem necessariamente de acabar. Desta regra parece apenas exceptuar-se o caso da recursividade inter-frásica que permite recomeçar novamente do início e/ou o caso das estruturas com tópicos recursivos porque não correspondem a fases mas sim a FPs duma periferia esquerda própria (por sua vez periférica às fases que constituem a denominada periferia esquerda) e que podem conter EF.

5.3.6.1. Periferia da periferia

A necessidade da existência de uma periferia, independente da LP, composta por FPs capazes de codificar propriedades de tópico e foco é semanticamente motivada e é simétrica em todas as fases (McNay 2004). Segundo McNay, esta posição estrutural recursiva à esquerda que recebe constituintes topicalizados consiste numa estrutura hierarquizada própria que pode conter constituintes topicalizados, focalizados, negação (possivelmente algo como uma ‘topic-focus-left-periphery’ com uma estrutura do tipo TopP<FocP<NegP), daí a sua não incorporação nas fases anteriores.

Voltando à questão sobre se poderão co-ocorrer tópicos em domínios distintos simultaneamente, tal parece ser possível:

- (282) a. O meu livro, porquê, ao João, ainda não lho deste?
b. [_{TopP} O meu livro [_{WhP} porquê [_{TopP} ao João [_{TP} ainda não lho deste]]]]

- (283) a. Ontem, a Sofia, o livro, leu ao João.
b. [_{TopP} Ontem [_{CP/TP} a Sofia leu [_{TopP} ao João [_{VP} o livro]]]]

Não me alargarei sobre este assunto, mas é um campo que deverá ser investigado no futuro.

5.3.7. Fases em contextos subordinados

Tem sido considerado na literatura que as orações subordinadas podem apresentar a estrutura da LP totalmente projectada ou truncada (Hooper & Thompson 1973; Rizzi 1996; Munaro et al. 2001; Haegeman 2006):

“[French and Lombard dialects] can make use of two different CP fields in interrogative sentences. The truncated one is probably close to a declarative CP as it lacks both GroundP and ForceP. We are thus differing from Rizzi’s (1997) view of the structure of left periphery which he considered to be common to all sentence types.” (Munaro et al., 2001:178, n:25).

Esta assunção é problemática: admitindo que o movimento-Wh vai para FocP, como dar conta da interpretação interrogativa se a estrutura não contém GroundP e/ou ForceP (só poderia ser de foco)? O sintagma-Wh deve ir sempre para uma mesma posição que contenha um valor interrogativo.

Rizzi (1996) também considera que o sintagma-Wh-*in-situ* resulta do truncamento das estruturas. Estas não teriam a camada ForceP e o sintagma-Wh ficaria em FocP. A interpretação interrogativa não seria codificada sintacticamente por uma FP mas através de uma implicação: um CP truncado com um sintagma-Wh em FocP seria sempre interpretado por defeito como um pedido de informação.

Se postularmos que o domínio de CP se divide em partes distintas, não existe a necessidade de postularmos casos em que a LP está truncada. Admitamos que a diferença apresentada pelos autores quanto à estrutura da LP, por um lado, para distinguir sintagma-Wh-inicial de *in-situ* e, por outro, para distinguir diferentes orações subordinadas, reside na projecção de duas fases (CP1 e CP2) ou de três fases (CP1, CP2 e CP3): a menor aceitabilidade de interrogativas-Wh-não-puras encaixadas (que activam FPs mais altas) pode ser explicada pela não activação de CP3:

SDQ:

- (284) a. ??Eu não sei que diabo de bolo ele está para ali a comer.
b. ??Eu não sei que diabo de bolo está ele para ali a comer.

Embora a ocorrência do contexto SDQ em interrogativas-Wh seja duvidosa, existem interrogativas-Wh encaixadas com a interpretação retórica:

CfvQs:

- (285) a. Eu não sei onde diabo eu pus as chaves.
b. Eu não sei onde diabo pus eu as chaves.

Estas construções dependem essencialmente dos verbos que as seleccionam: não ocorrem quando os verbos matriz não seleccionam níveis mais altos do domínio

CP. Veja-se a assimetria entre interrogativas-Wh encaixadas sob verbos do tipo ‘saber’ (com um carácter assertivo) em (286) ou do tipo ‘imaginar’ (com um carácter não-assertivos) em (287), relativamente a interrogativas-Wh-não-puras:

- (286) a. Eu sei que bolo comeste.
b. Eu sei que diabo de bolo comeste.

- (287) a. Eu imagino que bolo comeste.
b. ??/# Eu imagino que diabo de bolo comeste.

Verificamos que, sob ‘saber’, é possível encaixar interrogativas-Wh-puras, que projectam CP2 (286a) e interrogativas-Wh-não-puras, que projectam CP3 (286b) e, opostamente, que, sob ‘imaginar’, não é possível encaixar interrogativas-Wh-não-puras (287b) mas apenas interrogativas-Wh-puras (287a). A razão pela qual os predicados do tipo de ‘imaginar’ não podem subordinar uma LP que projecte CP3 deve-se ao carácter assertivo de CP3 vs. não-assertivo desse predicado.

Verifica-se contudo uma assimetria entre a possível realização fonética da posição mais alta (Wh-inicial) e a impossível realização da posição mais baixa (Wh-*in-situ*): as interrogativas-Wh-*in-situ*, como as seguintes, não ocorrem em estruturas subordinadas:

- (288) a. *Eu sei>(*que) comeste que bolo.
b. *Eu sei>(*que) comeste que diabo de bolo.
- (289) a. *Eu imagino>(*que) comeste que bolo.
b. *Eu imagino>(*que) comeste que diabo de bolo.

Tendo em conta a condição (290),

(290) Se um predicado α pode encaixar uma estrutura do tamanho XP (<YP), também pode encaixar YP.

esperar-se-ia que:

- i) interrogativas-Wh-inicial devessem ser encaixadas por predicados matriz assertivos e não-assertivos (dependendo de serem interrogativas-Wh-não-puras ou puras);

- ii) interrogativas-*Wh-in-situ* devessem ser subordinadas a predicados matriz assertivos mas não a não-assertivos (uma vez que envolvem a projecção de AssP).

I.e., se EvalP pode ser projectado em orações subordinadas (ex. (286b)) então também AssP tem de ser projectado. Porém, os exemplos em (288b) e (289b) não são possíveis em PE, i.e., a predição em ii) aparentemente não se verifica.

Isto leva-nos a questionar a organização da LP: será EvalP>AssP ou AssP>EvalP ?

Se fosse AssP>EvalP os predicados, quer assertivos quer não assertivos, poderiam encaixar orações que projectassem EvalP, com a diferença:

- a) Predicados assertivos permitem AssP,
- b) Predicados não-assertivos não permitem AssP.

o que não se verifica (cf. agramaticalidade de (288b))⁶⁵.

Ambar (2001) considera que, nas encaixadas, AssP é seleccionado pelo verbo matriz. Também Rizzi (1991) considera que o domínio CP da encaixada é requerido por propriedades de selecção do verbo matriz. Para o autor, a selecção de um nó terminal específico e dos traços nele contidos (selecção-lexical no sentido de Pesetsky 1992⁶⁶) é local. Segundo Rizzi & Roberts (1989), a selecção envolve as propriedades das cabeças quando seleccionam os seus complementos.

Partindo da ideia de que o verbo matriz verifica o traço [+ass] por c-comando, é possível explicar a não existência de encaixadas com *Wh-in-situ*, uma vez que não há a necessidade de se efectuar qualquer tipo de movimento (normalmente Remnant-movement) para AssP pois o verbo matriz já validou o traço relevante. Se o verbo matriz tem a capacidade de determinar o tipo de LP da frase que lhe é subordinada e de verificar o traço mais alto aí existente, então prevê-se que os verbos avaliativos possam verificar o traço EF em Eval^o e que não possamos ter construções com EvalP preenchido foneticamente, o que, efectivamente, se verifica (291)-(292) (comparem-se

⁶⁵ Por outro lado, se fosse AssP>EvalP, então deveríamos aceitar interrogativas-Wh não encaixadas com a forma em (xviii a,b, b'):

- (xviii) a. Que diabo ela lê?
- b. *Ela lê que diabo?
- b'. *[AssP Ela lê [EvalP que diabo]]

⁶⁶ Segundo Pesetsky (1992), independentemente da selecção-C, precisamos da selecção para elementos terminais. A selecção-lexical não se refere a categorias sintácticas, mas a itens lexicais individuais, como preposições particulares ou traços específicos como [+/- finito].

os exemplos (291)-(292) com o exemplo (286b) previamente dado, repetido como (293)):

(291) *Eu censuro que diabo de bolo comeste.

(292) *Eu critico que diabo de livro ela leu.

(293) Eu sei que diabo de bolo comeste.

Esperamos, então, encontrar o mesmo tipo de comportamento com verbos interrogativos, o que no entanto não acontece:

(294) Eu perguntei que bolo comeste.

(295) *Eu perguntei comeste que bolo.

(295) deveria ser possível uma vez estarmos perante um verbo interrogativo que poderia verificar o traço interrogativo em IntP. A agramaticalidade poderá ser analisada numa perspectiva, não de verificação de traços, mas da relação que se terá necessariamente de estabelecer entre o operador e a variável nas interrogativas-Wh, o que possivelmente não se verifica nas restantes construções-Wh (que activam AssP e EvalP).

Por outro lado, existem contextos em que podemos realizar o sintagma-Wh-*in-situ* em orações encaixadas:

(296) Pensas que ela comprou que livro.

E compare-se com:

(297) *Pensas que livro ela comprou.

No exemplo (296), em que o verbo matriz é um verbo declarativo, e portanto não pode verificar o traço AF em Ass^o, a única forma de se manter a asserção será através da activação de AssP por um Remnant-movement. Comparem-se os exemplos (296)-(297) com os exemplos (298)-(299) que exibem o comportamento oposto:

(298) *Não sei que ela comprou que livro.

(299) Não sei que livro ela comprou.

Segundo Rizzi & Roberts (1989), a selecção envolve as propriedades das cabeças quando seleccionam os seus complementos. Se um verbo que selecciona uma interrogativa indirecta selecciona um CP com um sintagma-Wh, então não deverá ocorrer ISV pois esse verbo seleccionou um C^o e não um C^o+I^o. Todavia, em PE, temos contexto com ISV (exs. (300a,b) em que não podemos ter remnant-movement (exs. (300c)). Isto acontece quando as FPs mais elevadas não precisam de desencadear movimento de um XP para verificar os seus traços pois o verbo matriz já os verificou quando seleccionou uma frase subordinada como seu complemento (Ambar 2003), ou quando essas FPs não estão disponíveis:

- (300) a. Não sei quando vai o João telefonar?
b. ?Não sei quando o João vai telefonar?
c. *Não sei o João vai telefonar quando?
d. *Não sei se o João vai telefonar quando?

Concluindo, a estrutura da LP das orações encaixadas parece ser idêntica à das orações principais e pode veicular qualquer valor pragmaticamente marcado. O verbo matriz parece desempenhar um papel importante na determinação do tipo de LP possível na oração encaixada, uma vez poder verificar o traço da FP mais alta requerida discursivamente, i.e., é a semântica intrínseca do verbo matriz que vai permitir ou não que as orações por eles encaixadas contenham ou não certas estruturas derivacionais. Assim sendo, tal como admitido em Rizzi & Roberts, a distinção relevante não é frases matriz vs. frases encaixadas, mas frases seleccionadas vs. frases não-seleccionadas e o tipo de selecção envolvida. Este é um aspecto a explorar no futuro.

5.3.8. *Spell-out*

A informação prosódica do PE dá-nos evidência para a existência de fases na LP.

“Phases [(...)] have a degree of phonetic independence (as already noted for CP vs. TP).” (Chomsky, 1999:9)

As fases são domínios onde se dá o *transfer* para as interfaces. Após esses domínios serem identificados, estarão identificados os domínios de computação que visam o *Transfer*. O *transfer* só ocorrerá após os traços ininterpretáveis da estrutura serem verificados e a fase fechada. Sempre que fechamos uma fase também fechamos um domínio prosódico e se uma fase é fechada, não pode sofrer mais alterações prosódicas (um domínio de fase não deve violar propriedades nem sintácticas nem prosódicas), daí que tenhamos diferentes padrões entoacionais quando temos interrogativas-Wh que projectam fases distintas. Com efeito, os traços sintácticos continuam activos na interface fonológica originando diferenças prosódicas que se reflectirão no significado.

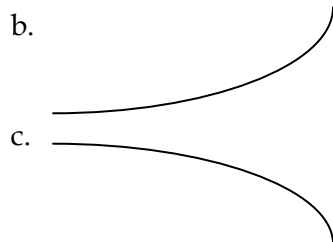
Existem evidências para as fases:

- i) ao nível melódico;
- ii) ao nível rítmico.

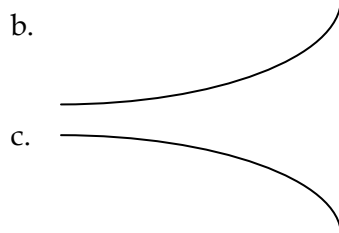
5.3.8.1. Nível melódico

Ao nível melódico, existem variações prosódicas (essencialmente no final das frases). Com uma entoação final ascendente, (301)-(302) são interpretados como interrogativas-Wh-puras (exs. b). Com uma entoação final descendente, (301)-(302) são interpretados como interrogativas-Wh-não-puras (exs. c).

(301) a. O que estás a fazer?



(302) a. Que livro estás a ler?



Como os constituintes e a sua linearização são comuns às duas estruturas, a diferença prosódica deverá estar relacionada com os diferentes locais de *Spell-out* em diferentes fases projectadas (CP2 na primeira interpretação – pura – e CP3 na segunda – não-pura).

Também nas interrogativas-Wh-*in-situ* é a curva melódica que diferencia as interrogativas-Wh-puras das restantes: as interrogativas-Wh-puras apresentam uma curva melódica ascendente, tal como a sua correspondente pura com o sintagma-Wh-inicial (ex. (303)), e as interrogativas-Wh-semi/não-puras apresentam uma curva melódica ascendente+descendente no sintagma-Wh (o qual recebe um acento de intensidade) (ex. (304)):

(303) a. Vais onde?



b. Onde vais?



(304) Vais ONDE?



Esta diferença prosódica marca a transição entre a fase típica das interrogativas-Wh (CP2) e a fase seguinte (CP3) que não tem esse carácter interrogativo, apresentado a restante curva melódica com um padrão semelhante ao das construções não-interrogativas.

5.3.8.2. Nível rítmico

Quanto ao ritmo, em determinadas construções, as fases podem ter ritmos diferentes. Por exemplo nos casos de Wh-*in-situ* (casos de remnant-movement para AssP ou EvalP (cf. secção 6), a fase IntP apresenta um ritmo diferente do da fase EvalP


(a segunda com um ritmo mais rápido que a primeira). Com efeito, embora nos exemplos seguintes o sintagma-Wh ultrapasse domínios fásicos, em (305) todos os elementos *spelled-out* saíram do interior da fase anterior estando no mesmo domínio, enquanto em (306) apenas o remnant-FinP se moveu para um outro domínio:

(305) [Fase 2 [IntP Onde_i [FocP foi_j [TopP ele_m] [Fase1 [FinP t_m t_j t_i]]]]]



(306) [Fase 3 [EvalP [ele foi t_j]_k] [Fase 2 [IntP onde_i] [Fase 1 [FinP t_k]]]]



Cada  representa uma unidade rítmica (uma pulsação). Assim, em (312) podemos ver que a cada sintagma corresponde um tempo. Por outro lado, constatamos que em (306) o sintagma-Wh-*in-situ* detém dois tempos (o dobro dos restantes elementos à sua esquerda e também do sintagma-Wh em (312)). Segundo Pesetsky (2008), isto acontece como consequência do movimento sintáctico. Assim sendo, esta alteração de tempo confirma-nos a existência de remnant-movement do conteúdo proposicional sobre o sintagma-Wh, originando o desdobrar do tempo do TP relativamente ao sintagma-Wh.

Ao observarmos que o elemento movido tem metade da duração daquele sobre o qual se moveu e juntando a esta evidência a noção de fase, verificamos que este desdobramento do tempo é apenas possível quando estão em causa domínios fásicos (de *spell-out*). Compare-se com o movimento em domínios não-fásicos, como o movimento do verbo para T⁰ ou do sujeito para spec,TP. Estes não provocam nenhuma alteração (desdobramento do tempo) no ritmo desses constituintes, pois não ultrapassam uma fase mais que os restantes constituintes.

5.3.9. Complexidade estrutural e computação

Com a diferente complexidade das estruturas em causa, espera-se que quanto mais complexa for a estrutura de determinada construção-Wh, i.e, quantas mais operações ocorrerem e FPs se projectarem, mais difícil será o processamento (produção/compreensão) da estrutura por qualquer indivíduo especialmente durante

a fase de aquisição (L1 ou L2) e por indivíduos com algum tipo de perturbação da linguagem.

Com efeito, a gradação no processamento parece ser paralela à gradação da complexidade estrutural existente nas diferentes construções-Wh, das mais simples (mais fáceis de processar) às mais complexas (mais difíceis).

A maior complexidade estrutural e derivacional origina uma aquisição mais tardia e um pior desempenho no processamento dessas estruturas e/ou o desaparecimento de certas construções na gramática de doentes com patologias cognitivas (como afásicos, agramáticos, autistas, doentes de Parkinson, doentes de Alzheimer, esquizofrénicos, e.o.) com a preservação das estruturas mais simples.

Goodall (2004) considera que, nas interrogativas-Wh em Espanhol, quanto mais *d-linked* for um sintagma-Wh, mais pesado é o seu processamento (“high processing load and consequently high activation level in working memory” (2004:104)).

5.3.9.1. Aquisição

Confirmando esta ideia, Soares (2003, 2006) mostra que os sintagmas-Wh são os primeiros elementos a aparecer na LP na aquisição. Num período inicial todas as interrogativas-Wh são iniciadas pelo sintagma-Wh (não existem atestações de interrogativas-Wh-*in-situ*). As interrogativas-Wh-*in-situ* resultariam de mais movimentos e por esse motivo é previsível que a sua aquisição por parte das crianças seja mais tardia. Nos dados recolhidos e analisados em PE por Soares, verifica-se que nos estádios iniciais (no primeiro ano) não há casos de interrogativas-Wh-*in-situ*, mas há evidência do movimento-Wh (Soares 2003, 2006). Também em crianças com Perturbação Específica da Linguagem Sintáctica, o sintagma-Wh-*in-situ* não é uma opção possível, corroborando a ideia de que as interrogativas-Wh-*in-situ* requerem uma maior complexidade estrutural resultante de movimentos adicionais.

Se as interrogativas-Wh requerem movimento de um sintagma-Wh para o domínio de CP, requerem a sua projecção. Tendo em conta o *Critério-Wh*⁶⁷ (May 1985; Rizzi 1991), que regula a relação Spec-cabeça, parece que, nas primeiras produções, as crianças obedecem a esta restrição universal e usam o movimento-Wh apesar de por vezes produzirem interrogativas-Wh sem que o elemento-Wh se tenha movido para a

⁶⁷ Critério-Wh: “The inflectional node carrying the feature wh must move to the C system in interrogatives to create the required spec-head configuration with the Wh operator” (Rizzi, 1999:6).

posição inicial, o que, segundo Guasti (2002), é pouco frequente.

Segundo vários autores (Guilfoyle & Nooman 1988; Radford 1990, 1996; Clahsen 1990; Meisel & Muller 1992; Penner 1992) o domínio CP não existe nos períodos iniciais da aquisição. Enquanto CP não estiver adquirido pela gramática das crianças, não se verificam nas suas gramáticas interrogativas-Wh como na dos adultos.

Por outro lado, para Rizzi (2000), a gramática das crianças difere da dos adultos por permitir que as frases estejam projectadas incompletamente (truncadas). O material do topo da árvore sintáctica poderia estar opcionalmente não-projectado. Segundo o autor, a hipótese do truncamento usa o princípio da economia como uma restrição na gramática das crianças. Elas usam a estrutura mínima que pode acomodar o material visível (realizado foneticamente), e tendem a escolher a variante menos complexa de duas derivações possíveis. A partir desta ideia, Guasti & Rizzi (1996) sugerem que a estrutura da gramática das crianças estaria truncada, tendo apenas estrutura suficiente para permitir que o operador-Wh subisse para Foc^o.

5.3.9.2. Patologias

Em certos indivíduos com problemas patológicos, a produção/compreensão de algumas construções-Wh pode encontrar-se danificada. Vários autores debruçaram-se sobre este assunto como Thompson & Shapiro (1994) e Friedmann (2001, 2002a,b). Os resultados por eles obtidos também validam a ideia de que os nós mais altos da estrutura sintáctica, necessários para o processamento de certas construções-Wh, deixariam de estar acessíveis a esses doentes.

Segundo Friedmann (2002a,b), falantes hebraicos e árabes com agramatismo apresentam diferenças quanto à produção de interrogativas-Wh e de interrogativas-totais, com um pior desempenho nas primeiras. Em falantes ingleses com agramatismo essa diferença não é visível. A diferença dos resultados é explicada pela autora através da *Tree Pruning Hypothesis* (Friedmann & Grodzinsky 1997; Friedmann 2001), segundo a qual os nós mais altos da estrutura não estão acessíveis em doentes com agramatismo. A autora fundamenta esse facto explicando que, em hebraico e árabe, as interrogativas-Wh requerem movimento do sintagma-Wh para o domínio CP enquanto nas interrogativas-totais esse movimento não é desencadeado. Em inglês, ambos os tipos de interrogativas desencadeiam o movimento do sintagma-Wh para CP e portanto ambas as construções apresentam problemas.

Tendo em conta estes dados, espera-se que, quer na aquisição quer no discurso de falantes com perturbações da linguagem, exista uma escala que acompanhe a escala de complexidade estrutural e derivacional apresentada ao longo deste trabalho. Este é um campo a explorar no futuro.

6. O MOVIMENTO E A DERIVAÇÃO

Os movimentos são sempre *bottom-up*⁶⁸, no entanto podem assumir formas

⁶⁸ No PM, a verificação dos traços é *bottom up*. Se verificamos um traço numa posição mais alta

diferentes: Remnant-movement, XP-movement e Verb-movement. Podem desencadear a deslocação de um constituinte para a LP tratando-se, nesse caso, de movimentos-A' (movimentos para posições-A'). Diferem, porém, quanto à natureza constitutiva do elemento movido: a projecção máxima com ou sem todos os seus elementos (remnant-movement e XP-movement, respectivamente) ou a cabeça (verb-movement).

Para o português, Costa (2002) tem considerado que apenas existe verb-movement. Autores como Kayne (1998), Pollock (2000, 2001) e Kayne & Pollock (1999) demonstraram, para o Francês, que a análise por remnant-movement é a mais adequada nas interrogativas-Wh com ISV.

Aparentemente remnant-movement e verb-movement não podem ser duas opções possíveis numa mesma língua. As línguas dividir-se-iam tipologicamente consoante o recurso a uma ou a outra operação. Todavia, parece haver motivação para afirmar que uma língua pode recorrer às duas operações como veremos de seguida. O PE insere-se neste tipo de línguas (cf. trabalhos de Ambar desde 1988, e de Ambar & Pollock 1998, 2001 comparando o PE e o francês).

6.1. Posição do sintagma-Wh: Remnant-movement vs. XP-movement

Temos de considerar dois tipos de movimento (ambos de uma projecção máxima para o especificador de uma FP) necessários na derivação das construções-Wh em estudo:

- a) XP-movement;
- b) Remnant-Movement⁶⁹.

O XP-movement e o Remnant-movement mantêm uma estreita relação com os dois locais possíveis para o *Spell-out* do sintagma-Wh (cf. Ambar 2003):

- a) Wh-inicial resulta da aplicação de XP-movement do sintagma-Wh para uma FP na LP (IntP, AssP e/ou EvalP);
- b) Wh-*in-situ* resulta da aplicação de Remnant-movement para uma FP na LP

não podemos voltar atrás para rever um novo traço, e para verificarmos um traço numa posição mais alta, todos os traços das posições mais baixas têm de ter sido verificados.

⁶⁹ O Remnant-movement é um subtipo de XP-movement. Assim, podemos considerar apenas um tipo de movimento: movimento de um XP motivado pelos traços da cabeça de fase.

(TopP, AssP e/ou EvalP)⁷⁰, após a extracção do sintagma-Wh para IntP nas interrogativas-Wh ou FinP nas exclamativas-Wh.

A escolha por um movimento em detrimento de outro numa determinada derivação (e conseqüentemente pelo Wh-inicial ou Wh-*in-situ*) recai essencialmente em aspectos discursivos/informacionais: depende do escopo pretendido.

“If an element Z (lexical or constructed) enters into further computations, then some information about it is relevant to this option.” (Chomsky, 2007:6).

A escolha depende do contexto e da interpretação das construções-Wh. Ambar (2001) assume que quando há Remnant-TP-movement para AssP, o falante tem mais conhecimento sobre o conteúdo de TP, e que quando há movimento-Wh para AssP, o falante tem mais conhecimento sobre o conteúdo do sintagma-Wh. Vamos considerar que temos movimento-Wh e o sintagma-Wh verifica os traços das FPs mais altas na LP (originando Wh-inicial) quando a asserção/avaliação da interrogativa (escopo da interrogação) recai sobre a variável e que temos Remnant-movement e os traços de tempo da proposição verificam os traços das FPs mais altas (originado Wh-*in-situ*) quando a asserção/avaliação da interrogativa recai sobre todo o conteúdo proposicional.

6.2. Ordem SV/VS: Remnant-movement vs. Head-movement

Ainda que SVO seja a ordem canónica, o PE é uma língua que permite uma ordem de palavras flexível. Com o intuito de testar o Remnant-movement, Pollock (2001) e Costa (2002) recorrem a construções do francês e do PE, respectivamente, que, embora diferentes, contêm um ponto comum: a ISV.

Costa (2002) baseia-se em construções do PE com a ordem não canónica VOS demonstrando as vantagens do Scrambling sobre o Remnant-movement.

Para a ordem VOS, existem dois padrões entoacionais possíveis: plana ou com pausa:

⁷⁰ Com Kayne (1994), a adjunção à direita é excluída. Portanto o Wh-*in-situ* tem de ser visto como um efeito de ilusão originado pelo remnant-movement. O sintagma-Wh parece ter-se movido para a direita mas, na realidade, está numa posição na LP, porque TP/FinP se moveu para uma posição mais alta.

- (307) a. Comeu a sopa o Paulo (foco)
 b. Comeu a sopa, o Paulo (topicalização) (ex. (2) Costa, 2002:69)

Segundo Ambar (1988, 1996a.), as duas formas correspondem a posições estruturais diferentes para o sujeito, codificando informações discursivas distintas. Segundo Costa (2002), a interpretação de foco vs. tópico deriva antes da interacção entre sintaxe e prosódia e não da relação que os constituintes em questão possam ter com diferentes FPs na LP⁷¹.

Existem duas hipóteses para a derivação da ordem VOS a partir da ordem canónica SVO: Scrambling e Remnant-movement.

Na derivação por Scrambling, a ordem VOS deriva do movimento do verbo para T^o e do scrambling do objecto atravessando a posição do sujeito, que se encontra na sua posição de base, originando a estrutura:

- (308) [TP V_i [XP O_j [VP S t_i t_j]]]

A vantagem desta análise reside na unificação entre o PE e as línguas germânicas, onde a ordem VOS é comum (cf. Haegeman 2000).

Um dos problemas desta análise consta na não validação dos traços de CASO do sujeito que precisariam de ser verificados/validados pela flexão. Também os traços- φ da flexão não seriam verificados/validados pelo item lexical que os contém (o sujeito). Estes problemas podem ser solucionados com o *Agree* à distância (Chomsky 1999; ver também Alexiadou & Anagnostopoulou 1996; Costa 1998; Contreras 1991). Contudo, estas propostas vão contra a ideia, que adoptamos, iniciada por Kayne (1998) e Kayne & Pollock (1999), de que os traços são sempre fortes e requerem sempre movimentos visíveis para os verificarem.

Na derivação por Remnant-TP-movement, a ordem VOS deriva do movimento do sujeito para uma posição externa a TP e do movimento posterior do constituinte remanescente (contendo um vestígio do sujeito) para uma posição mais alta do que aquela para onde o sujeito se moveu anteriormente:

- (309) [XP [TP t_i VP V O]_k [XP S_i [t_k]]]

⁷¹ Se considerarmos uma abordagem em fases (Chomsky 1999, 2005, 2007) com o recurso a *Transfers* intermédios para as componentes semântica e fonológica, as FPs na LP estão associadas à prosódia, mantendo-se uma relação sintaxe-prosódia.

Tanto nos exemplos do PE como do francês com o sujeito pós-verbal numa posição frásica final, o XP que é preposto ao sujeito contém um verbo finito ou um auxiliar. Tal facto leva a crer que o XP terá de corresponder a FinP/TP⁷².

Se admitirmos que o sujeito se move para Spec,IP temos duas hipóteses para o remnant-movement:

- a) remnant-movement de v*P para uma posição acima do sujeito;
- b) remnant-movement de T' (a cabeça mais o seu complemento, para evitar o movimento do sujeito em Spec,TP) para uma posição acima do sujeito.

Porém, em (a), os traços- ϕ de T^o não seriam verificados uma vez não ocorrer subida do verbo para essa posição⁷³, e em (b), o movimento não seria nem duma projecção máxima nem duma cabeça o que levaria a que a posição relativa aos elementos permanecesse a mesma. Além disso, essa derivação não seria possível (pois não existiria um local válido onde um X' ancorar).

Como o movimento de X' por movimento de XP não é possível e como o sujeito se encontra num Spec,XP (Spec,TP), há a necessidade de extracção do sujeito após a qual existe um remnant-movement que é no fundo um XP-movement de um XP contendo uma posição vazia:

- (310) Input: [IP tu à parecia che]
 a. movimento-Wh: [XP che_i X^o [tu à parecia t_i]
 b. remnant-movement: [YP [IP à-tu parecia t_i]_j Y [XP che_i X t_j] (ex. (8)

Pollock, 2001:254)

- (311) a. [WhP quem_i [Wh' [FocusP t_i [Focus' [XP [IP o Pedro encontrou t_i]]]]]]]
 b. [AssertiveP [O Pedro encontrou t_i]_k [Assertive' [XP [WhP quem_i [Wh' [FocusP t_i [Focus' [XP [IP t_k]]]]]]]]]] (ex. (13) Ambar, 2001:217)

Também nas construções interrogativas, existe uma relação entre a ocorrência de ISV e o tipo de movimento. Esse aspecto está, por sua vez, intimamente ligado à

⁷² Note-se que, segundo Pollock (1989), os verbos finitos e os verbos auxiliares encontram-se na posição X^o mais alta do domínio de IP.

⁷³ Embora a verificação dos traços através de movimento não seja possível, esta poderia ocorrer através da operação *Agree* (Chomsky 1999).

relação entre a ISV e a posição/tipo do sintagma-Wh, ocorrendo ISV apenas com um sintagma-Wh-inicial (cf. Ambar 1988, 2001; Pollock 2001):

(312) a. *Vas-tu où? (ex. (3) Pollock, 2001:252)

vais-tu onde

b. Tu vas où?

tu vais onde

“Onde vais?”

(313) a. *Vais tu onde?

b. Tu vais onde?

A ISV poderia, à partida, favorecer uma análise contra o remnant-movement uma vez que a posição relativa dos constituintes não é a do primeiro-*Merge*. No entanto, se a derivação destas construções se fizesse através de verb-movement então esperar-se-ia que (312a) e (313a) fossem gramaticais. Porém, após o movimento do verbo verificando o AF de WhP, se não ocorrer movimento do sintagma-Wh para Spec,Wh, a derivação torna-se agramatical deixando o traço EF de Wh^o por verificar. Considerando a subida do sintagma-Wh, a agramaticalidade persiste visto a hipótese de derivação por remnant-TP-movement ser excluída: os elementos não se encontram linearmente organizados na ordem canónica, apresentando uma disposição relativa uns aos outros distinta das posições argumentais.

6.2.1. Francês

Pollock (2001) argumenta a favor do Remnant-movement baseando-se em três construções-Wh distintas, cuja análise com remnant-movement unifica: *Stylistic Inversion* (SI), *Subject Clitic Inversion* (SCLI) e *Complex Inversion* (CI). Todas envolvem movimentos para o domínio-CP.

Nas construções acima referidas, embora o sujeito seja pós-verbal⁷⁴, Ambar &

⁷⁴ A construção SI e de SCLI são superficialmente semelhantes, apresentando o sujeito em posição pós-verbal. Porém, nas segundas, este apresenta a forma clítica:

(xix) a. Que fait-il? (Francês)
que faz-ele
“O que está ele a fazer?”
b. Cossa fà-lo? (Paduano)

Pollock (1998), Kayne & Pollock (1998) e Pollock (2001) demonstram que:

- a) a posição do sujeito é diferente da posição dos objectos (e não um tipo de objecto como em Edmonds 1976 e Legendre 1998);
- b) a hipótese de o sujeito permanecer na posição do seu primeiro-*Merge* em Spec,v*P deverá ser excluída.

A favor de a), apresentam a seguinte argumentação:

i) os sujeitos pós-verbais são compatíveis com um quantificador com função de objecto directo (OD):

(314) La fille à qui a tout dit Jean-Jacques.
a rapariga a quem tem tudo dito Jean-Jacques
“A rapariga a quem Jean-Jacques contou tudo”
(ex. (15) Pollock, 2001:257)

ii) os sujeitos pós-verbais são compatíveis com um OD cliticizado:

(315) À qui l’a donne ton ami?
a quem o tem dado teu amigo
“A quem o teu amigo o tem dado?”
(ex. (14) Pollock, 2001:257)

iii) os sujeitos pós-verbais apresentam uma assimetria quanto à impossibilidade de serem NPs/necessidade de serem DPs (ex. (316a)), o que não acontece com os OD (ex. (342b)):

(316) a. *De linguistes nous ont peu critiqués.
linguistas têm-nos poucos criticado
“Poucos linguistas nos têm criticado.”
b. J’ai peu critiqué de linguistes.

que faz-ele
“O que está ele a fazer?”
(ex. (26) Pollock, 2001:261)

eu tenho poucos criticado de linguistas

“Eu critiquei poucos linguistas.”

(ex. (17) Pollock, 2001:258)

iv) nem os sujeitos pós-verbais nem os pré-verbais permitem a extracção de ‘en’ (ex. (317a)), ao contrário dos OD (ex. (317b)):

(317) a. *Trois en ont critiqué ce linguiste.

três deles têm criticado este linguista

“Três deles criticaram este linguista.”

b. J’ en ai critiqué trois.

eu deles tenho criticado três

“Eu critiquei três deles.”

(ex. (18) Pollock, 2001:258)

v) os sujeitos pós-verbais, assemelham-se aos pré-verbais e distanciam-se dos objectos, pois, em SI, resistem à quantificação por *pas* por longa distância (ver Obenauer 1984 e Ambar & Pollock 1998)⁷⁵:

(318) a. *Quel livre n’ ont pas lu de linguiste?

que livro NEG temos não lido de linguistas

“Que livro não leram os linguistas?”

b. Je n’ ai pas vu de linguiste.

eu NEG tenho não visto de linguistas

“Eu não vi nenhum linguista.”

(ex. (19) Pollock, 2001:258)

E a favor de b), apresentam a seguinte argumentação:

vii) os sujeitos pós-verbais são do tipo tópico pois mostram restrições de anti-definitude (Cornulier 1974; Ambar & Pollock 1998, 2002):

⁷⁵ Se admitirmos que o sujeito se manteve em Spec,v*P, esse problema não surge pois o movimento de ‘peu’, ‘en’, ‘pas’ seria para uma posição de onde o c-comando seria possível predizendo a gramaticalidade dos casos, o que não se verifica. Assim, Pollock explica essa agramaticalidade visto os elementos ‘peu’, ‘en’, ‘pas’ se encontrarem em Spec,IP de onde não podem c-comandar os seus vestígios (e o movimento tem necessariamente de ser para uma posição que permita o c-comando, para não quebrar as cadeias). O movimento do sujeito deverá sempre ser para uma posição mais alta pois ‘peu’, ‘en’, ‘pas’ deverão ficar em Spec,G (após remnant-TP-movement), de onde não comandem o DP sujeito.

(319) ?*Quel gâteau a mangé quelqu'un?

que bolo tem comido alguém

“Que bolo comeu alguém?”

(ex. (20) Pollock, 2001:259)

(320) a. Que cartaz colou na parede o Pedro?

b. *Que cartaz colou na parede alguém? (ex. (31) Ambar & Pollock, 2002:130)

vi) existe uma semelhança quanto à posição do sujeito deslocado nas construções de SI e de CLLD (*Clitic Left Dislocation/Deslocação à Esquerda Clítica*) (Kayne & Pollock 1999): nas duas construções não podemos substituir o DP lexical por um clítico:

(321) a. Qu'a mangé Jean?

que AUX(Passado) comer João

b. *Qu'a mangé il? (ex. (23) Pollock, 2001:260)

(322) a. Jean, il a mangé un gâteau. (ex. (25) Pollock, 2001:261)

b. *Il, il a mangé un gâteau.

ele ele AUX(Passado) comer um bolo

Também a construção de CI se assemelha à construção de CLLD: o DP sujeito ocorre duplicado por uma forma clítica pós-verbal. Contudo, a construção de CI difere da de CLLD em dois aspectos:

(i) natureza do clítico;

(ii) posição do DP pré-verbal.

Relativamente a (i), Pollock nota que apenas pronomes de terceira pessoa são aceites em CI, uma restrição ausente das CLLD:

(323) Quel livre lui a t-il publié? (ex. (51) Pollock, 2001:270)

que livro ele tem-ele publicado

“Que livro publicou ele?”

(324) *Quel livre toi as-tu publié? (ex. (52) Pollock, 2001:270)

que livro tu tens-tu publicado
“Que livro publicaste tu?”

Segundo Kayne (1983), em CI, os pronomes de terceira pessoa são expletivos. De modo semelhante, em PE não-padrão, apenas os pronomes de terceira pessoa podem co-ocorrer com um sujeito (cf. Carrilho 2005):

- (325) a. (Ele) que livro ele publicou?
b. (*Eu) que livro ele publicou?

Kayne (1972), Pollock (2001) e Pollock & Poletto (2004) consideram os sujeitos das SCLI e CI *clitic phrases*⁷⁶:

- (326) [IP [CIP Pierre/pro il] téléphonera]
a. clitic-movement para YP: [YP il_j Y^o [IP [CIP Pierre/pro t_j]]]
b. remnant-IP-movement to ZP: [ZP [IP [CIP Pierre/pro t_j] téléphonera]_k Z^o [YP il_j Y^o t_k]] (ex. (57) Pollock, 2001:271)

Quanto a (ii), a posição do DP pré-verbal relativamente ao sintagma-Wh mostra que a SCLI não consiste numa interrogativa-Wh contendo uma estrutura de CLLD. Essa diferença reflecte-se na prosódia, originando uma pausa na última estrutura (ex. (328)):

- (327) À qui Marie va-t-elle prêter un livre?
a quem Maria vai-ela emprestar um livro
“A quem vai a Maria emprestar um livro?”
(ex. (39) Pollock, 2001:266)
- (328) Marie, à qui va-t-elle prêter un livre?
“A Maria, a quem vai ela emprestar um livro?”

De facto, o sujeito pré-verbal na CI está mais relacionado com a posição dos sujeitos das frases simples (329a)) do que com a das CLLD (329b): em (329a), o DP

⁷⁶ Rizzi & Roberts (1989) consideram que as estruturas de SCLI se tornam problemáticas na atribuição de CASO, uma vez que existem dois constituintes que terão de receber caso mas apenas um elemento que pode atribuir caso e apenas uma vez. Se considerarmos que o sujeito na SCLI é um CLP (*clitic phrase*), contendo o pronome clítico e o NP (como nas construções de CLLD), então ambos (a cabeça e o seu especificador) receberiam Caso nominativo. CLP resolve o problema da estrutura argumental apenas ter uma posição de sujeito (Kayne 1983).

lexical encontra-se adjacente ao verbo enquanto em (329b) o clítico se interpõe entre esse DP e o verbo:

- (329) a. {Yves, cet homme} va téléphoner.
b. {Yves, cet homme}, il va téléphoner.
 {Yves, este homem} ele vai telefonar
(ex. (44) Pollock, 2001:267)

Em PE, ao contrário da construção de CI, a construção de CLLD existe, prevendo que o equivalente de (327)-(329a) seja agramatical em PE, mas não de (328)-(329b), o que se verifica. Este contraste argumenta a favor da ideia de que as construções são distintas:

- (330) a. *A quem a Maria vai ela emprestar um livro?
b. ??/*A quem, a Maria, vai ela emprestar um livro?
c. A Maria, a quem vai ela emprestar um livro?

Nos exemplos (330), o DP [a Maria] comporta-se como um tópico que introduz uma entidade previamente dada sobre a qual se vai predicar (é EM nessa posição).

6.2.2. Português

6.2.2.1. Clíticos

A posição dos clíticos é por defeito enclítica, mas depende de outros fenómenos sintácticos (cf. Duarte & Matos 1995).

Por exemplo, as interrogativas-Wh com sintagma-Wh-inicial desencadeiam próclise, direccionando-nos para uma análise contra o remnant-movement, visto a ordem clítico-verbo não se ter mantido:

- (331) a. Quem o leu?
b. *Quem leu-o? (ex. (48) Costa, 2002:85)

Porém, em (332), com Wh-*in-situ*, ocorre ênclise:

- (332) a. *O leu quem?
b. Leu-o quem?

Segundo Ambar, o facto de as construções-Wh-*in-situ* desencadearem ênclise (vs. próclise com sintagma-Wh-inicial) favorece a hipótese da derivação das construções-Wh-*in-situ* por remnant-movement, visto o comportamento dos clíticos ser semelhante ao que manifestam quando em frases raiz declarativas:

- (333) a. O João leu-o.
b. *O João o leu.

6.2.2.2. Adjacência: Movimento do verbo e Periferia Esquerda

Se fosse obrigatório ocorrer remnant-movement para originar ISV em PE, i.e., se não houvesse verb-movement, então esperaríamos que o verbo não tivesse de ocorrer adjacente ao sintagma-Wh⁷⁷. Regra geral, isto acontece: não podem existir elementos intervenientes (não pode haver um sujeito em posição pré-verbal em interrogativas-Wh-objecto):

- (334) *O que o João comeu?

Vários autores (Torrego 1984; Ambar 1983, 1985; Rizzi & Roberts 1989; Rizzi 1991, 1995, 1996, 1999; Raposo 1994; Uriagareka 1995, e.o.) propõem que a adjacência obrigatória entre o sintagma-Wh e a flexão derive da subida da flexão para o domínio C (cf. n.67, pág. 119).

Em Ambar (1983, 1985), a subida do verbo resulta da necessidade de os traços nominais de I⁰ em combinação com o verbo licenciarem o elemento nominal que funciona como um restritor e, em Ambar (2001) e Ambar & Veloso (1999), resulta da necessidade de o verbo se mover para a cabeça de WhP para verificar o traço T (a subida do sintagma-Wh-*bare* apenas verifica o traço N de WhP). Embora dividindo os traços de WhP por duas FPs (IntP e FocP), consideraremos o mesmo princípio do exposto em Ambar (2001): o verbo verifica Foc⁰ e o sintagma-Wh verifica Int⁰. FocP é seleccionado por IntP, não podendo existir uma FP entre eles.

⁷⁷ Cf. Kayne & Pollock (2001) para uma análise da adjacência Wh-V sem recorrer ao movimento do verbo.

Contudo, em certos contextos, um adjunto pode ocorrer entre o sintagma-Wh e o verbo, gerando estruturas gramaticais:

- (335) a. Que livro, na tua opinião, comprou o João?
b. Quem, na tua opinião, foi o melhor bailarino do séc. XVIII?
c. Quem, no seu perfeito juízo, vai para a praia quando chove?
d. Quem efectivamente comprou o livro?

Se a ISV decorre de T-C-movement então:

- i) ou o sintagma-Wh não está em IntP;
ii) ou o verbo não sobe para IntP/FocP.

Como o exemplo (334) mostra, o verbo tem de subir, deixando TP. Apesar da subida obrigatória do verbo, o sintagma-Wh e verbo podem não estar na mesma FP dada a não-adjacência.

Os contextos de ocorrência destas construções são restritos. As interrogativas que permitem constituintes entre o sintagma-Wh e o verbo recebem geralmente uma interpretação semi/não-pura, que origina movimento do sintagma-Wh para uma FP mais alta permitindo a interpolação:

- (336) a. O que efectivamente comprou o João?
b. Quem inteligentemente deixou a luz acesa sem ninguém no quarto?

Estamos perante interrogativas-Wh-não-puras como (336b) e interrogativas-Wh-eco como (336a). Nestes exemplos, houve movimento posterior para AssP, que confere um valor assertivo e factivo às construções em causa, conferindo-lhes um sentido pragmático marcado.

6.2.2.3. Auxiliares

Exemplos como (337a,b), em que o sujeito ocorre entre o verbo auxiliar e o participípio passado parecem apelar para uma análise com verb-movement:

- (337) a. Terá o João falado sobre isso?
 b. Terá ele falado sobre isso?

Este é um dos comportamentos que, segundo Ambar & Pollock (1998, 2001) opõe francês a PE no que diz respeito a verb-movement. O francês não contém estruturas com a ordem AUX SUJ PP, contrariamente a PE, porque não tem verb-movement, também contrariamente a PE. A ordem com sujeito pós-particípio será derivada por remnant-movement tanto em francês como em PE.

6.2.3. Conclusões

Se em PE apenas pudéssemos derivar a ISV nas interrogativas-Wh através de verb-movement, teríamos (338), originando a ordem em (339):

- (338) a. [IntP suj-Wh_i [FocP T^o+V^o_j [TP t_i t_j obj]]]
 b. [IntP obj-Wh_i [FocP T^o+V^o_j [TP suj t_j t_i]]]

- (339) a. Suj-Wh V Obj
 b. Obj-Wh V Suj

e nunca ocorreria a ordem em (340), o que é uma boa predição:

- (340) a. *Suj-Wh Obj V
 b. *Obj-Wh Suj V

Se, por outro lado, apenas pudéssemos derivar a ISV nas interrogativas-Wh através de remnant-movement, deveríamos poder obter (341), originando a ordem em (342). Porém (342b) originaria frases agramaticais em PE:

- (341) a. [IntP suj-Wh_i [XP/FocP [t_i V Obj]_k] [TP t_k]]
 b. [IntP obj-Wh_i [XP/FocP [suj V t_i]_k] [TP t_k]]
 (342) a. Suj-Wh V Obj
 b. *Obj-Wh Suj V

Exemplos como (343) podem ser facilmente analisados quer através de

movimento do verbo quer de remnant-movement:

(343) O que disse o João?

Através de movimento do verbo, este subiria de T^0 para uma posição à esquerda do sujeito. Com base no remnant-movement, se considerarmos o sujeito um tópico e uma vez que o objecto é um sintagma-Wh que também tem de ser extraído para uma posição em CP, o remnant-movement para CP de TP (contendo apenas o verbo) geraria a ordem pretendida.

Porém, com verbos com dois argumentos internos, a necessidade da co-existência de remnant-movement e de verb-movement numa língua activadas em construções distintas, torna-se mais clara:

(344) O que ofereceu à Sofia o João?

(345) O que ofereceu o João à Sofia?

A gramaticalidade de ambos os exemplos mostra-nos que temos de conseguir derivar as ordens:

(346) OD-Wh V OI Suj

(347) OD-Wh V Suj OI

Em (346), a análise com remnant-movement, leva todo o TP (verbo e OI) a transpor o sujeito previamente topicalizado, originando a ordem pretendida. Todavia, um remnant-movement não conseguirá derivar a ordem em (347) (impossível em francês, que só tem remnant-movement); apenas a análise com verb-movement pode mover o verbo sobre o sujeito permanecendo o OI na sua posição de base interna a TP.

6.3. Remnant-movement nas fases

Os vestígios/cópias resultantes da operação move (IM) têm de ser comandados pelo seu antecedente (o constituinte movido):

Proper Binding Condition:

“Traces must be bound throughout a derivation.” (Lasnik e Saito, 1992:90)

A posição em que esse constituinte aterriza deve c-comandar o vestígio/cópia na posição de base. O remnant-movement constitui um problema teórico ao violar esta condição, porque o vestígio no interior do constituinte movido por remnant deixa de ser c-comandado pelo seu antecedente:

(348) [Z ... t_x ...] ... X ... t_z

Desse modo, a operação de remnant-movement não deveria ser permitida gerando construções agramaticais. Porém, uma vez que as construções geradas são gramaticais, parece que o remnant-movement pode violar esse princípio (contendo vestígios não ligados, como o vestígio t_i em (400) não c-comandado por ‘o quê’):

(349) [AssP [O João comprou t_i]_k [IntP o quê_i [TP t_k]]]

Segundo Cecchetto (2004), a aparente violação não o é se o movimento do sintagma-Wh for suficientemente local. Se não for local, viola a PIC e é excluído. Para o autor, a condição de c-comando do vestígio do sintagma-Wh apenas está activa enquanto o movimento ocorre. Momentos posteriores na derivação não a influenciarão visto que a condição de c-comando é verificada ciclicamente:

(350) *[Which picture of t_i]_j do you wonder who_i John likes t_j? (ex. (2) Cecchetto, 2004:1)

Adoptando a abordagem de fases, o mesmo é dizer que o c-comando terá de ser respeitado dentro da fase até ao seu *transfer*, mas não posteriormente, após activação da fase seguinte, visto o elemento já ter sido identificado e transferido para as interfaces⁷⁸, i.e., a partir do momento em que uma fase é fechada e o seu conteúdo transferido para as interfaces, as relações de c-comando necessárias para a reconstrução

⁷⁸ O mesmo se verifica nas aparentes violações da teoria da ligação (problemáticas devido à gramaticalidade dos exemplos) como:

(xx) [Ele_i é meu amigo], o Luís_i.

(xxi) [Amada t_i pelo seu dono]_j a gatinha_i; se sentia t_j.

em que existe necessariamente um vestígio do sujeito no v*P/TP preposto não c-comandado, mas cujo referente é recuperado.

e, conseqüentemente, para a interpretação de elementos co-referentes (como o caso dos vestígios) não terão de ser mantidas na derivação de fases posteriores.

6.4. Remnant-movement e Localidade

Vários autores (Müller 1993, 1996; Takano 1993; Abels 2003; Cecchetto 2004; Hinterholz 2006; e.o.) atribuíram a agramaticalidade originada em casos de remnant-movement à violação de princípios relacionados com a localidade.

(351) [TP ... t_{IntP} ...] ... IntP ... t_{TP}

(352) *[IntP1 ... t_{IntP2} ...] ... IntP2 ... t_{IntP1}

A agramaticalidade de (352) decorre da violação da RM (Rizzi 1990) (similar à *Minimal Link Condition* ou *Shortest Attract/Attract Closest* (Chomsky 1995)). Há um *intervention effect* desencadeado pelo elemento que c-comanda o *goal*, mas é c-comandando pelo *probe*, i.e., aquele que contém está mais perto do que aquele que é contido e deverá ser esse a ser atraído: em (403), o elemento IntP1 é atraído de uma posição mais encaixada do que a de IntP2.

“Defining intervention in terms of containment: (...) if Z contains X, Z acts an intervener between X and any position outside Z.” (Cecchetto, 2004:5)

Müller (1996) conclui que não podemos ter um remnant-movement sujeito a Y-movement, se o antecedente do vestígio se tiver movido por Y-movement, onde Y-movement está por scrambling, movimento-Wh e topicalização.

Abel (2007) conclui também que as relações entre diferentes movimentos são sempre assimétricas, nunca simétricas (se uma operação de movimento do tipo α origina uma operação de movimento de tipo β , então β não origina α). Conseqüentemente, se após o movimento-Wh ocorrer um remnant-movement, não poderá ocorrer seguidamente um novo movimento-Wh.

7. APLICANDO A PROPOSTA AOS DADOS

(360) Esse rapaz disse o quê?

‘Sobre esse rapaz (de que falávamos), ele disse o quê?’ parafraseando (360).

(361) A Aurora leu que livro?

‘Sobre o facto conhecido por nós de que a Aurora leu um livro, que livro foi?’ parafraseando (361).

Consequentemente, as construções-*in-situ* em causa deverão activar FPs de tipo tópico conferindo ao conteúdo de TP um carácter de ‘aboutness topic’:

(362) [_{TopP} [Esse rapaz disse t_i]_k [_{IntP} o que_i [_{Int°} [_{FocP} [_{Foc°} [_{FinP} t_k]]]]]]]

Apresentando um comportamento diferente das interrogativas-Wh-puras, as interrogativas-Wh-eco facilmente permitem o sintagma-Wh-*in-situ*:

(363) (Olha, o avô materno do Luís morreu.) Morreu quem?

(364) (O Pedro escreveu um conto.) O Pedro escreveu o quê?

Comparem-se os seguintes pares de pergunta-resposta, com foco informacional:

(365) A: Quem telefonou?

- B: a. Telefonou o João. (com foco informacional)
b. # O João telefonou. (sem foco informacional)

(366) A: O João telefonou.

- B: a. Telefonou quem? (com foco informacional)
b. #Quem telefonou? (sem foco informacional)
c. Quem é que telefonou? (focalizada)

(367) A: O que comprou a Maria?

- B: a. (A Maria) comprou um vestido. (com foco informacional)
b. #Um vestido, a Maria comprou. (com topicalização do OD)

c. #Um vestido, comprou a Maria.⁸¹ (com topicalização do OD e foco informacional no sujeito)

- (368) A: A Maria comprou um vestido.
 B: a. A Maria comprou o quê? (com foco informacional)
 b. #O que comprou a Maria? (sem foco informacional)
 c. O que é que a Maria comprou (focalizada)

Com efeito, a adequação de (366a)-(368a) vs. a inadequação de (366b)-(368b) decorre do facto de estas construções conterem um carácter de foco. Deste modo, o sintagma-Wh poderia verificar ambos os traços de IntP:

- (369) $[_{\text{TopP}} [t_i \text{ morreu}]_k [_{\text{IntP}} \text{quem}_i [_{\text{Int}^\circ} [_{\text{FocP}} [_{\text{Foc}^\circ} t_i [_{\text{FinP}} t_k]]]]]]$
 (370) $[_{\text{TopP}} [O \text{ Pedro escreveu } t_i]_k [_{\text{IntP}} \text{ o que}_i [_{\text{Int}^\circ} [_{\text{FocP}} [_{\text{Foc}^\circ} t_i [_{\text{FinP}} t_k]]]]]]$

Este comportamento não se verifica nas interrogativas-Wh-puras:

- (371) A: A Maria foi aos saldos.
 B: a. Ela comprou o quê?
 b. O que comprou ela?
 c. O que é que ela comprou?

Em (371), vemos que todas as perguntas em B (interrogativas-Wh-puras) são adequadas ao estímulo em A.

Por outro lado, nas exclamativas-Wh, não há sintagmas-Wh-*in-situ* porque a variável está identificada, não existindo uma distinção em termos de informação velha e nova entre FinP/TP e o sintagma-Wh. Aceitando que as exclamativas não projectam a fase IntP e que o sintagma-Wh tem de subir para a LP, não haverá uma posição intermédia entre o domínio de TP e a fase EvalP onde o sintagma-Wh possa ancorar:

- (372) a. $*[_{\text{EvalP}} [A \text{ Sofia comprou } t_i]_k [_{\text{Eval}^\circ} [_{\text{AssP}} \text{ que vestido lindo}_i [_{\text{Ass}^\circ} [_{\text{TopP}} t_i [_{\text{FinP}} t_k]]]]]]]]$
 b. $*[_{\text{EvalP}} [A \text{ Sofia comprou } t_i]_k [_{\text{Eval}^\circ} [_{\text{AssP}} [_{\text{Ass}^\circ} [_{\text{TopP}} \text{ que vestido lindo}_i [_{\text{FinP}} t_k]]]]]]]]$

⁸¹ Este exemplo será uma resposta adequada à pergunta:
 (xxii) Quem comprou um vestido?

“It has been conventionally assumed that in constructions such as *Who saw John and Who arrived*, there is an A-chain formed by A-movement of the wh-phrase to [spec,T], and an A'-chain formed by A'-movement of the subject to [spec,C]. There was never any real justification for assuming that there are two chains, a uniform A-chain and a non-uniform A'-A chain, rather than one A'-A-A chain formed by successive-cyclic raising of the wh-phrase to [spec,T] and then to [spec,C]. We now see, however, that the intuition is justified. There is no direct relation between the wh-phrase in [spec,C] and in [spec,T] and no reason to suppose that there is a non-uniform chain at all: just the argument A-chains and an operator-argument construction.” Chomsky (2005: 15).

Mesmo se o sistema *Merge* não pudesse envolver operações paralelas, e/ou se houvesse ligação entre os specs em causa, continuaria a ser o mesmo elemento a verificar os dois traços devido ao *attract closest* (será o elemento mais perto de ambos).

Quanto ao *Wh-in-situ*, este geralmente não ocorre nas interrogativas-Wh-semi/não-puras porque a variável está identificada (totalmente ou em parte), i.e., o sintagma-Wh é inicial por ter traços relevantes para verificar as FPs mais altas.

A análise de Obenauer prediz que as SDQs serão agramaticais com *Wh-in-situ* visto não existirem FPs mais elevadas que aquela para onde o sintagma-Wh se desloca, não existindo nenhum lugar possível para um Remnant-movement ancorar.

Porém, em PE, este tipo de construção-Wh pode apresentar o sintagma-Wh-*in-situ* em contextos em que a proposição contenha um carácter de tópico.

Existem várias hipóteses para derivar os sintagmas-Wh-*in-situ*:

- i) ou admitimos que há um AC (não visível) e o sintagma-Wh fica na FP mais baixa, onde as interrogativas-Wh ancoram;
- ii) ou é o sintagma-Wh que sobe para AssP/EvalP;
- iii) ou é o FinP remanescente que sobe para AssP/EvalP.

A primeira hipótese não explicaria o *Wh-in-situ*, pois teria sempre de existir um remnant-movement para uma FP (AssP) acima de IntP (Eval^o seria verificado por AC) de forma a originar a ordem SVO.

Na segunda hipótese, segundo a qual é o sintagma-Wh a verificar os traços de EvalP<AssP, temos de admitir que há uma posição do tipo tópico acima de EvalP, para onde o FinP remanescente subiria. Porém a topicalização de FinP acima de EvalP é impossível devido à PIC.

Segundo a terceira hipótese, a derivação das interrogativas-Wh-*in-situ*-semi-puras seria:

(383) * $[\text{EvalP } [\text{Eval}^\circ \emptyset [\text{AssP } [t_i \text{ comeu o bolo}]_k [\text{Ass}^\circ [\text{IntP } \text{quem}_i [\text{Int}^\circ [\text{FocP } [\text{Foc}^\circ [\text{FinP } t_k]]]]]]]]]]$

(384) * $[\text{EvalP } [\text{Eval}^\circ \emptyset [\text{AssP } [a \text{ Joana comprou } t_i]_k [\text{Ass}^\circ [\text{IntP } o \text{ quê}_i [\text{Int}^\circ [\text{FocP } [\text{Foc}^\circ [\text{FinP } t_k]]]]]]]]]]$

As derivações (383)-(384) originam estruturas agramaticais pois, tal como na segunda hipótese, violam a PIC visto não poder ocorrer um remnant-movement de uma posição tão encaixada: FinP não se pode mover para AssP por não ser visível à fase EvalP (não se encontra na posição de *edge* da fase anterior - IntP).

A derivação das interrogativas-Wh-*in-situ*-não-puras seria agramatical pelo mesmo motivo:

(385) * $[\text{EvalP } [t_i \text{ comeu o bolo}]_k [\text{Eval}^\circ [\text{AssP } t_k [\text{Ass}^\circ [\text{IntP } \text{quem}_i [\text{Int}^\circ [\text{FocP } [\text{Foc}^\circ [\text{FinP } t_k]]]]]]]]]]$

(386) * $[\text{EvalP } [Tu \text{ estás a fazer } t_i]_k [\text{Eval}^\circ [\text{AssP } [\text{Ass}^\circ t_k [\text{IntP } o \text{ quê}_i [\text{Int}^\circ [\text{FocP } [\text{Foc}^\circ [\text{FinP } t_k]]]]]]]]]]$

Para não violar a PIC, temos de considerar as interrogativas-Wh-*in-situ* como o resultado de uma topicalização prévia do conteúdo proposicional para uma posição de tipo tópico mais baixa (a mesma activada nas interrogativas-Wh-puras-*in-situ*, facto que aproxima os diferentes tipos interrogativas-Wh-*in-situ*):

Interrogativas-Wh-semi-puras:

(387) $[\text{EvalP } [\text{Eval}^\circ \emptyset [\text{AssP } [a \text{ Joana comprou } t_i]_k [\text{Ass}^\circ [\text{TopP } t_k [\text{IntP } o \text{ que}_i [\text{Int}^\circ [\text{FocP } [\text{Foc}^\circ [\text{FinP } t_k]]]]]]]]]]$

Interrogativas-Wh-não-puras:

(388) $[\text{EvalP } [a \text{ Joana comprou } t_i]_k [\text{Eval}^\circ [\text{AssP } t_k [\text{Ass}^\circ [\text{TopP } t_k [\text{IntP } o \text{ que}_i [\text{Int}^\circ [\text{FocP } [\text{Foc}^\circ [\text{FinP } t_k]]]]]]]]]]$

Sendo FinP topicalizado, o *Attract Closest* obriga a que seja esse constituinte (que foi anteriormente movido) a continuar a derivação e a verificar os traços mais altos em AssP e EvalP. Apesar de seleccionada por uma cabeça de fase, AssP não é

8. CORRELAÇÃO SINTAXE-SEMÂNTICA-PROSÓDIA

8.1. Interfaces

Os enunciados linguísticos dos falantes resultam da interação de vários módulos cognitivos e gramaticais. Uma frase que não contenha estrutura, significado e/ou produção não pode ser realizada, i.e., a agramaticalidade deriva não só de violações derivacionais, mas também da impossibilidade de interpretação nas interfaces. Deste modo, a interdependência entre a sintaxe, a semântica e a prosódia torna-se relevante pois ela originará diferenças em todos os módulos da gramática.

Esta relação tem sido analisada por vários autores. Chomsky (1995, 1999, 2001) considera a existência de uma componente no cérebro, geneticamente determinada, ligada à linguagem: a faculdade da linguagem. Esta inclui um sistema cognitivo que guarda informação, tornando-a disponível aos sistemas de performance (as interfaces) que lhe são exteriores: os sistemas conceptual-intencional (a semântica) e sensorio-motor (a fonologia/fonética). O autor considera que a derivação só converge se as duas interfaces tiverem as suas condições satisfeitas.

A gramática permite uma enorme quantidade de opções determinadas pelas interfaces. Na última década, foram propostas duas análises que relacionam a sintaxe com as interfaces semântica e fonológica: o split-CP e a derivação por fases, ambas aplicadas e relacionadas entre si neste trabalho.

Na teoria minimalista, os ciclos sintáticos acedem às interfaces e unem-se aos fonológicos, permitindo que a fonologia e a sintaxe ocorram em paralelo. Por outro lado, segundo Kayne, a ordem dos constituintes reflecte a hierarquia (escopo e hierarquização da informação).

Com a proposta de Split-CP, existe um domínio sintático periférico ao domínio argumental (a periferia esquerda) que contém FPs com valores semântico-discursivos específicos que são relacionados com os constituintes sintáticos durante a derivação das construções⁸⁶.

Com a proposta de divisão da estrutura em domínios que são transferidos para as interfaces ciclicamente (*phases*), Chomsky (1999, 2005, 2007) relaciona a estrutura sintáctica com a sua interpretação e produção. Após os domínios fásicos serem

⁸⁶ Outras propriedades expressas em semântica e relevantes para a sintaxe são o papel-temático, o escopo, a relação velho-novo, a especificidade, a animacidade, etc.

identificados, estarão também identificados os domínios de computação que visam o *Transfer* (aplicado fase-a-fase). A transferência de informação para outros sistemas em níveis intermédios da derivação tem uma “‘memory’ of phase-length” (Chomsky 2001: 14). O ponto em que a transferência se dá é o *Spell-out* (transferência dos traços fonológicos para a interface SM). Desse modo, a sintaxe e as interfaces interagem ciclicamente através das fases projectadas.

Segundo Hinterholz (2006), as fases podem ser avaliadas prosódica e semanticamente e deverão ser as mesmas em ambas as interfaces. Existe uma correlação entre as duas interfaces: diferentes valores semânticos emparelham-se a diferentes curvas prosódicas. Podemos, por exemplo, aceitar EM de ACs prosódicos/não-lexicais, que verificariam a estrutura sintáctica originando uma linha melódica diferente, por exemplo, entre uma interrogativas-Wh-não-pura e uma pura).

8.2. Interface Conceptual-intencional

A relação sintaxe-semântica é pluridireccional: Portner & Zanuttini (2003) defendem que a força da frase não está directamente marcada na sintaxe, resultando da combinação de propriedades semânticas representadas na sintaxe (direcção semântica-sintaxe), enquanto Chomsky (2007:7) defende que as relações de escopo são determinadas pelo c-comando (direcção sintaxe-semântica). Independentemente da direcção, a relação é forte e visível ao longo da derivação em todas as fases: v*P é o local onde os papéis-temáticos são atribuídos, FinP onde o tempo, a força e a modalidade da frase são determinados e FinP, IntP e EvalP onde a tipologia frásica é determinada (a força ilocutória das frases refere a força pragmática associada ao tipo de frase). É esta relação que motiva os movimentos:

“The property of “displacement” which has (at least plausible) external motivation in terms of distinct kinds of semantic interpretation and perhaps processing.” (Chomsky, 1999:3)

A estrutura é, então, composta por várias noções semânticas ao longo da derivação que se efectua fase-a-fase:

“A *Merge*-based system will be compositional in general character: the interpretation of larger units at the interfaces will depend on the interpretation of their parts.” (Chomsky, 2007:4)

A função semântica não se altera durante a derivação (por exemplo, um agente

é agente durante toda a derivação), visto apenas existir um local onde cada elemento pode receber o seu papel- θ . Se o mesmo acontecer nas restantes instâncias de marcação semântico-pragmática, espera-se que não possamos projectar IntP nas exclamativas-Wh, pois essa construção receberia primeiramente um valor interrogativo que teria de ser alterado pela fase seguinte. Contudo, como a interpretação de superfície é determinada pela posição da cabeça da cadeia (*surface semantic effects*) poderíamos admitir a projecção de IntP nessas construções-Wh e a interpretação interrogativa não seria computada (sendo IntP um *edge* de fase, o sintagma-Wh só iria nessa posição para as interfaces se mais nenhuma fase fosse projectada pois a cabeça e *edge* da fase são interpretadas na fase seguinte). Porém, a ligação com variáveis em longa distância mostra que a semântica deve ser capaz de olhar para unidades maiores que fases, mostrando que a informação anterior (os traços) não deixa de ser visível na interface semântica. Assim, ainda que essa informação não fosse a mais relevante visto apenas conter um vestígio/cópia desse elemento, a sua presença iria afectar a construção (caso das interrogativas-Wh-semi/não-puras).

Consequentemente, a definição de fase depende não só da motivação sintáctica mas também da semântica. Chomsky relaciona as estruturas proposicionais às fases. Porém, Epstein & Seely (2002) admitem que nem todas as proposições são qualificadas para fase.

8.3. Interface Sensório-motora

Todas as línguas têm estratégias que permitem aos falantes produzir construções-Wh diferentes, incidindo num constituinte específico, mas essas estratégias diferem interlinguisticamente. A par das estratégias sintácticas e semânticas já referidas, as línguas podem utilizar estruturas prosódicas diferentes como meio de assinalar valores marcados. As diferenças prosódicas com significação parecem demonstrar que os traços das cabeças de fase continuam activos na interface fonológica:

“Curva de entoação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado que o falante quer transmitir ao seu interlocutor.” (Bechara, 2001:407)

O PE é uma língua entoacional e por isso usa a entoação como estratégia de distinção entre tipos frásicos, distinções discursivas, contrastes de significado e/ou expressão de emoções, desambiguação sintáctica e/ou pragmática. Nas línguas entoacionais, a componente prosódica não só está presente como é essencial para que as construções sejam reconhecidas pelos ouvintes. É suficiente para desambiguar as possíveis interpretações, e desse modo, a sua presença é obrigatória (quando nenhum outro tipo de marcador visível estiver presente). As variações prosódicas podem ser suficientes para legitimar essas interpretações, que tendem a corresponder a estruturas semânticas e sintáticas diferentes.

Ambar (2001) e Ambar & Veloso (1999) notaram que:

- i) o acento das interrogativas-Wh-*in-situ* é diferente do das puras;
- ii) nas interrogativas-Wh sem ISV existe um contorno entoacional especial na frase e em particular no sintagma-Wh;
- iii) o sintagma-Wh-*bare* 'que' não pode receber acento prosódico porque, fonologicamente, é um clítico (por isso também não pode subir para a LP);
- iv) o grau de interpretação-não-pura está relacionado com a entoação⁸⁷.

O PE apresenta semelhanças prosódicas entre as declarativas e as interrogativas-Wh sendo mais relevante o tom de fronteira (Ti) (Cruz-Ferreira 1980; Viana 1987; Frota 2000, 2002). O Ti baixo é um dos tons básicos do PE e é o padrão não-marcado das interrogativas-Wh-puras com o sintagma-Wh-inicial.

Nas interrogativas-Wh-*in-situ*, o movimento-Wh não é visível mas é audível. A curva entoacional funciona como uma pista para o ouvinte para os movimentos sintáticos não-visíveis. Testes acústicos mostram que as interrogativas-Wh-*in-situ* se comportam de forma muito distinta se forem interrogativas-Wh-semi-puras ou interrogativas-Wh-não-puras. Há dois padrões entoacionais para as interrogativas-Wh-*in-situ*, cada um correspondente a uma leitura:

- i) se o sintagma-Wh recebe um acento enfático então a interrogativas-

⁸⁷ Também Obenauer (2006) e Munaro (1999) notaram que o grau interpretativo das SDQs está relacionado com a entoação.

Wh é interpretada como pura ou semi-pura, seguindo o padrão entoacional das interrogativas-totais com a subida final;

- ii) se o sintagma-Wh demonstra uma curva descendente então temos uma interrogativas-Wh-não-pura (não segue o padrão melódico interrogativo, mas o declarativo (neutro), demonstrando o seu carácter não verdadeiramente interrogativo).

Esta diferença prosódica leva-nos a admitir a existência de, por um lado, interrogativas-Wh-não-puras com sintagma-Wh-*in-situ* e, por outro, domínios distintos na LP - fases⁸⁸, mas será fundamental realizarem-se medições acústicas sistemáticas destas construções para se obterem respostas consistentes.

9. CONCLUSÕES

⁸⁸ Com dois locais possíveis para o *Spell-out* do sintagma-Wh no domínio da LP: após IntP, ou após EvalP.

Partindo da ideia de que a Gramática Universal contém princípios que regem as relações entre semântica, sintaxe e fonologia, enquanto módulos paralelos, pretendemos combinar dois aspectos teóricos debatidos na literatura nos últimos anos não comumente relacionados: a divisão do domínio de CP numa periferia esquerda (a perspectiva cartográfica) com a divisão da estrutura frásica em fases (a teoria de derivação por fases), analisando determinadas estruturas que inequivocamente envolvem um CP projectado com mais de uma FP. Deste modo, correlacionámos também o nível sintáctico ao das interfaces. Como os dados do PE apresentados mostram, esta combinação é capaz de prever correctamente novos fenómenos e de explicar efeitos de gramaticalidade.

Tal como em Kayne (1998) que definiu os movimentos como sendo todos visíveis e segundo os princípios expostos em Chomsky (1999, 2005, 2007) com a sua abordagem de fases e em Ambar (1996-2008), Obenauer (2004, 2006), Rizzi (1990), e.o., com um domínio de CP com FPs capazes de codificar valores discursivos e definir a ordem final das palavras na frase, considerámos que existe uma LP discursivamente marcada que motiva movimentos de determinados constituintes para os specs das suas FPs. Essa LP pode ser totalmente projectada ou em parte, tendo em conta as FPs requeridas (consoante os valores que a construção for veicular), e respeitando a completa projecção dos domínios fásicos que engloba (em que essas FPs se inserem). É também esta LP que codifica o tipo frásico dos enunciados.

A divisão em fases proposta neste trabalho parece ser adequada visto prever correctamente alguns fenómenos de gramaticalidades vs. agramaticalidades (numa escala de melhor/pior aceitação) nas construções do PE analisadas: as violações à PIC geram enunciados agramaticais e as violações à localidade (como o *attract closest*) geram enunciados também agramaticais, numa forma geral, mas possíveis em determinados contextos, mais marcados, notando-se uma maior restrição imposta pela PIC que pela localidade.

Com a projecção opcional de determinadas fases na LP com FPs capazes de codificar uma estrutura informacional específica, a estrutura das construções é verdadeiramente composicional, interagindo com todos os módulos da gramática desde o início da derivação até atingir a sua expressão final.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abels, Klaus (2003) *Successive Cyclicity, Anti-locality and Adposition Stranding*. Tese de doutoramento. University of Connecticut.
- Abels, K. (2009) *Some Implications of Improper Movement for Cartography*. Primeira versão disponível em <http://www.phon.ucl.ac.uk/home/klaus/papers/index.html>.
- Alexiadou, Artemis & Elena Anagnostopoulou (1996) "On the common formal properties of scrambling and clitic doubling". *ZAS Papers in Linguistics* 6:2-16.
- Amaral, Diana Travado (2008a) "As interrogativas-Wh numa Periferia esquerda dividida". Apresentado no XXIV Encontro da APL. Braga.
- Amaral, D. (2008b) "As Interrogativas-Wh e Fases: Comparando algumas análises de Periferia Esquerda para o PE e para os Dialectos do Nordeste de Itália". Apresentado no Colóquio *O Português em Contacto e em Contraste*, Novembro 2008, Universidade de Gent, Bélgica.
- Amaral, D. (2008c) "On some Wh-Questions in European Portuguese: Left Periphery and Phases". Apresentado no workshop *La structure fine des types de phrases*, Novembro 2008, CNRS.
- Ambar, Manuela (1987) "Gouvernement et Inversion dans les Interrogatives Qu- en Portugais". *Recherches Linguistiques de Vincennes* 8, 5-51.
- Ambar, M. (1985) "Sobre a Estrutura dos Constituintes Interrogativos". *Actas do I Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 247-262.
- Ambar, M. (1988) *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em Português*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa. [Publicado por Edições Colibri, Lisboa, 1992.]
- Ambar, M. (1996a) "Aspects of Focus in Portuguese". Em Tuller & Rebuschi (eds.) *The Grammar of Focus*. John Benjamins, 23-53.
- Ambar, M. (1996b) "Inflected Infinitives Revisited -Generativity and Single Event". *Canadian Journal of Linguistics*, 43(1):5-36.
- Ambar, M. (2000) "Wh-questions and Wh-exclamatives - unifying mirror effects". Em Beyssade et al. (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*, John Benjamins, 15-40.
- Ambar, M. (2001) "Wh-Asymmetries". Em Anna-Maria Di Sciullo (ed.), *Asymmetry in Grammar*, John Benjamins, 209-250.

- Ambar, M. (2003) "On some special adverbs, word order and CP Variation vs. micro-variation". Ms. Universidade de Lisboa. [Apresentado em *Exploration de l'Asymétrie aux Interfaces*. Université du Québec].
- Ambar, M. (2005) "Clefts and tense asymmetries". Em Di Sciullo, Anna Maria (ed.) *UG and External Systems, Language, brain and computation*. (Linguistik Aktuell/Linguistics Today 75), 95-127. Amsterdam: John Benjamins.
- Ambar, M. (2006) "Verb movement and Tense – EPP and T-Completeness". Em XXXII *Incontro di Grammatica Generativa*. Ed. dell'Orso, Florença, Itália, 1-20.
- Ambar, M. (2008) Clause type, left periphery, and complementizers. Workshop *La structure fine des types de phrase*. Paris.
- Ambar, Manuela & Jean-Yves Pollock (1998) "Topique et Commentaire dans quelques constructions à inversion du sujet en français et en portugais", ms. Universidade Lisboa e UPR 9075, CNRS, Lyon. Publicação: "Topic vs. Comment in some Subject Inversion Sentences in French and Portuguese". *Journal of Portuguese Linguistics*, 1.1, Colibri. 2002, 119-138.
- Ambar, Manuela & Rita Veloso (1999) "On the nature of Wh-phrases – word order and Wh-in-situ". Em Hulst et al. (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 1999*. John Benjamins, 1-38.
- Aoun, Joseph & Audrey Li (1993) *Syntax of scope*. MIT Press.
- Araújo, Edivalda (2006) *As construções de tópico do português dos séculos XVIII e XIX: uma análise sintático-discursiva*. Tese de doutoramento. UFBA/PPGL.
- Austin, John Langshaw (1962) *How to do things with words*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Austin, J. L. (1979) Performative utterances. Em J. O. Urmson, & G. J. Warnock (Eds.) *Philosophical papers*. Oxford, UK: Clarendon Press, 233-252.
- Baker, Mark (1988) *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. University of Chicago Press, Chicago.
- Barbiers, Sjef (1995) *The syntax of interpretation*. HIL Dissertations 14. Holland Academic Graphics.
- Barbosa, Jerónimo Soares (1830) *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza*, Tipografia da Academia das Ciências.
- Barbosa, Pilar (2001) "On inversion in wh-questions in Romance." In Hulk & Pollock (eds.), *Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*. OUP.

- Barros, João de (1540) *Gramática da Língua Portuguesa*, 3ª edição (1957) organizada por José Pedro Machado), Lisboa.
- Bayer, Josef (2005) "Wh-in-situ". Em Everaert & van Riemsdijk (eds.) *The Blackwell Companion to Syntax (SynCom) Case 77*.
- Bayer, J. & H.-G. Obenauer (2008) "Discourse Particles, Clause Structure, and Question Types", *Particle Workshop*, Cambridge.
- Bechara, Evanildo (1992) *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Cia. Nacional, 1992.
- Belletti, Adriana (2004) "Aspects of the low IP area". Em Rizzi (ed.) *The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures*, OUP.
- Benincà, Paola (1983) "Il clítico *a* nel dialetto padovano". Em Benincà et al. (eds.) *Scritti linguistici in onore di Giovan Battista Pellegrini*. Pacini, 25-35.
- Benincà, P. (1996) "La struttura della frase esclamativa alla luce del dialetto padovano." In Benincà, Cinque, Mauro & Vincent (eds.) *Italiano e dialetti nel tempo. Saggi di grammatica per Giulio C. Lepschy*. Bulzoni, Roma, 23-43.
- Benincà, P. (2001) "The position of topic and focus on the left periphery". Em Cinque & Salvi (eds.) *Current studies in Italian syntax. Essays offered to Lorenzo Renzi*. North Holland, 39-64.
- den Besten, Hans (1983) "On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules". Em Abraham (ed.) *On the Formal Syntax of Westgermania*. John Benjamins, 47-131.
- Bonet, E. (1990) "Subjects in Catalan". *MIT Working Papers 13*, 1-26. Cambridge, Mass.
- Bošković, Željko (2001) *On the Nature of the Syntax-Phonology Interface: Cliticization and Related Phenomena*. Elsevier.
- Bošković, Ž. (2002) "On multiple wh-fronting". *LI 33*:351-383.
- Bresnan, Joan (1972) *Theory of Complementation in English Syntax*. Tese de Doutoramento, MIT, Cambridge, MA. [Publicado em Bresnan *Theory of Complementation in English Syntax*. New York: Garland, 1979.]
- Britto, Helena (2000) "Syntactic Codification of Categorical and Thetic Judgments in Brazilian Portuguese". Em Kato & Negrão (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null-Subject Parameter*. Vervuert.
- Calabrese, Andrea (1985) *Focus and Logical Structures in Italian*. Ms., MIT.
- Carrilho, Ernestina (2005) *Expletive *ele* in European Portuguese dialects*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Lisboa.

- Carrilho, E. (2009) "Sobre o expletivo *ele* em português europeu ". *Estudos de Lingüística Galega* 1, ISSN 1989-578X, DOI: 10.3309/1989-578X-09-1, 7-26
- Cecchetto, Carlo (2004) "Remnant Movement in the Theory of Phases". Ms. University of Milano-Bicocca [Publicado em Rizzi (ed.) *The Structure of CP and IP*. OUP, 166-189].
- Cheng, L. (1991) *On the Typology of Wh-Questions*. Tese de Doutoramento. MIT.
- Chomsky, Noam (1957) *Syntactic Structures*. Mouton.
- Chomsky, N. (1965) *Aspects of the theory of syntax*. MIT Press.
- Chomsky, N. (1973) "Conditions on transformations". Em Stephen R Anderson and Paul Kiparsky (ed.) *A festschrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 232–286.
- Chomsky, N. (1975) *Reflections on language*, New York: Pantheon.
- Chomsky, N. (1980) *Rules and representations*. Oxford: Blackwell.
- Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1986a) *Barriers*. MIT Press.
- Chomsky, N (1986b) *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger.
- Chomsky, N. (1995) *The Minimalist Program*. MIT Press.
- Chomsky, N. (1999) "Derivation by Phase." *MIT Occasional Papers in Linguistics*, no. 18. Cambridge, MA: MIT.
- Chomsky, N. (2000) "Minimalist Inquiries: The Framework." In Martin et al. (eds.) *Step by Step: Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. MIT Press, 89-155.
- Chomsky, N. (2001) "Beyond Explanatory Adequacy." *MIT Occasional Papers in Linguistics*, no. 20, Cambridge, MA: MIT.
- Chomsky, N. (2005) "On phases." Ms. MIT.
- Chomsky, N. (2007) "Approaching UG from Below." Ms. MIT.
- Chung, Sandra & James McCloskey (1983) "On the interpretation of certain island facts in GPSG". *LI* 14.
- Cinque, Guglielmo (1990) *Types of A' - dependencies*. MIT Press.
- Cinque, G. (1999) *Adverbs and functional heads: A cross-linguistic perspective*. OUP.
- Cinque, G. & L. Rizzi (2008) "The Cartography of Syntactic Structures". *CISCL Working Papers, STiL – Studies in Linguistics, Vol. 2*, 42-58.
- Clahsen, Harald (1990) "Constraints on parameter setting: a grammatical analysis of some acquisition stages in German child language". *Language Acquisition*. 1.4, 361-

- Contreras, Helas (1991). "On the position of subjects." In Rothstein (ed.), *Perspectives on Phrase Structure: Heads and Licensing (Syntax and Semantics 25)*. Academic Press, 63-79.
- De Cornulier (1974) "Pourquoi" et l' Inversion du Sujet non Clitique'. Em Roher & Ruwet (eds) *Actes du Colloque Franco-Allemand de Grammaire Transformationelle 1*. Niemeyer, Tuebingen.
- Costa, João (1998) *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Holland Academic Graphics.
- Costa, J. (2002) "VOS in Portuguese: scrambling vs. remnant-movement". Em Alexiadou & Barbiers (eds.) *Dimensions of Movement*, John Benjamins, 69-89.
- Costa, J. & I. Duarte (2001) "Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português". *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*, Lisboa: Colibri, 627-638.
- Cruz-Ferreira, Madalena (1980) *Basic intonational and grammatical patterns of Portuguese and English questions*. Tese de mestrado. University of Manchester.
- Culicover, Peter (1992) "Topicalization, Inversion and Complementizers in English." Em Delfitto et al. (orgs.) *OTS Working papers in Linguistics*.
- Culioli, Antoine (1971) *Rubriques de Linguistique de l'Encyclopédie Alpha*. Paris: Grange Batelière.
- Cunha, Celso & Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1984.
- Demirdache, Hamida (2007) *On the acquisition of (long-distance) questions. Issues at the syntax-semantics interface*. Ealing 5, ENS, Paris.
- Dias, Epifânio da Silva (1933) *Sintaxe histórica portuguesa*. 2ª ed. Lisboa, 1933.
- Dicionário de Termos Linguísticos*. (1986-2008). Associação de Informação Terminológica. APL. Disponível em http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/index2.htm.
- Dobrovie-Sorin, Carmen (1990) Clitic Doubling, Wh-movement, and quantification in Romanian. *LI*, 22:1-25.
- Duarte, Inês (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre o Movimento*. Dissertação de Doutoramento, FLUL.
- Duarte, I. (1996) "A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa". Em Duarte & Leiria (orgs.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*.

Colibri/APL.

- Duarte, I. (1997) "Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva". Em Brito et al. (orgs.). *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Campo das Letras.
- Duarte, I. (2000) "Sobre interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro". *Actas do Congresso Internacional '500 anos da Língua Portuguesa no Brasil'*.
- Duarte, Inês & Gabriela Matos (1995) "A colocação dos clíticos em Português Europeu e a hipótese minimalista". *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 177-193.
- Edmonds, Joseph (1976) "Arguments for Assigning Tense Meanings after Certain Syntactic Transformations Apply". Em Keenan (ed.), *Formal Semantics of Natural Language*. CUP, 351-72.
- Epstein, S. & D. Seely (2002) *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*. Em Lightfoot (ed.) *Generative Syntax Series*, Blackwell Publishers.
- Fox, Danny & David Pesetsky (2004a) "Cyclic Linearization and the Typology of Movement". Ms., MIT.
- Fox, D. & D. Pesetsky (2004b) "Cyclic Linearization of Syntactic Structure". *Theoretical linguistics* 31:1-46.
- Franks, Steven (1998) "Parameters of Slavic morphosyntax revisited: A minimalist retrospective". Em Bošković et al. (eds.) *Formal approaches to Slavic linguistics: The Connecticut meeting*. Michigan Slavic Publications, 134-165.
- Friedmann, Naama (2001) "Agrammatism and the psychological reality of the syntactic tree". *Journal of Psycholinguistic Research*, 30:71-90.
- Friedmann, N. (2002a) "Question production in agrammatism: The Tree Pruning Hypothesis". *Brain and Language*, 80:160-187.
- Friedmann, N. (2002b) "Syntactic tree pruning and question production in agrammatism". *Brain and Language*, 83:117-120.
- Friedmann, N. & Y. Grodzinsky (1997) "Tense and Agreement in agrammatic production: Pruning the syntactic tree". *Brain and Language*, 56:397-425.
- Frota, Sónia (2000) *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation*. Garland Publishing.
- Frota, S. (2002) "Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls". Em Gussenhoven & Warner (eds). *Laboratory Phonology 7*, Mouton

de Gruyter, 387-418.

- Galves, Charlotte & Paixão de Sousa (2005) "Clitic placement and the position of subjects in the history of European Portuguese". Em Geerts et al. (orgs.) *Languages and Linguistic Theory 2003, Selected papers from 'Going Romance' 2003*, John Benjamins, 93-107.
- Garzonio, Jacopo (2004) "Interrogative Types and Left Periphery: Some Data from the Fiorentino Dialect". Em Polo & Patruno (eds.) *Quaderni di lavoro dell'ASIS*, Università di Padova.
- Gérard, J. (1980) *L'exclamation en français*. Tübingen, Niemeyer.
- Goodall, Grant (2004) "On the syntax and processing of *wh*-questions in Spanish". Em Chand et al. (eds.), *WCCFL 23: Proceedings of the 23rd West Coast Conference on Formal Linguistics*. Cascadilla Press, 237-250.
- Grimshaw, Jane (1977) *English Wh-constructions and the theory of grammar*. Tese de Doutoramento, University of Massachusetts.
- Guasti, Maria Teresa (2002) *Language acquisition: The growth of grammar*. MIT Press.
- Guasti, M. Te. & L. Rizzi (1996) "Null Aux and the acquisition of residual V2". Em Stringfellow et-al (ed.) *Proceedings of the 20th annual Boston University Conference on Language Development; 20.1*, Casscadila Press, 284-295.
- Guilfoyle, Eithne & Maire Noonan (1988) *Functional categories and language acquisition*. Boston University Conference on Language Acquisition.
- Haegeman, Liliane (1995) "Dutch child root infinitives and truncated structures". *Language Acquisition* 3:205-255.
- Haegeman, L. (2000) "Remnant movement and OV order". Em Svenonius (ed.). *The derivation of OV and VO*. Amsterdam: John Benjamins, 69-96.
- Haegeman, L. (2005) "Functional heads, lexical heads and hybrid categories". Em Broekhuis et al. (eds). *Organizing Grammar. Linguistic Studies in Honor of Henk van Riemsdijk*. Berlin: Mouton de Gruyter. 152-161.
- Haegeman, L. (2006) "Argument fronting in English, Romance CLLD, and the left periphery". Em Zanuttini et al. (eds.), *Negation, tense and clausal architecture: Cross-linguistic investigations*. Georgetown University Press, 27-52.
- Hamann, Cornelia (2006) "Speculations about early syntax: The production of *Wh*-questions by normally developing French children and French children with

- SLI". *Catalan Journal of Linguistics* 5:143-189.
- Harris, Zellig S. (1951) *Methods in Structural Linguistics*. Chicago: University of Chicago Press.
- Harris, Z. (1968) *Mathematical structure of language*. New York: Interscience Publishers.
- Heim, Irene (1982) *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Dissertação de Doutorado, University of Massachusetts.
- Hinterhölzl, Roland (2006). *Scrambling, Remnant Movement, and Restructuring in West Germanic*. OUP.
- Hooper, John & Sandra Thompson (1973) "On the applicability of Root Transformations". *LI* 4:465-97.
- Huang, James (1982) *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. Doctoral dissertation, MIT.
- Huang, J. & M. Ochi (2003) Syntax of the hell: Two types of dependencies. *NELS* 34, Stony Brook.
- Iatridou, Sabine (2008) *De Modo Imperativo*. Ealing6, ENS, Paris.
- Jäger, Gerhard (2001) Topic-comment structure and the contrast between stage and individual level predicates. *Journal of Semantics* 18:83-126.
- Kayne, Richard (1972) "Subject Inversion in French Interrogatives". Em Casagrande & Saciuk (eds.) *Generative Studies in Romance Languages*, Newbury House, 70-126.
- Kayne, R. (1983) "Chains, categories external to S, and French Complex Inversion". *Natural Language and Linguistic Theory* 1:107-139.
- Kayne, R. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*, MIT Press.
- Kayne, R. (1998) "Overt vs Covert Movement". *Syntax* 1.2:128-191.
- Kayne, R. (2001) "A Note on Clitic Doubling in French". Em Cinque & Salvi (eds.) *Current Studies in Italian Syntax. Essays offered to Lorenzo Renzi*, North-Holland, 189-212.
- Kayne, R. (2006) On Parameters and on Principles of Pronunciation. Em Broekhuis et al. (eds.) *Organizing Grammar. Linguistic Studies in Honor of Henk van Riemsdijk*. Mouton de Gruyter, 289-299.
- Kayne, R. & J-Y. Pollock (1999) "New Thoughts on Stylistic Inversion". Em Hulk & Pollock (eds) *Inversion in Romance and the theory of Universal Grammar*. OUP, 107-162.
- Koopman, Hilda (1996) 'The Spec Head Configuration'. em Garrett & Lee (eds.) *Syntax at Sunset, UCLA Working papers in Syntax and semantics*.

- Koopman, H. (2006) "When to pied-pipe and when to strand in San Dionicio Octotepec Zapotec". Em Broekhuis et al. *Organizing Grammar*. Mouton de Gruyter.
- Koopman, H. & A. Szabolsci (2000). *Verbal Complexes*. MIT Press.
- Kratzer, Angelika & Elisabeth Selkirk (2007) "Phase theory and prosodic spellout: The case of verbs". *The Linguistic Review*, 24:93.
- Larson, R. K. (1988) "On the Double Object Construction". Em *Linguistic Inquiry* 19(3), 335-391.
- Lasnik, Howard & Mamuro Saito (1992) *Move Alpha: Conditions on Its Application and Output*. MIT Press.
- Legate, Julie Anne (2003) Some interface properties of the phase. *LI* 34:506-516.
- Legendre, Geradine (1998) "Second-Position Clitics in a Verb-Second Language: Conflict Resolution in Macedonian". Em Avrutin & Jonas (eds.) *Proceedings of ESCOL 1997*. GLC Publications, 139-149.
- Levinson, S. C. (1983) *Pragmatics*. Cambridge: C.U.P.
- Li, Charles & Sandra Thompson (1976) "Subject and Topic: a new typology of language". Em C. Li (ed.), *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 459-489.
- Lobo, Maria (2002) "On the structural position of non-peripheral adjunct clauses". Em *Journal of Portuguese Linguistics* 1; 83-118.
- Martins, Ana Maria (1994) *Clíticos na História do Português*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Martins, A. M. (1997) "Mudança sintáctica: clíticos, negação e um pouquinho de scrambling". *Estudos Lingüísticos e Literários* 19. Universidade Federal da Bahia, 129-161.
- Martins, A. M. (2000) "A Minimalist Approach to Clitic Climbing". Em Costa (ed.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. OUP, 169-190.
- Mateus, Maria Helena Mira et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Editorial Caminho.
- May, Robert (1985) *Logical form: Its structure and derivation*. MIT Press.
- McNay, Anna (2004) *Information Structure and the Left Periphery in German*. Tese de Mestrado, University of Oxford.
- Meisel, J. M. and N. Müller (1992). "Finiteness and verb placement in early child grammars: evidence from simultaneous acquisition of French and German in

- bilinguals". Em Meisel (ed.) *The Acquisition of Verb Placement*. Kluwer Academic Publishers.
- Müller, Gereon (1996) "A Constraint on Remnant Movement," *Natural Language and Linguistic Theory* 14, 355-407.
- Munaro, Nicola (1998) "On some differences between exclamative and interrogative wh-phrases in Bellunese". Apresentado no workshop *Minimal Variation in the WH System*, Paris.
- Munaro, N. (1999) *Sintagmi interrogativi nei dialetti italiani settentrionali*. RGG Monographs, Unipress.
- Munaro, N. (2002) "Splitting up subject-clitic verb inversion". Em Beyssade, Bok-Bennema, Drijkoningen e Monachesi (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 233-252.
- Munaro N., C. Poletto & J-Y. Pollock (2001) "Eppur si muove! On Comparing French and Bellunese Wh-Movement". Em Roorick & Pica (eds.) *Linguistic Variation Yearbook*, John Benjamins, 147-180.
- Munaro, N. & H.-G. Obenauer (2002) "On the semantic widening of underspecified wh-elements." Em Leonetti et al. (eds.) *Current Issues in Generative Grammar*, Universidad de Alcalà-Universidad Autónoma de Madrid, 165-194.
- Munaro, N. & J.-Y. Pollock (2005) "Qu'est-ce que (qu)-est-ce que? A Case Study in Comparative Romance Interrogative Syntax. ". Em Cinque & Kayne (eds.) *Handbook of Comparative Syntax*. New York, OUP, 542-606.
- Nunes, C., L. Oliveira & L. Sardinha (1979) *Nova Gramática de Português*. Didáctica Editora.
- Nunes, Jairo (1995) *The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program*. Tese de Doutorado. University of Maryland.
- Nunes, J. (2004) *Linearization of chains and sideward movement*. MIT Press.
- Obenauer, Hans-Georg (1984). "On the Identification of Empty Categories". *The Linguistic Review* 4, 153-202.
- Obenauer, H.-G. (1994) *Aspects de la Syntaxe A-barre*. Tese de Doutorado, Université Paris VIII.
- Obenauer, H.-G. (2004) "Nonstandard Wh-questions and alternative checkers in Pagotto". Ms Université Paris 8. [Publicado em Lohnstein & Trissler (eds.) *Syntax*

- and *Semantics of the Left Periphery, Interface Explorations*. Mouton de Gruyter, 343-383].
- Obenauer, H.-G. (2006) "Special Interrogatives- Left Periphery, *Wh*-Doubling, and (Apparently) Optional Elements". Ms Université Paris 8. [Publicado em Doetjes & Gonzalves (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2004- Selected Papers from 'Going Romance 2004'*. John Benjamins, 247-273].
- Obenauer, H.-G. (2008) "Special interrogatives –microvariation and the left periphery". *XVIII Colóquio de Gramática Generativa*. Lisboa.
- Obenauer, H. G. e C. Poletto (2000) "'Rhetorical'" *wh*-phrases in the left periphery of the sentence". *Working Papers in Linguistics*, 10.1. Venezia, Centro Linguistico Interfacoltà. Università degli studi di Venezia, 121-151.
- Ordóñez, Francisco (1997) *Word Order and Clause Structure in Spanish and Other Romance Languages*. Tese de Doutoramento. University of New York.
- Ordóñez, F. (1998) "Post-Verbal Asymmetries in Spanish." *Natural Language and Linguistic Theory* 16 (2):313-345.
- Ouhalla, John (1993) "Functional categories, agrammatism and language acquisition". *Linguistische Berichte*, 143:3-36.
- Pearson, Matthew (2000) "'Tense' marking on Malagasy obliques and the syntax of telic events". Em Smallwood & Kitto (eds.) *Proceedings of AFLA VI. Toronto Working Papers in Linguistics*, 279-296.
- Penner, Zvi (1992) "The Ban on Parameter Resetting, Default Mechanisms, and the Acquisition of V2 in Bernese Swiss German". Em Meisel (ed.), *The Acquisition of Verb Placement*, 245-281. Kluwer Academic Publishers.
- Pesetsky, David (1987) *Wh-in-situ: movement and unselective binding*. Em Reuland & Meulen (Eds.), *The Representation of (In)definiteness*. MIT Press, 98-129.
- Pesetsky, D. (1992) *Zero syntax*. Ms., MIT.
- Pesetsky, D. (2008) *The Syntax of Music Syntax is the Syntax of Language*. University of Utrecht.
- Pesetsky, David & Esther Torrego (2001) "T-to-C Movement: Causes and Consequences". Em Kenstowicz (ed.) *Ken Hale. A Life in Language*. MIT Press. 355-426.
- Pesetsky, D. & E. Torrego (2004) Tense, case, and the nature of syntactic categories. Em Guéron & Lecarme (eds.) *The Syntax of Time*. MIT Press.

- Pesetsky, D. & E. Torrego (2007) The syntax of valuation and the interpretability of features. Em Karimi et al. (eds.) *Phrasal and Clausal Architecture: Syntactic derivation and interpretation. Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 101. John Benjamins, 262-294.
- Poletto, Cecilia (1993) "Subject clitic / Verb inversion in North Eastern Italian dialects". *Working Papers in Linguistics*, 3.1. Venezia, Centro Linguistico Interfacoltà. Università degli studi di Venezia, 95-137.
- Poletto, C. (2000) *The higher functional field: evidence from Northern Italian dialects*. OUP.
- Poletto, C. (2006) *Syntactic encoding of aspect in some Northern Italian dialects*. Ms. University of Venice.
- Poletto C. & J-Y Pollock (2000) "On the Left Periphery of some Romance Wh-questions". Em Rizzi (ed.) *The Structure of CP and IP*. OUP, 251-296.
- Poletto, C. & J.-Y. Pollock (2004) "On Wh-clitics, Wh-doubling in French and some North Eastern Italian Dialects". *Probus*, 16.2, 241-272.
- Poletto, C. & J.-Y. Pollock (2005) "On Wh-clitics, Wh-doubling and Apparent Wh *in situ* in French and some North Eastern Italian Dialects". Em Obenauer (ed) *L'architecture propositionnelle: la syntaxe de la périphérie gauche. Recherches Linguistiques de Vincennes* n° 33, 135-156.
- Poletto, C. & J.-Y. Pollock (2008) "Wh-Questions in Romance: the Case of Mendrisiotto and Some of its Consequences for the Analysis of French Wh-*in situ*". Em *Actes du 30e Colloque 'Going Romance'*. Paris, Mouton.
- Poletto, C. & J.-Y. Pollock (2009) "Another look at wh-questions in Romance: The case of Mendrisiotto and its consequences for the analysis of French wh-*in situ* and embedded interrogatives". Em Torck & Wetzels (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2006*, 199-258.
- Pollock, Jean-Yves (1989) "Verb-movement, Universal Grammar, and the Structure of IP". *LI* 20: 365-424.
- Pollock, J.-Y. (2000) "Subject clitics, Subject Clitic Inversion and Complex Inversion: Generalizing Remnant Movement to the Comp Area", Amiens (Syn.com).
- Pollock, J.-Y. (2001) "Three Arguments for Remnant IP Movement in Romance." In Di Sciullo (ed.) *Asymmetry in Grammar*. John Benjamins, 251-277.
- Pollock, J.-Y. (2008) "Wh-Questions in Romance: the Case of Mendrisiotto and Some of its Consequences for the Analysis of French Wh-*in-situ*". Apresentado no 18th

Colloquium on Generative Grammar (CGG18), Lisboa.

- Portner, Paul & Raffaella Zanuttini (2003) "Exclamative clauses: At the syntax-semantics interface". *Language* 79 Vol.1:39-81.
- Radford, Andrew (1982) *The syntax of verbal WH-exclamatives in Italian*. Em Vincent & Harris (eds.) *Studies in the Romance Verb*, Croom Helm, London, 185-204.
- Radford, A. (1990) *Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax*. Blackwell.
- Raposo, Eduardo (1994) *Affective Operators and Clausal Structure in European Portuguese and European Spanish*. Ms., University of California.
- Raposo, E. (1996) *Towards a Unification of Topic Constructions*. Ms. University of California.
- Raposo, E. (2000) "Clitic Positions and Verb-movement". Em Costa (ed.) *Portuguese Syntax: new comparative studies*. OUP, 266-297.
- Raposo, Eduardo & Juan Uriagereka (2004) "Clitic Placement in Western Iberian: A Minimalist View". *Mimeo*.
- Rizzi, Luigi (1982) *Issues in Italian Syntax*. Foris Publications.
- Rizzi, L. (1990) *Relativized minimality*. MIT Press.
- Rizzi, L. (1991) "Residual Verb Second and the Wh-Criterion, Technical Reports". *Formal and Computational Linguistics 2*, Université de Genève.
- Rizzi, L. (1997) "The fine structure of the left periphery". Em Haegeman (ed.) *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Kluwer, 281-337.
- Rizzi, L. (1999) *On the position of "Int(errogative)" in the left periphery of the clause*. Ms., Università di Siena. [Publicado em Cinque & Salvi (eds.) *Current Studies in Italian Syntax*. Elsevier, 287-296.]
- Rizzi, L. (2000) *Reconstruction, Weak Island Sensitivity, and Agreement*. Ms. Università di Siena.
- Rizzi, L. (2001) "Relativized minimality effects". Em Baltin & Collins (eds.) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Blackwell, 89-110.
- Rizzi, L. (2002) "Locality and Left Periphery". Em Belletti (ed.) *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*. OUP.
- Rizzi, Luigi & Ian Roberts (1989) "Complex Inversion in French", *Probus*, 1, 1-30.
- Ross, John (1967) *Constraints on variables in syntax*. Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology.
- Searle, J. (1969) *Speech acts: An essay in the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Searle, J. (1974) "Chomsky's Revolution in Linguistics". Em Harman, Gilbert (ed.) *On Noam Chomsky: Critical Essays*, Garden City, NY: Anchor Books, 2-33.
- Searle, J. (1979) *Expression and meaning*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Sells, Peter (1987) Aspects of Logophoricity. *LI* 18:445-481.
- Shapiro, L.P. & C.K. Thompson (1994) "The use of linguistic theory as a framework for treatment studies in aphasia". *Clinical Aphasiology*, 22:291-305.
- Shlonsky, Ur (1992) "Resumptive Pronouns as a Last Resort". *LI*, 23: 3:443-468.
- Simpson, Andrew (1999) "Wh-Movement, Licensing and the Locality of Feature-Checking.". Em Adger, Pintzuk, Plunkett & Tsoulas (eds.), *Specifiers: Minimalist Approach*. New York - Oxford: Oxford University Press, 231-247.
- Simpson, A. (2000) *Wh-movement and the theory of feature-checking*. Amsterdam: John Benjamins.
- Soares, Carla (2003) "The C-domain and the acquisition of European Portuguese: the case of Wh-questions". *Probus*, 15:1, 147-176.
- Soares, C. (2006) *La Syntaxe de la Périphérie Gauche en Portugais Européen et son Acquisition*. Dissertação de Doutoramento. Université Paris 8.
- Sola, J. (1992) *Agreement and Subjects*. Tese de Doutoramento, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Speas, Margaret (2004) "Evidentiality, Logophoricity and the Syntactic Representation of Pragmatic Features". *Lingua*. 114.3:255-276
- Speas, Peggy & Carol Tenny (2001) "Configurational properties of point of view roles". Em Di Sciullo *Asymmetry in Grammar*. John Benjamins, 315-344.
- Svenonius, Peter (2004) "On the edge". Em Adger et al. (eds.) *Peripheries: Syntactic Edges and their Effects*. Kluwer, 259-287.
- Takano, Yuji (1993) *Minimalism and Proper Binding*. Ms., University of California.
- Takano, Y. (2000) "Illicit Remnant Movement: an argument for feature-driven movement". *LI* 31:141-156.
- Torrego, Esther (1982) "More effects of successive cyclic movement". *LI* 13:561-565.
- Torrego, E. (1984) "On Inversion in Spanish and Some of Its Effects". *LI* 15:103-129.
- Travis, Lisa (1984) *Parameters and effects of word order variation*. Tese de Doutoramento, MIT.
- Uriagereka, Juan (1995) "Aspects of the syntax of clitic placement in western Romance". *LI* 26:79-123.

- Uribe-Etxebarria, Myriam (1991) *On the structural positions of the subject in Spanish, their nature and their consequences for quantification*. Ms., Univ. of Connecticut.
- Valldúví, Enric (1992) *A Preverbal landing site for quantificational operators*. CTWPL, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Vendler, Zeno (1967) "Facts and Events". Em Vendler *Linguistics in Philosophy*. Ithaca NY: Cornell UP.
- Viana, Maria do Céu (1987) *Para a síntese da entoação do Português*. Lisboa, CLUL-INIC.
- Vilela, Mário (1999) *Gramática da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Livraria Almedina. Coimbra.
- Williams, Edwin S. (1974) *Rule ordering in syntax*. Tese de Doutoramento. MIT.
- Williams, E. S. (2002) *Representation theory*. MIT Press.
- Williams, E. S. (2008) "The Locality of Focusing and the Coherence of Anaphors". Apresentado no *Workshop on Interface-based Approaches to Information Structure*, Setembro de 2008, University College of London.
- Zribi-Hertz, Anne (1989) "Anaphor binding and narrative point of view: English reflexive pronouns in sentence and discourse". *Language* 65:695-726.
- Zubizarreta, Maria Luisa (1998) *Prosody, Focus, and Word Order*. MIT Press.
- Zubizarreta, M.L. (1999) "Las Funciones Informativas: Tema y Foco". Em Bosque & Demonte. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Real Academia Española/Espasa Calpe, 4215-4244.